



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ÉRICA MANTOVANI MARTINS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E ATIVIDADE TURÍSTICA EM
BARREIRINHAS: CIDADE PORTAL DOS LENÇÓIS
MARANHENSES**

Londrina
2008

ÉRICA MANTOVANI MARTINS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E ATIVIDADE TURÍSTICA EM
BARREIRINHAS: CIDADE PORTAL DOS LENÇÓIS
MARANHENSES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria del Carmen
Matilde Huertas Calvente

Londrina
2008

ÉRICA MANTOVANI MARTINS

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E ATIVIDADE TURÍSTICA EM
BARREIRINHAS: CIDADE PORTAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria del Carmen Matilde Huertas
Calvente

UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira
UFPR – Curitiba – PR

Prof. Dr. Ângelo Spoladore
UEL – Londrina – PR

Londrina, ____ de _____ de 2008

DEDICATÓRIA

**À minha mãe,
ao Bruno, meu irmão,
ao Rafa, companheiro de todos os momentos.**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, por contribuir em minha formação como pesquisadora, mas principalmente pela dedicação, confiança e amizade.

A minha mãe, pelo financiamento integral deste estudo, por seu amor incondicional, por sonharmos juntas mais esta conquista, e principalmente por estar sempre comigo, mesmo de longe.

Ao Rafael, meu marido, por me ajudar a atravessar as situações difíceis desta caminhada acadêmica, e principalmente por me incentivar diariamente a buscar sempre o melhor caminho.

Ao meu irmão Bruno, pela colaboração durante a pesquisa de campo que foi de fundamental importância, pelas fotografias, e por sua amizade.

A minha avó Nina, por contar histórias e me mostrar como se deve viver a vida.

Ao meu pai, por sempre exigir boas notas na escola.

Ao tio Hernan, pela colaboração e amizade.

Aos meus primos Janaína, Jathir e Cainã, por estarem sempre próximos.

À Dona Elza, por ter sido uma verdadeira avó em Londrina.

À Edna, pelo apoio e amizade.

Ao Departamento de Geociências.

Ao município de Barreirinhas, Maranhão.

**“Entre o que somos e o que desejamos ser, entre os
impasses atuais e as possibilidades e esperanças,
jamais o homem e as regiões tanto necessitaram do
conhecimento. Tudo começa com o conhecimento do
mundo e se amplia com o conhecimento do lugar,
tarefa conjunta que é hoje tanto mais possível porque
cada lugar é o mundo”
(Milton Santos)**

MARTINS, Érica Mantovani. **Desenvolvimento local e atividade turística em Barreirinhas** – cidade portal dos Lençóis Maranhenses. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

Este trabalho verifica as transformações espaciais decorrentes da atividade turística e analisa as possibilidades para o desenvolvimento socioespacial local de Barreirinhas, cidade portal dos Lençóis Maranhenses. Aborda as principais características da atividade turística, faz reflexões sobre o turismo e o desenvolvimento local, e apresenta as características físicas e sócio-econômicas da cidade. Para a coleta de dados utiliza-se entrevistas realizadas em trabalho de campo, levantamento bibliográfico sobre o tema em questão e pesquisas na *internet*. Aponta como principais resultados a percepção que a população local tem em relação ao turismo, as mudanças no cotidiano ocasionadas pela atividade e as possibilidades de desenvolvimento local a partir desta. Conclui que o turismo pode colaborar com o processo de desenvolvimento socioespacial desde que este seja regulado por políticas públicas e que haja a participação da população local na gestão da atividade que ocorre em seu território.

Palavras-chave: Características da atividade turística. Processo de desenvolvimento socioespacial local. Lençóis Maranhenses. Barreirinhas.

MARTINS, Érica Mantovani. **Local development and tourism activity in Barreirinhas** – the entrance city to the Lençóis Maranhenses. 2008. 129 f. Dissertation (for Master's degree in Geography, Environment and Development) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

ABSTRACT

This work studies the spatial transformations as consequences of tourism activity and analyzes the possibilities for the social and spatial development at the locality of Barreirinhas, the entrance city to the Lençóis Maranhenses. The principal characteristics of the tourism activity are considered, altogether with some thoughts about tourism and local development. The physical and socio-economic features of the city are also presented. The data was obtained through local interviews in the field locality. Bibliography and research of the subject in the *Internet* completed the collection of information. As results, the local people's perception about tourism, the day-to-day changes occurred because of tourism and the possibilities of local development based upon it, are shown. It is concluded that tourism can contribute to social and spatial development, only if it is ruled by public policies and with the local people's engagement with the management of the activity that is to happen in their territory.

Keywords: Tourism characteristics. Social and spatial local development. Lençóis Maranhenses. Barreirinhas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Detalhe da arquitetura histórica de São Luís	27
Figura 2	– Mapa de localização dos Pólos Turísticos do Maranhão	28
Figura 3	– Beira Mar – São Luís	29
Figura 4	– Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.....	30
Figura 5	– Floresta dos Guarás	30
Figura 6	– Delta do rio Parnaíba – Delta das Américas	31
Figura 7	– Chapada das Mesas.....	31
Figura 8	– Localização da área estudada	61
Figura 9	– Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.....	64
Figura 10	– Vista aérea da sede do município de Barreirinhas.....	65
Figura 11	– Moradores do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.....	66
Figura 12	– Entrada da cidade – duna de areia localizada na região central	74
Figura 13	– Centro comercial de Barreirinhas.....	75
Figura 14	– Fotos de divulgação da paisagem dos Lençóis Maranhenses	78
Figura 15	– Caburé, Mandacaru e Lençóis.....	78
Figura 16	– Localização dos povoados de Mandacaru e Caburé	79
Figura 17	– Imagem das rotas de turismo nos Lençóis Maranhenses.....	80
Figura 18	– Fotos de meios de transporte utilizados por turistas para alcançar diferentes localidades no interior do Parque Nacional.....	81
Figura 19	– Local de parada dos carros diante do Parque Nacional	81
Figura 20	– Vista aérea do impacto à paisagem proporcionado pela instalação do resort.....	82
Figura 21	– Vista da área construída para atender à demanda turística.	82
Figura 22	– Vista da Prainha - duna localizada no centro da cidade	94
Figura 23	– Praça do Trabalhador	94
Figura 24	– Aspectos da Avenida Beira Rio.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Distribuição de renda no Brasil – 1999	49
Tabela 2	– Produção Agrícola de Barreirinhas no ano de 2004	69
Tabela 3	– Demonstrativo da distribuição dos estabelecimentos de ensino do município de Barreirinhas de acordo com a competência administrativa.....	70
Tabela 4	– Distribuição dos alunos do município de acordo com as séries e a competência administrativa das escolas do município	71
Tabela 5	– Mudanças ocorridas na cidade desde 2000	90
Tabela 6	– Apreciação sobre a atividade turística no município	91
Tabela 7	– Benefícios individuais proporcionados pela atividade turística	92
Tabela 8	– Inserção da população local no mercado de trabalho do turismo	92
Tabela 9	– A ação do turismo no ambiente	95
Tabela 10	– Ocupação dos entrevistados.....	97
Tabela 11	– Beneficiários do turismo na cidade	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Famílias brasileiras com renda média mensal entre 5 e 10 salários mínimos	48
Gráfico 2 – Rendimento médio mensal familiar em classes de salário mínimo no Brasil em 1999	49
Gráfico 3 – Distribuição dos domicílios com renda mensal domiciliar de até um salário mínimo por macro região geográfica do Brasil	53
Gráfico 4 – Comparativo entre os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) em escala municipal, estadual e nacional nos anos de 1991 e 2000	66
Gráfico 5 – Crescimento da população de Barreirinhas entre os anos 1991 e 2000 em relação ao local de residência.....	67
Gráfico 6 – Distribuição da população de Barreirinhas em 1991 e 2000 de acordo com o sexo.....	68
Gráfico 7 – Pirâmide etária da população de Barreirinhas no ano 2000	68
Gráfico 8 – Locais de lazer diferenciados.....	93
Gráfico 9 – Local de origem dos entrevistados	96
Gráfico 10 – Entrevistados que já visitaram os Lençóis Maranhenses	98
Gráfico 11 – Idade dos entrevistados.....	98
Gráfico 12 – Representatividade percentual das faixas etárias dos entrevistados em relação às faixas etárias da população.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABBTUR	Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo
CAEMA	Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão
CE	Ceará
CEMAR	Companhia Energética do Maranhão
EJA	Educação para Jovens e Adultos
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
J.K	Juscelino Kubitschek
MA	Maranhão
MA	402 Rodovia Trânsitorânea
MS	Mato Grosso do Sul
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONG	Organização não Governamental
PE	Pernambuco
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SÉC.	Século
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
	UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIFIL	Centro Universitário Filadélfia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS	17
1.1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA	17
1.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO BRASIL	22
1.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO CONTEXTO MARANHENSE	26
1.4 REDES DE FUNCIONAMENTO	32
1.5 DIFERENTES TIPOS DE TURISMO	36
2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL	43
2.1 REFLEXÕES ACERCA DO TURISMO, UMA ATIVIDADE SÓCIO-ECONÔMICA	43
2.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O TURISMO	48
2.3 DESENVOLVIMENTO.....	51
2.4 DESENVOLVIMENTO LOCAL	54
3 BARREIRINHAS – PORTAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES	60
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHAS	61
3.1.1 Configuração Territorial da Região	62
3.1.2 Aspectos Sócio-econômicos do Município	65
3.2 ASPECTOS DO TURISMO NA CIDADE	73
4 O TURISMO EM BARREIRINHAS – RESULTADOS OBTIDOS	84
4.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA SOB A ÓTICA DOS PROPRIETÁRIOS DE EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS.....	84
4.1.1 Restaurantes, Bares e Lanchonetes	85
4.1.2 Hotéis e Pousadas	87
4.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA E A POPULAÇÃO LOCAL.....	89
4.3 MUDANÇAS OCASIONADAS PELO TURISMO MEMÓRIA VIVA	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108

REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	119
APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS À PROPRIETÁRIOS DE EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DURANTE A PESQUISA DE CAMPO	120
APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS À POPULAÇÃO LOCAL DURANTE A PESQUISA DE CAMPO	121
APÊNDICE C – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A PESQUISA DE MEMÓRIA VIVA	122
ANEXOS	123
ANEXO A– REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE TRANSPORTE AÉREO NO BRASIL	124
ANEXO B– REPORTAGEM DE JORNAL SOBRE O TURISMO NACIONAL	125
ANEXO C– REPORTAGENS DE JORNAIS SOBRE O TURISMO NOS LENÇÓIS	126
ANEXO D– REPORTAGENS DE REVISTAS SOBRE OS LENÇÓIS MARANHENSES	128

INTRODUÇÃO

A atividade turística, além de ser uma prática social, é uma atividade econômica inserida no modelo de produção capitalista, que, como qualquer outra, interfere nas dinâmicas espaciais. Por isso as alterações espaciais decorrentes dessa atividade devem ser, também, objeto de análise da Geografia.

As transformações espaciais decorrentes da atividade turística podem ser observadas no município de Barreirinhas – MA. Por ser uma atividade recentemente instalada, as principais mudanças ali ocasionadas mantêm-se aparentes, tanto na memória dos moradores locais, quanto em sua própria infraestrutura urbana.

Vê-se necessário o reconhecimento de possíveis problemas sócio-econômicos gerados por estas transformações e, com isso, o estabelecimento de bases teóricas e empíricas para a proposição de alternativas de ações, públicas ou particulares, que possibilitem o processo de desenvolvimento socioespacial local no município estudado.

Por isso esse estudo teve por objetivo diagnosticar as transformações espaciais ocasionadas pela atividade turística em Barreirinhas, e com isso compreender as possibilidades para o desenvolvimento local do município. Para tanto, averiguar as diferentes esferas que constituem o espaço geográfico, sendo este o conjunto de relações sociais materializadas sobre a configuração territorial.

A pesquisa bibliográfica para embasamento teórico sobre turismo e desenvolvimento ocorreu junto ao acervo de livros da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Outros materiais como artigos, monografias, teses e reportagens foram utilizados na pesquisa através da *internet*. Materiais com informações sobre o município, como a Lei Orgânica Municipal e outros dados foram levantados junto à Prefeitura Municipal de Barreirinhas e à Secretaria Municipal de Educação, nos anos de 2006, 2007 e 2008.

Adotou-se o estudo de caso, uma metodologia voltada para a coleta de informações sobre determinado caso ou situação a ser pesquisada. As

informações foram colhidas por meio de leituras de jornais e revistas e de entrevistas com empresários ligados ao turismo, com a população e com representantes do governo local.

Também adotou-se a pesquisa de Memória Viva para se observar a percepção da população em relação ao turismo existente na cidade, e para a coleta de dados históricos culturais sobre o modo de vida dos moradores, possibilitando estabelecer comparações com a atualidade.

Portanto, tem-se que a atividade turística recentemente passou a ser vista como um rico objeto de estudos pela comunidade acadêmica. Em decorrência disso, neste trabalho, faz-se um breve apanhado sobre a história da prática do turismo no mundo, como ela se iniciou e em quais elementos se pautou para chegar às características atuais.

Ao tratar da escala nacional, o texto mostra os diferentes períodos políticos pelos quais o Brasil caminhou, e o papel do turismo dentro dos diversos planos de governo, analisando as influências políticas na população brasileira e internacional para a prática do turismo no território nacional.

O trabalho abre uma discussão sobre o meio técnico-científico informacional, considerando que este é a principal forma de realização do turismo sobre o território, ou seja, o turismo tem como infra-estrutura básica os meios de transporte e comunicação.

Esta infra-estrutura favorece a existência de tipos de demandas diferenciadas, que utilizam seu tempo livre das mais diversas formas, podendo fazer do turismo uma prática diferenciada, e que pode ser caracterizada e tipificada de acordo com o perfil ou o objetivo do próprio turista. Essas diversidades da atividade são apresentadas.

O segundo capítulo apresenta as características do turismo enquanto atividade econômica que apresenta aspectos prejudiciais à sociedade e ao ambiente exatamente por inserir-se no sistema capitalista como qualquer outra atividade econômica.

Essas características possibilitam reflexões acerca do turismo em relação à produção do espaço e, sobre o lugar e sua relação de horizontalidade. Reflexões necessárias à análise do desenvolvimento enquanto um processo possível, em escala local, ao município de Barreirinhas.

Os aspectos físicos e sócio-econômicos do município e sua região são apresentados no terceiro capítulo. Uma região propícia à atividade turística por suas características litorâneas, mas que apresenta problemas sócio-econômicos característicos dos municípios pobres da região nordeste. Apresenta-se ainda as características do turismo praticado na cidade que é o principal portal de acesso ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Por fim, são apresentados os resultados obtidos através do estudo de caso. São observadas as percepções dos proprietários de equipamentos turísticos e de representantes do governo local; da população local que apresenta ou não ligação direta com a atividade turística; e dos entrevistados de acordo com a metodologia de Memória Viva.

O quarto capítulo apresenta, em forma de textos, tabelas e gráficos, as informações obtidas e as observações feitas *in loco*. Estas observações e informações são analisadas de forma a caracterizar as principais transformações espaciais ocasionadas pelo turismo em Barreirinhas.

1 A ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Apesar de ser um objeto de estudo recente no meio acadêmico, a atividade turística não é uma prática social nova. Em decorrência disso, mostra-se neste capítulo um breve apanhado sobre a história da prática do turismo no mundo, como ela se iniciou e em quais elementos se pautou para chegar às características atuais.

Ainda com a intenção de esclarecer as características atuais da atividade, parte-se para uma análise em escala nacional, mostrando as transformações que, nos diferentes períodos políticos brasileiros, afetaram diretamente a prática do turismo no país, por vezes sendo esquecida pelos planos de governo, por vezes sendo incentivada fortemente.

A fim de se compreender a necessidade de infra-estruturas à atividade turística, parte-se para uma discussão sobre o meio técnico-científico informacional apresentado por Milton Santos e Maria Laura Silveira (2002).

Tendo em vista que os vários tipos de turismo resultam da oferta de diferentes infra-estruturas, criadas para atender à demanda de turistas conforme os seus diversos perfis, apresentam-se três autores e suas caracterizações ou tipologias para esta atividade, mostrando que ela é uma prática dinâmica que se afigura como um rol de infinitas possibilidades.

1.1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA

A atividade turística considerada pelo prisma da lógica atual só pôde se iniciar ao final do século XIX, após a Revolução Industrial, quando o direito humano de ir e vir rompeu com a servidão e permitiu o trabalho assalariado desterritorializado.

Antes da Revolução Industrial, o mundo era essencialmente agrário e as populações se mantinham fixadas à terra. As peregrinações eram uma das poucas formas de deslocamento existentes na Europa

medieval, onde as comunidades viviam presas, literalmente adscritas à terra, servos da gleba (CARNEIRO, 2001, p. 230).

Contudo, os deslocamentos sobre o globo terrestre não surgiram da prática do turismo, e sim da necessidade de sobrevivência. As primeiras viagens não tinham por finalidade o lazer ou a diversão; o motivo de tais viagens era algo mais intrínseco ao ser humano: a busca de suprimentos alimentares. Para o autor:

Os primeiros viajantes eram povos de cultura nômade, palavra que significa originalmente em grego 'pastar', denotando a atividade pastoril desses povos, que, por se deslocarem, não tinham casas e viviam em tendas (CARNEIRO, 2001, p. 228).

Foi somente com a vida moderna, com os sítios urbanos industrializados, com o cotidiano citadino, e com novos parâmetros culturais que passaram a valorizar a paisagem natural que a atividade turística popularizou-se; sendo, porém, a princípio, uma atividade praticada apenas por nobres e aristocratas.

A valorização cultural da viagem, a idéia ilustrada de que o conhecimento cosmopolita do mundo faz parte da boa educação surgiu tardiamente, apenas depois dos setecentos. [...] Tal processo foi simultâneo ao da 'invenção da paisagem', que ocorreu como manifestação de uma nova sensibilidade estética, só possível na medida em que se abstraía de um território a sua destinação precípua de recurso econômico (CARNEIRO, 2001, p. 236-237).

Nem sempre as viagens apresentaram o mesmo caráter turístico, por não denotarem o aproveitamento do tempo livre, mas sim o suprimento de novas necessidades. Assim, turismo em si só passou a existir quando do surgimento do tempo livre decorrente do trabalho assalariado, do cotidiano citadino, da necessidade de mudança de ares na vida moderna, e, sobretudo, com a valorização da paisagem, que passa a ser o elemento basilar da atividade.

Este elemento torna-se outro ponto a ser observado, posto que seu caráter atrativo alterou-se inúmeras vezes ao longo da história. A "invenção da paisagem" é considerada uma descoberta de sensibilidade estética da sociedade; entretanto, a partir desta pesquisa pôde-se constatar que a paisagem não é apenas um elemento de observação para a atividade turística, mas também um elemento

que muitas vezes é consumido como uma mercadoria, tendo, portanto, seu caráter econômico sobressaltado a partir da venda de destinos turísticos.

O valor estético da paisagem é aproveitado pelo turismo, que o transforma em objeto de compra e venda com o qual as agências de turismo e operadoras de viagens conseguem obter maiores lucros. A paisagem transfigura-se em mercadoria, sendo inserida nas lógicas de mercado do sistema capitalista, absorvendo as leis de oferta e procura.

Este valor é explicado por Seabra (1988, p. 99), ao escrever que “Os diferentes lugares terão para a sociedade valor diferenciado, tanto em função de uma divisão do trabalho pressuposta, como em função dos elementos naturais tornados recursos naturais, que explora”.

Assim, seguindo o pensamento da autora, a paisagem é transformada em recurso para ser explorada pelo trabalho humano. Torna-se uma fonte de riqueza, fazendo parte da relação capitalista entre trabalho e acúmulo de riquezas. A paisagem torna-se um bem material produzido e consumido socialmente. O valor (de uso) a ela atribuído, em função da sua utilização, corresponde a um valor estabelecido pelas operadoras e agências de viagens, que se expressa num preço (valor de troca).

O valor de troca se sobrepõe historicamente ao valor de uso, o que quer dizer que para usar, usufruir determinados atributos do lugar é preciso que se realize, antes de tudo, seu valor de troca. Por isso os processos de valorização do espaço passam, necessariamente, pela mercantilização do próprio espaço, concretamente pela mercantilização de lugares (SEABRA, 1988, p. 101).

É neste sentido, a partir da mercantilização do lugar, apresentada pela autora como uma ação capitalista – quando o valor e o preço se fundem no processo histórico – que a paisagem se torna algo passível de ser vendido, mercantilizado, torna-se uma mercadoria.

Um exemplo gritante dessa característica mercantil são pacotes turísticos com destino a Fernando de Noronha – PE. Tais pacotes figuram como uns dos mais caros do país e oferecem paisagens naturais e atividades em meio natural.

Sendo a paisagem uma mercadoria, seu consumidor é, logo, o mercado turístico, no qual, segundo Masina (2002), os consumidores, produtores e empresários são involuntariamente reunidos para definir o destino futuro da

atividade. Ou seja, é a mercadoria que forma o mercado na qual será exposta. É a partir da paisagem enquanto objeto de consumo que um local torna-se destino turístico por excelência, e não simplesmente pela sensibilidade estética que este mesmo local desperta. Assim:

No mercado turístico, a variável preço dos produtos e serviços turísticos é um fator básico e que determina o comportamento do consumidor. O nível de preço do mercado receptivo é um elemento restritivo de ordem econômica e que pode alterar o fluxo de demanda turística (MASINA, 2002, p. 25).

Cabe ao turista, quando faz uma viagem, a realização de uma satisfação pessoal pelo lazer. O consumidor pode não notar que consome uma mercadoria, mas muitas vezes essa satisfação pessoal é alcançada simplesmente pelo contemplar da paisagem.

Portanto, a paisagem desperta, sim, a sensibilidade estética do turista que se põe a observá-la. No entanto, a paisagem está suprimindo a necessidade de consumo deste turista, indivíduo que faz parte da sociedade capitalista – sociedade esta que, ao longo dos anos, promoveu alterações profundas no significado da palavra “necessidade”.

Com estas considerações, surge um questionamento: o que se faz necessário para que a paisagem seja tomada como mercadoria turística? Afinal, as paisagens utilizadas pela atividade turística são cada vez mais variadas.

As florestas, por muito tempo consideradas inóspitas por terem em sua constituição animais perigosos, árvores grandes com ambientes sombrios e úmidos, exatamente por essas características atualmente atraem visitantes em busca de aventuras ou mesmo de descanso em ambientes como estes. Isto mostra as mudanças no modo de ver o mundo natural para o ser humano.

No período colonial, as praias brasileiras foram desprezadas enquanto paisagens cênicas. As casas nobres eram construídas distantes delas e, até mesmo, com as fachadas voltadas para o interior, pois o mar era considerado um local sujo e mal cheiroso pela deposição de dejetos orgânicos.

Hoje, ao contrário, as praias são consideradas um dos principais atrativos turísticos brasileiros. O campo representou – e, por vezes, ainda representa

– o local de trabalho pesado e braçal, onde famílias dispunham de seus dias na lida com as lavouras e com o gado.

Atualmente, o campo representa o principal destino das pessoas que pretendem sair do cotidiano estressante das cidades grandes. Lugar onde possam praticar as atividades rurais e desfrutar do ar livre de monóxidos de carbono. Antes, porém, a natureza era tida como elemento que despertasse sentimentos de medo e terror aos homens.

Os Alpes eram vistos como ‘penhascos estranhos [...], ruínas e mais ruínas em montes monstruosos’, e só a partir da segunda metade do século XVIII que as montanhas começaram a ser vistas com admiração, embora fosse um maravilhamento pleno de terror diante da grandiosidade da natureza (CARNEIRO, 2001, p. 237).

Contudo, mesmo tendo a paisagem como elemento atrativo, este não pode ser considerado o único elemento responsável pelas viagens. Por isso Bahl (2004) tece uma diferenciação entre as viagens. Para ele, estas podem ter objetivos ou temáticas diferenciadas, e “[...] apesar de serem elementos fundamentais para o turismo, as viagens nem sempre possuem um caráter turístico, nem tampouco estão necessariamente vinculadas ao aproveitamento de um tempo livre” (BAHL, 2004, p. 31).

Assim, o autor direciona-se às viagens de negócios ou viagens para eventos, nas quais o aproveitamento do tempo livre não é o principal objetivo. Estas são viagens que vêm a contribuir com a rotina, e não com a fuga dela.

Para que as viagens se destinem ao preenchimento do tempo livre e, conseqüentemente, à mudança no cotidiano, o turista – que tenha a intenção de viajar com estes objetivos – deve dispor de dinheiro. Como somente os nobres eram possuidores deste dinheiro, durante anos o turismo foi considerado uma atividade aristocrática, e esta imagem só mudou a partir do século XIX.

É a criação do turismo de massa que o popularizou, criação ligada às transformações no mundo do trabalho – o surgimento das férias remuneradas e a diminuição da jornada de trabalho, o processo de urbanização e a melhoria dos meios de transporte (CALVENTE, 2004, p. 2).

Esses fatores citados por Calvente (2004) colaboraram para a disseminação do turismo de massa também no Brasil. Desta forma, considera-se

importante ressaltar alguns aspectos históricos e econômicos da atividade turística em nosso país.

1.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO BRASIL

As mudanças na prática da atividade turística também ocorreram em escala nacional. No Brasil, até mesmo os estudos sobre o turismo são recentes, e têm ganhado destaque nos últimos anos em função da representatividade desta atividade na economia nacional e no PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, pois se encontra inserida no setor terciário ou de serviços.

Aqui, a atividade turística foi estereotipada, até a década de 1980, por ser um turismo de sol e praia, e somente a partir destes anos a política de Estado Desenvolvimentista proporcionou novos investimentos, dando novo impulso econômico à atividade.

Carmo e Couto (1997) alertam que o caráter desenvolvimentista da política nacional iniciou-se em 1950, quando Getúlio Vargas – eleito presidente – declarou que a meta de seu governo era o desenvolvimento, e para alcançar essa meta realizou inúmeros empréstimos internacionais. Após sua morte em 1954, seu vice assume a presidência dando permissão à entrada de máquinas e equipamentos industriais no país.

No ano seguinte, o então presidente eleito, Juscelino Kubitschek levou ao extremo a idéia de desenvolvimento acelerado com o famoso *slogan* “cinquenta anos em cinco” e com a elaboração do chamado ‘Plano de Metas’ para o desenvolvimento.

Os planos do governo coincidiam perfeitamente com os interesses das grandes empresas multinacionais dos países desenvolvidos: o que elas desejavam era encontrar novas fontes de lucros nos países do chamado Terceiro Mundo, entre os quais se enquadrava o Brasil. Nosso país, então com uma população de cinquenta milhões de pessoas, mão de obra e matérias-primas baratas, apresentava condições ideais para aquelas empresas se instalarem no Brasil. A exploração desses recursos significava para elas a possibilidade de obter altos lucros, que eram remetidos aos países de origem (CARMO; COUTO, 1997, p. 142).

Por essa possibilidade de entrada em massa de capital internacional, em prol do desenvolvimento, o governo de J.K. teve de enfrentar as idéias nacionalistas que se opunham à dependência do Brasil ao capital estrangeiro. Entretanto, e apesar das dificuldades, o governo de Kubitschek chega ao fim em 1959, tendo como saldo um grande índice de crescimento econômico e também grandes índices de inflação e dívida externa.

As autoras mostram que o período de busca pelo desenvolvimento estava ainda no início. Em 1964 o golpe militar tira João Goulart da presidência e instala um regime militar no país que duraria vinte anos. O regime militar proporcionou ao país um considerável crescimento econômico, que ficou conhecido como “milagre brasileiro”. Os sucessivos presidentes militares concentraram-se no desenvolvimento industrial e econômico, o que transformaria as características da população brasileira.

O centro do processo acelerado de industrialização era o sudeste, e para lá fluíram inúmeros movimentos migratórios, principalmente da região nordeste. “Em 1970, cerca de vinte milhões de pessoas se deslocaram do campo, passando a viver em situações precárias nas grandes cidades, onde se aglomeravam em favelas, [...]” (CARMO; COUTO, 1997, p. 157).

As cidades foram infladas por migrantes pobres, mas também por uma classe de médio poder aquisitivo, o que incentivou o aumento da construção civil, de shoppings, e de supermercados; caracterizando a sociedade de consumo exagerado, incentivada pela propaganda televisiva que começava a atingir a um número maior de casas. O regime militar chegou ao fim em 1985; mas não os esforços do governo em alcançar o tão procurado desenvolvimento.

Naquele período o turismo no Brasil foi favorecido pela busca do desenvolvimento econômico, e também indiretamente incentivado pela então nova Constituição Nacional de 1988, que assegurava o direito à segurança e ao bem-estar, dando liberdade e incentivo aos cidadãos para usufruírem as férias remuneradas já garantidas pela lei 4.982 de 1925 (BRASIL, 2007).

A década de 1980 foi responsável pela configuração de um novo cenário sócio-econômico no Brasil, que pôde ser observado nos anos seguintes. A imensa dívida externa contraída pela política de Estado Desenvolvimentista em função da modernização, aliada às taxas de juros e à inflação ameaçavam o plano monetário e diminuía o poder aquisitivo da população.

Isso colaborava para que as diferenças econômicas do país ficassem cada vez mais evidentes. A acentuação da desigualdade entre os ricos e os pobres alterava significativamente o modo de vida da população, fazendo dela uma sociedade consumista.

Fatores como o aumento da população de rendas médias e o aumento do acesso à propaganda televisiva permitiram que o turismo no Brasil fosse concentrado na região nordeste. Afinal, dado o êxodo descomunal experimentado pela região na década de 1970, era necessário suprir às necessidades econômicas dos que ali permaneciam; o clima e as paisagens agradáveis ao turismo nos trópicos apenas colaboravam para tais fins.

É neste cenário que o turismo aparece como uma mercadoria de grande importância para o comércio nacional; uma mercadoria adquirida pelos grupos de médias rendas e principalmente pelos grupos mais ricos.

Durante a década de 1980 fervilharam ações da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) para a promoção do Brasil enquanto destino turístico, principalmente para sul-americanos, estadunidenses e europeus. Essas ações iam desde a divulgação até patrocínios a jornalistas e empresários que se dispusessem a conhecer o país para fazerem sua propaganda (SILVA, et al, 2003).

As ações da EMBRATUR nesta década também se empenharam na promoção do turismo nacional. A partir daí, o turismo no Brasil deixa de ser tão estereotipado, passando a reconhecer, como fortes atrativos para a prática da atividade, alguns lugares que fugiam da rota do sol e da praia. Com isso observou-se um forte crescimento do turismo interno brasileiro.

Dentre os possíveis exemplos dessa mudança de atitude com relação ao turismo está o das cidades históricas de Minas Gerais – que permitiam um turismo mais cultural – ou o da pousada do Rio Quente em Goiás – que foi o primeiro *resort* construído no Brasil e fornecia atividades mais familiares. A grande descoberta das atratividades da região amazônica também se deu neste período, fazendo de Manaus o destino mais procurado, por possuir estrutura adequada à recepção de turistas.

Percebe-se que o turismo no país passa a ter pólos regionais que chamam a atenção dos visitantes, geralmente oriundos de cidades próximas. Estas condições fortaleceriam o uso de estradas e rodovias para o deslocamento. A exceção seria Manaus, que inicialmente preparou-se para um público externo, mas,

por fim, acabou recebendo demanda interna que, assim como os estrangeiros, utilizavam-se do transporte aéreo.

Os destinos turísticos brasileiros não estavam abertos apenas para os estrangeiros. A mercadoria também estava ao alcance dos grupos ricos do Brasil, que naquela época valorizavam pouco as belezas nacionais, e tinham como destino principal a Argentina, a Europa e os parques temáticos da Disney nos Estados Unidos.

Na primeira metade da década de 1990, com a entrada do Plano Real em 1994, o dólar – moeda mais utilizada na compra de destinos internacionais – passa a ter valor quase igual ao do real (em alguns momentos nossa moeda passou a valer mais, ou seja, um dólar custava menos de um real). Este cenário político-econômico impulsionou as viagens internacionais realizadas por brasileiros, inserindo um novo grupo de rendas médias nesse mercado.

Porém, a demanda internacional apenas percebe o Brasil como um potencial destino após as mudanças ocorridas no regime cambial do país a partir de 1999, quando o preço do dólar começou a subir. Esta época e este evento econômico permitiram duas situações.

A primeira foi tornar a viagem barata aos estrangeiros que pagariam em dólar aqui, e a segunda foi frear as viagens internacionais dos brasileiros, visto que o poder aquisitivo do real caiu, opondo-se ao cenário apresentado entre os anos de 1980 e 1995. Como mostra Saab (1999), o país observava que:

Diversos fatores podem ser apontados como óbices ao crescimento do turismo internacional no Brasil, como, por exemplo, [...] carência de infra-estrutura completa de serviços turísticos [...], nível de segurança aos turistas ainda insatisfatório [...], carência de uma adequada infra-estrutura de transporte aos turistas [...], e carência de investimentos na divulgação do país no exterior e internamente [...] (SAAB, 1999, s/p.).

A partir do ano 2000, surgem no Brasil novas oportunidades de acesso aquisitivo aos grupos de média renda. São as empresas aéreas secundárias, que concorrem com as grandes empresas e oferecem preços mais acessíveis de passagens aéreas domésticas (Anexo A).

Os destinos passam a ser nacionais, as distâncias percorridas para se chegar ao local turístico passam a ultrapassar a escala regional, e turistas das

regiões norte e nordeste buscam destinos nas regiões sul e sudeste. Daí em diante, se favorece o turismo inter-regional no país.

Contudo, o que se tem atualmente no turismo brasileiro é um padrão muito parecido com o apresentado décadas atrás, quando a violência e a falta de estruturas ainda assombravam a atividade.

E apesar de novos investimentos em hotelaria e infra-estrutura e novas oportunidades de acesso, o turismo ainda é muito regionalizado no país, apresentando focos estrondosamente temporários de demanda, como a região de Bonito – MS, Fortaleza – CE (quando da inauguração de um famoso parque aquático), e por que não considerar aqui o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Esta demanda temporária faz parte do dinamismo no qual a atividade turística está inserida, e que faz com que muitos destinos turísticos apresentem crescimento rápido, evoluam para uma fase de estabilidade, para depois declinarem ou buscarem novas estratégias para sua recuperação (RODRIGUES, 2006).

O declínio também pode ser analisado pelo caráter consumista e modista da sociedade capitalista, dependente do usufruto de satisfação de acordo com as normas de ofertas do mercado, sempre regidos pela busca do maior lucro, favorecendo um consumo exagerado e instantâneo. Ou seja, as região que atraem turistas das mais distantes regiões do país, saem de moda.

Isso não significa que os exemplos acima não sejam ainda destinos muito procurados, mas sim que existe uma dinâmica com a qual a região turística deve adaptar-se para não perder sua atratividade, e até mesmo, que existem modismos no consumo do turismo brasileiro. Afinal, “[...] a propaganda comercial transforma lugares [muitas vezes] inóspitos em reais atrativos turísticos para uma demanda ainda não explorada” (SILVA et al, 2003).

1.3 A ATIVIDADE TURÍSTICA NO CONTEXTO MARANHENSE

Por este trabalho se tratar de uma pesquisa que tem como objeto um município maranhense, e tomando o cenário nacional como ponto de partida,

pode-se ter uma discussão sobre a atividade turística tendo como escala de análise o estado do Maranhão.

Até a segunda metade da década de 1990 o Maranhão (e conseqüentemente seus destinos turísticos) era considerado distante e muitas vezes inacessível aos turistas que se concentravam no eixo econômico do país. Ou seja, ao situar-se no limite entre o norte e o nordeste do Brasil, o estado tornava-se geográfica e economicamente distante dos moradores das regiões sudeste e sul.

A partir de 1997, quando o centro histórico de São Luís, capital do estado (Figura 01), recebeu o título de “Patrimônio Histórico da Humanidade” pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – o poder público tem tomado medidas de incentivo ao turismo no Maranhão.



Figura 1 – Detalhe da arquitetura histórica de São Luís.
Fonte: Maranhão, 2008.

Assim, tem-se o *Plano Integrado para o Desenvolvimento do Turismo no Estado*, implementado pelo governo estadual em 2000, que:

Tem como estratégia principal o incentivo ao turismo ecológico e cultural, que foram considerados nos diagnósticos como a principal vocação do Maranhão. Assim, o Governo do Estado está optando por um turismo de qualidade e buscando caminhos para a

sustentabilidade. Denomina-se Plano Maior e além das atividades de treinamento e sensibilização local, prevê também uma consistente campanha de “marketing”, de forma a quebrar o isolamento da região no cenário nacional e internacional (MARANHÃO, 2008, s/p.).

Este plano define cinco pólos receptores com o propósito de explorar a diversidade de ecossistemas existentes no estado (Figura 02). São eles: 1. Pólo São Luís – Alcântara (Figura 03); 2. Pólo Lençóis Maranhenses (Figura 04); 3. Pólo Floresta dos Guarás (Figura 05); 4. Pólo Delta das Américas (Figura 06); e 5. Pólo Chapada das Mesas (Figura 07).

Segundo Silva (2008) o plano definiu estratégias de promoção do turismo maranhense, além de estabelecer metas para a qualificação dos prestadores de serviço e para a participação das comunidades.

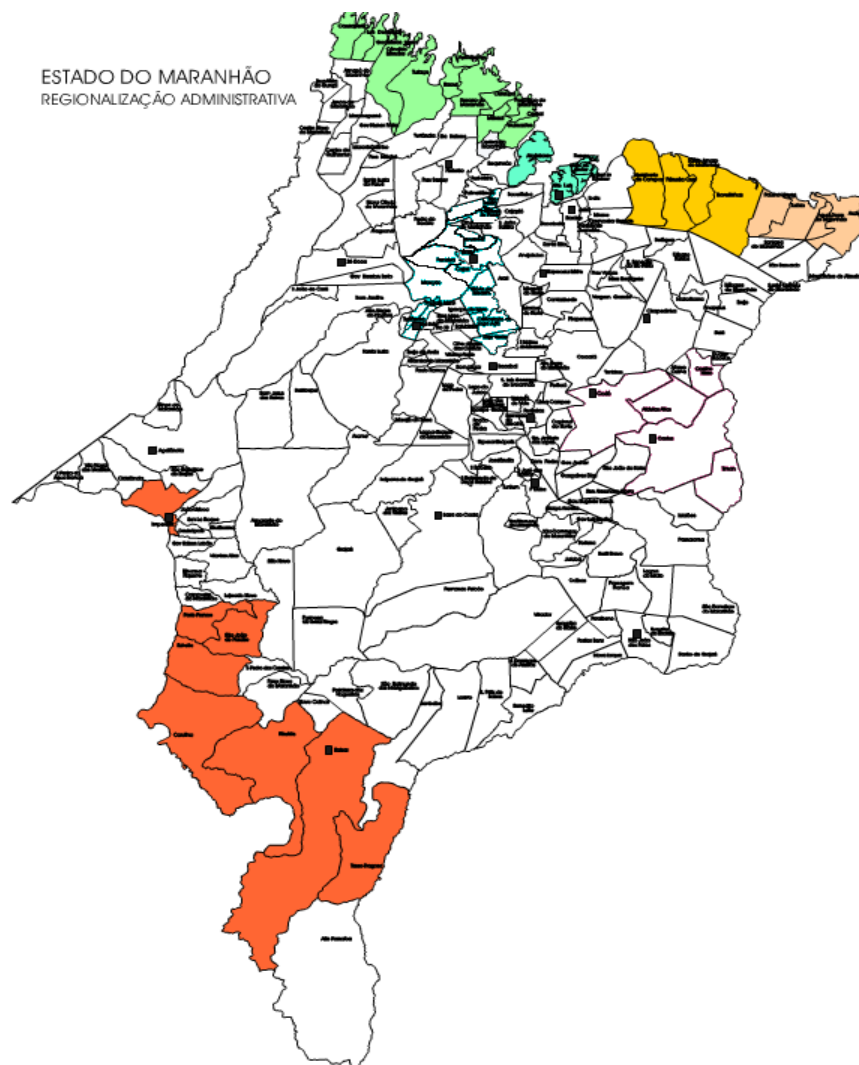


Figura 2 – Mapa de localização dos Pólos Turísticos do Maranhão.
Fonte: Maranhão, 2008.

Ainda segundo Silva (2008), o plano atenta para a necessidade de comunicação efetiva entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade para a organização de demais ações relacionadas ao setor turístico como viabilização de infra-estruturas, implantação de equipamentos turísticos e outros. Assim:

A singularidade paisagística existente no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses motivou os ensejos estaduais a se voltarem para o incremento dessa região. Para tanto, foi construída a MA-402 ou Translitorânea, interligando Barreirinhas a São Luís do Maranhão, reduzindo, assim, o tempo de viagem de nove para apenas três horas em média. Em seguida, iniciou-se um forte trabalho de mídia, com o intuito de levar as potencialidades turísticas do Estado, em especial, os Lençóis Maranhenses, ao conhecimento do público geral e, concomitantemente, fomentava-se a criação de estruturas e equipamentos turísticos. A era do turismo estadual foi, desse modo, definitivamente inaugurada, tendo à frente os Lençóis Maranhenses juntamente com o Pólo São Luís (SILVA, 2008, s/p.).



Figura 3 – Beira Mar – São Luís.
Fonte: Maranhão, 2008.



Figura 4 – Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.
Fonte: Maranhão, 2008.



Figura 5 – Floresta dos Guarás
Fonte: Maranhão, 2008.



Figura 6 – Delta do rio Parnaíba – Delta das Américas.
Fonte: Maranhão, 2008.



Figura 7 – Chapada das Mesas.
Fonte: Maranhão, 2008.

Com isso verifica-se a importância atribuída à região dos Lençóis Maranhenses para o turismo no estado. Além disso, nota-se forte investimento governamental em acessibilidade e em propagandas. Um exemplo disso são os *sites* oficiais da Gerência de Turismo do Maranhão e da Secretaria de Turismo do Estado que trazem como *slogan* as frases “Maranhão: uma grande descoberta”, e “Maranhão, a nova descoberta do Brasil”.

Contudo, mesmo tendo como principal atrativo o Pólo dos Lençóis, e com menor expressividade o Pólo São Luís – Alcântara, o estado investe ainda no reconhecimento dos outros pólos de atratividade, valorizando as potencialidades destes em seu *site* oficial e ainda em publicações e encartes de propagandas de livre circulação.

A partir deste cenário, pode-se concordar com Silva (2008) quando este considera o turismo uma das atividades que se mostram de grande importância para o setor econômico estadual em curta projeção temporal, haja vista os incentivos já materializados e a intenção de aproximar o estado do cenário nacional e internacional de destinos turísticos.

1.4 REDES DE FUNCIONAMENTO

As redes técnicas apresentadas por Milton Santos, quando trata do meio técnico - científico informacional, têm importância fundamental para a realização da atividade turística nas diversas escalas.

A ideologia do consumo, do crescimento econômico e do planejamento foram os grandes instrumentos políticos e os grandes provedores das idéias que iriam guiar a reconstrução ou a remodelação dos espaços nacionais, juntamente com a da economia, da sociedade e, portanto, da política (SANTOS; SILVEIRA, 2002, p. 47).

A partir da Segunda Guerra Mundial, as redes de transporte tornaram-se elemento indispensável para a organização dos Estados. Nos países subdesenvolvidos, onde as desigualdades tendiam a agravarem-se cada vez mais, era necessária a formação de Estados integrados.

A integração entre o território e a economia tornava-se mais rápida a partir de redes eficientes de rodovias e da organização lógica dos meios de transporte. Tratava-se da necessidade de adaptação ao modelo capitalista adotado pelos grandes países desenvolvidos.

Entre as décadas de 1950 e 1970, com a redução das migrações para o estado de São Paulo e com a condição econômica do país, vem à tona a necessidade de totalidade não apenas social, mas também política do Estado brasileiro. A partir dessas características,

Ampliam-se as redes de transporte, que se tornam mais densas e mais modernas; e, graças à modernização das comunicações, criam-se as condições de fluidez do território, uma fluidez potencial, representada pela presença das infra-estruturas, e uma fluidez efetiva, significada pelo seu uso. [...] Constitui-se uma rede de aeroportos no território nacional, entre os anos de 1949 e 1970, como resposta à necessidade de intercâmbios velozes. [...] À revolução dos transportes, testemunhada no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, segue-se, nos anos 70, uma revolução das telecomunicações [...] (SANTOS; SILVEIRA, 2002, p. 49).

Estas redes de movimentação fluida fazem com que o território deixe de ser visto como único. Ele deixa de ter contigüidade e passa a ser formado por áreas descontínuas – pontos e linhas que se tornam luminosos sobre o globo terrestre graças à tecnologia e à velocidade de movimentação de informação e mercadorias.

A informação e a tecnologia comandam o território, cada vez mais dominado pelas grandes empresas multinacionais que detêm a técnica das redes e usufruem as redes técnicas. Cidades recebem o status de “cidades-mundiais” por fazerem parte de rede mundial de informação e negociação e, com isso, o Estado-Nação perde sua autonomia e se subordina à esse controle empresarial. As redes que compõem o meio técnico-científico informacional criam e recriam regiões, manchas e pontos luminosos por onde a fluidez de informações é maior.

E é somente com as redes de transporte e com a comunicação que o turismo no Brasil torna-se uma atividade realmente praticável. Os avanços e investimentos neste setor foram tão expressivos comparados a outros investimentos econômicos brasileiros que o Fórum Econômico Mundial de 2007, realizado na Suíça, apresentou um estudo chamado Relatório de Competitividade de Viagens e

Turismo 2007, no qual o Brasil é classificado em 28º colocado nas categorias “redes de transporte aéreo” e “infra-estrutura dedicada ao turismo” (FRANÇA, 2007).

A princípio, esta não parece uma boa colocação. Porém, segundo o mesmo Fórum, o Brasil possui colocações muito inferiores em outras categorias vinculadas ao turismo em confronto com as analisadas.

Por exemplo, o Brasil é apenas o 59º país mais atraente entre os 124 que participaram da pesquisa, e chega a alcançar lugares ainda inferiores (Anexo B). Portanto, ao analisar-se a estrutura turística do país é possível afirmar, com ressalvas, que as redes de transporte aéreo alcançam maior patamar.

As ressalvas se devem ao fato de que este estudo foi realizado durante uma crise no setor aéreo brasileiro, quando muitos vôos nacionais ficaram impossibilitados de acontecer, passageiros ficaram ilhados em aeroportos sem qualquer assistência das companhias aéreas, vôos internacionais com destino as cidades brasileiras foram cancelados devido a greves de funcionários do setor e a problemas técnicos em aparelhos indispensáveis para o bom tráfego das aeronaves.

Enfim, é impossível não considerar este um problema para a prática do turismo internacional em nosso país, e até mesmo para outras categorias de turismo doméstico como o de negócios, por exemplo.

A crise eclodida em setembro de 2005 ainda perdura, e as conseqüências para o setor turístico ainda são notificadas por jornais. Ou seja, mesmo que o país tenha sido citado no Fórum Econômico Mundial por possuir uma boa colocação entre as redes de transporte aéreo internacionais, não é isso o que mostra a realidade atual.

Contudo, nas décadas passadas, foram as redes técnicas que tornaram possível o turismo de massa – em que os turistas buscavam principalmente as praias do nordeste do país. Praias e paisagens paradisíacas, hospedagem e alimentação relativamente baratas em comparação aos destinos europeus, e, principalmente, mão-de-obra barata trabalhando nesses estabelecimentos de atendimento à atividade.

Verdadeiros mundos dentro do país foram construídos. Resorts e restaurantes onde os funcionários recebem pouco e os turistas gastam muito. Finalmente, com o estabelecimento e a organização das redes de transporte, o turista de alta renda pôde escolher destinos nacionais para gastar seu dinheiro. Ao mesmo tempo, as pessoas de baixa renda puderam fazer viagens menos onerosas,

que estivessem dentro do poder de compra dos grupos de rendas médias e baixas do Brasil.

A partir das redes técnicas que atendem ao turismo, foi possível que empresas se utilizassem também deste setor para exercerem seu domínio. Através de uma pesquisa anterior¹, comprovou-se que a venda de pacotes turísticos no Brasil é monopolizada por operadoras como a CVC, que podem ofertar os destinos que melhor lhes convier.

Também a partir da organização das redes de comunicação, foi possível divulgar destinos nunca antes imaginados como turísticos. Com a informação acessível a todas as casas brasileiras, a propaganda torna-se a grande aliada do turismo. Jornais e revistas passaram a divulgar as belezas brasileiras e, até mesmo, as existentes no exterior (Anexos C e D).

A partir dos anos de 1990, a internet tornou a comunicação mais rápida. Compras de pacotes e reservas em hotéis puderam ser feitas sem que o turista precisasse sair de sua casa. Sua tarefa era comparecer ao local de partida e usufruir seu destino turístico.

E o mercado, graças exatamente à ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das idéias e informações, das ordens e dos homens (SANTOS; SILVEIRA, 2002, p. 52 – 53).

O espaço torna-se fluido, com finanças e informações se movimentando em tempos rápidos, homogeneizando o território, possibilitando deslocamentos para inúmeros fins, até mesmo para a prática da atividade turística, fazendo desta uma atividade econômica cada vez mais atraente aos proprietários de equipamentos turístico.

¹ Pesquisa que abordou a atividade turística e as redes técnicas partindo das agências de turismo de Londrina – PR, realizada pelo grupo de pesquisa do Projeto TERNOPAR – Turismo e Excursionismo Rural no Norte do Paraná, desenvolvido junto à Universidade Estadual de Londrina.

1.5 DIFERENTES TIPOS DE TURISMO

Por ser uma atividade social e também econômica, o turismo apresenta diversas formas pelas quais pode ser praticado. Tantas formas permitem tipificar o turismo em grupos, de acordo com o interesse do turista ou de acordo com a oferta do local turístico.

Em um estudo sobre investimentos rentáveis no turismo popular, Ripoll (2003) apresenta uma classificação para o turismo em que considera as características relevantes para o planejamento da atividade. A autora apresenta grupos que foram organizados no Quadro 01.

Grupo	Tipo de turismo
O lugar de destino, dentro do país, para onde seguem os viajantes que residem em outros países:	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo receptivo de internacionalização • Turismo de fronteira
O turismo dos que residem no país, de acordo com o destino das suas viagens:	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo interno • Turismo egressivo de fronteira • Turismo egressivo
Duração da viagem:	<ul style="list-style-type: none"> • Viagens de excursão • Viagens curtas • Viagens longas
Nível socioeconômico do turista:	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo de alta renda • Turismo de renda média • Turismo de baixa renda
Tipo de empresa que proporciona os serviços:	<ul style="list-style-type: none"> • Mercantil • Não mercantil
Forma de organização:	<ul style="list-style-type: none"> • Organizado • Não organizado
Motivo da viagem:	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo de descanso e recreação • Turismo de compras e serviços • Turismo de negócios • Turismo para outros propósitos
Meio de transporte utilizado:	<ul style="list-style-type: none"> • Aéreo • Terrestre • Aquático

Quadro 1– Classificação do turismo de acordo com características relevantes para o planejamento da atividade.

Organização: Martins (2007).

Fonte: Ripoll, (2003).

A autora separa o turismo internacional em dois grupos, de acordo com a região na qual os turistas se fixam no país visitado. O que denomina de *turismo de fronteira* é muito encontrado no Paraná; enquanto que no nordeste Brasileiro é muito encontrado o que ela chama de *turismo receptivo de internacionalização*.

Turismo interno é o praticado pela população dentro do próprio país, enquanto o *egressivo de fronteira* e o *egressivo* são praticados em países estrangeiros conforme o local visitado. A duração da viagem e os níveis sócio-econômicos dos turistas também são fatores analisados para a classificação do turismo em *excursionista, longa e curta*, e de alta, média e baixa renda.

A empresa contratada pode dar o caráter mercantil ou não ao turismo. E os motivos da viagem podem classificar o turismo em *turismo de descanso, de negócios* ou para outras finalidades. Por fim, Ripoll (2003) também considera o meio de transporte utilizado para o deslocamento, e o classifica em *turismo aéreo, terrestre* ou *aquático*.

Percebe-se que esta classificação é muito interessante quando se pensa o planejamento da atividade em um município ou uma região, por exemplo. Daí sua importância ressaltada neste trabalho, em que se pretende apresentar formas para que a atividade turística torne-se uma facilitadora da melhoria da qualidade de vida da população de Barreirinhas.

Trabalhando ainda com classificações que possibilitem futuras estratégias, apresenta-se aqui a diferenciação feita por Rose (2002), que classifica a atividade:

- De acordo com o volume de turistas:
 - Turismo de massa
 - Turismo individualizado

Para outra autora, o turismo de massa corresponde à terceira fase do turismo, que teve início na metade do século XX, e chegou ao seu auge nos anos 1980, quando “[...] o movimento de pessoas nos países desenvolvidos crescia assustadoramente, provocando a urbanização dos vales e montanhas da Europa e a expansão das localidades de forma desordenada” (MAGALHÃES, 2002, p. 26).

Para Rose (2002), o primeiro se refere aos grandes grupos de turistas que se deslocam até o destino turístico; enquanto que o segundo, aos

deslocamentos isolados, organizados pelo próprio turista, e não por agências, como no primeiro caso.

- De acordo com a direção do fluxo turístico:
 - Turismo emissivo
 - Turismo receptivo

Esta classificação diferencia os pólos emissores dos pólos receptores de turistas.

- De acordo com a amplitude das viagens
 - Turismo local
 - Turismo regional
 - Turismo doméstico ou nacional
 - Turismo internacional

Para o autor, o primeiro ocorre quando o turista se desloca até municípios vizinhos; o segundo, quando a viagem abrange um raio de 200 a 300 km do local emissor. O turismo doméstico ocorre quando a viagem ultrapassa os 300 km, mas permanece no mesmo país de origem do viajante; quando a viagem ultrapassar fronteiras entre países vizinhos ou 'não-vizinhos', caracteriza-se o turismo internacional.

Ainda assim, esta classificação não é feita diretamente sobre os tipos de turismo apresentados, principalmente, em nosso país. Para isso, encontra-se em Rose (2002) uma tipificação que considerasse o principal interesse do turista, assim como as características marcantes de cada destino procurado. A referida tipificação é apresentada abaixo.

Turismo de lazer: viagens realizadas por prazer, em qualquer lugar, em busca de novos conhecimentos e descanso. Cabe ressaltar que as categorias abaixo serão complementos desta, dado que, à exceção de algumas viagens de negócios e saúde (onde os motivos são estressantes), as viagens tornam-se prazerosas pelo simples deslocamento e apreciação de paisagens diversas do cotidiano.

Turismo de eventos: viagens para participação em acontecimentos como fóruns, simpósios, conferências, palestras, festivais, dentre outros. Segundo o

autor, cerca de 40% do turismo internacional acontece em função da realização de eventos.

Turismo de águas termais: deslocamentos à procura de estâncias de águas termais, tanto para tratamentos de saúde, como simplesmente para recreação.

Turismo desportivo: pessoas que se deslocam para participação em eventos esportivos, ou mesmo para assistir a esses acontecimentos. No país do futebol é muito comum o deslocamento de torcedores para assistirem partidas realizadas em outras cidades.

Turismo religioso: são deslocamentos para a visitação de locais santos. No Brasil é comum a peregrinação à cidade de Aparecida do Norte – SP. As religiões muçulmanas pregam que as pessoas devam peregrinar pelo menos uma vez na vida à Meca, sua cidade sagrada.

Turismo de juventude: esta categoria é elencada pelo autor para caracterizar viagens realizadas especificamente por estudantes que viajam para comemorar o término dos cursos.

Turismo social: é praticado por pessoas de baixa renda e geralmente subsidiado.

Turismo cultural: nesta categoria a principal atração é a atividade cultural. A viagem é feita para aquisição de novos conhecimentos sobre as diferentes culturas.

Turismo ecológico: Rose (2002) mostra que este tipo de turismo é praticado por pessoas que apreciam a natureza, a beleza do ambiente, o contato com o ar puro e que gostam de registrar fotos e filmes sobre a fauna e a flora do local.

Entretanto, Pires (1998) defende que *turismo ecológico* é uma terminologia superada. Para ele, o turismo ecológico, cujo conteúdo era inspirado na imagem e contemplação das belezas, foi substituído pela prática do ecoturismo, que tem os mesmos objetivos de contemplação e contato com a natureza que o turismo ecológico, e que também exprime de forma clara uma preocupação com a conservação do ambiente.

Porém, Calvente (2004) argumenta que para qualquer que seja o tipo de turismo praticado, este deve sempre ter a preocupação com o ambiente visitado, e que por isso o termo “ecoturismo” ainda é muito debatido na comunidade

acadêmica. Para ela, o ecoturismo poderia ser considerado um turismo em paisagens naturais: no qual atividades feitas ao ar livre possibilitassem a observação e o contato com paisagens naturalmente cênicas.

Turismo de compras: esta é uma prática encontrada em muitas outras modalidades, afinal as lembranças do local visitado sempre retornam na bagagem. Porém, aqui também entram as viagens realizadas com a finalidade específica de comprar.

No Brasil tem-se exemplos de pessoas que viajam à São Paulo a fim de comprar roupas; existe também pessoas que praticam viagens à Ciudad del Leste, no Paraguai, para comprar produtos eletrônicos a preços módicos. Este último exemplo se enquadra tanto nesta classificação de Rose (2002), quanto na classificação de Ripoll (2003), na categoria “turismo de fronteira”.

Turismo de aventura: aqui as atividades que proporcionam fortes emoções são os principais motivos da viagem. Atividades praticadas em locais inusitados, como o rapel (atividade desportiva em que o praticante utiliza-se de cordas para escalar ou descer elevações naturais como rochedos ou cachoeiras) ou a canoagem em corredeiras.

Turismo gastronômico: o que se tem à mesa é o motivo do deslocamento. Diferentes locais do mundo oferecem diferentes tipos de alimentação que podem ser descobertas através da atividade turística. No Brasil, comidas típicas das diferentes regiões ou estados podem ser o carro chefe da viagem.

Turismo de incentivo: são viagens ofertadas como prêmio. Algumas empresas oferecem este tipo de prêmios aos profissionais que se destacam em suas respectivas áreas de trabalho.

Turismo de terceira idade: a oferta de passeios de pequeno esforço e descanso reparador favorece a participação deste segmento da sociedade na prática do turismo. Em nosso país algumas agências e associações estão se especializando neste tipo de oferta.

Turismo rural: Rose (2002) apresenta esta modalidade como aquela em que o visitante participa de atividades próprias da zona rural, como tirar o leite do gado para tomar seu próprio café da manhã. Porém, Calvente (2004) alerta para possíveis confusões conceituais entre o que pode ser considerado rural, agrícola, ou agrário.

Em seu livro, a autora apresenta o conceito de García (1995) sobre o turismo rural, que seria uma atividade “[...] realizada em áreas rurais, composta por uma oferta integrada para o tempo livre, dirigida a uma demanda cuja motivação é o contato com o ambiente rural e que tem uma inter-relação com a sociedade local” (apud CALVENTE, 2004, p. 13).

Assim, o que Rose (2002) considera como *turismo rural*, considera-se mais adequado a um outro tipo de turismo, denominado *agroturismo*. Seria interessante mostrar aqui que outros autores consideram ainda o *agroturismo* um subtipo do turismo rural, que por sua vez também é considerado um ramo do *turismo em áreas rurais*, que abrange qualquer atividade turística realizada que se desenvolva em meio rural (CALVENTE, 2004).

Turismo de intercâmbio: este é muito praticado por estudantes do ensino médio, que buscam aumentar seus conhecimentos através do intercâmbio. Aqui, o estudante passa alguns meses em um país de língua estrangeira para aprender o idioma e a cultura local, e, geralmente, se hospeda em casas de famílias que também enviam seus filhos a outros países.

Turismo de cruzeiros marítimos: neste, a viagem é feita a bordo de cruzeiros que oferecem tudo ao turista dentro da própria embarcação. As viagens geralmente duram mais de uma noite e seu custo ainda é muito alto, mesmo para turistas de média renda.

Turismo de negócios: este foi, por muito tempo, o dilema tratado pela OMT (Organização Mundial de Turismo). Até o ano de 2006, a OMT apresentava discussões sobre este tema: se o deslocamento a trabalho seria ou não considerado uma atividade turística, por exemplo.

Só a partir deste ano é que ficou acordado que se a viagem tiver um período menor do que um ano, é considerada como prática turística; caso o período seja superior, a viagem passa a ser considerada apenas como trabalho, não mais como turismo (OMT, 2007).

Turismo técnico: são deslocamentos a locais e instalações para obtenção de conhecimentos e técnicas a respeito do mercado, e posterior aplicação em seus próprios interesses. Algumas empresas praticam este tipo de turismo.

Mesmo os trabalhos de campo do curso de Geografia podem ser enquadrados nesta modalidade turística, pois o objetivo principal deles é a busca pelo conhecimento empírico em determinada área da ciência geográfica. No entanto,

estes tipos de trabalhos são realizados através de deslocamentos que muitas vezes incluem gastos com hospedagens e alimentação.

Turismo de saúde: a viagem é feita em busca de tratamentos específicos de saúde em cidades que possuam clínicas e hospitais que se destaquem em alguns tipos de tratamentos.

Para concluir a busca pelas tipologias adotadas pela atividade turística, ressalta-se mais um tipo de turismo, apresentado por Calvente (2004), o Turismo educativo: em que os diferentes elementos da cultura podem ser apresentados, de modo a complementar o conhecimento individual do visitante, de uma forma educativa.

Mesmo concordando com os tipos de turismo aqui apresentados, alerta-se para a confluência de mais de um tipo de turismo a ser praticado numa mesma viagem. Pode-se ter, por exemplo, numa viagem ao campo, a prática do turismo rural ao mesmo tempo em que se pratica o turismo de saúde, gastronômico e de terceira idade.

O turismo de juventude pode ser praticado juntamente com o turismo de aventura, ou o desportivo. Assim como numa viagem de negócios, pode-se praticar o turismo técnico, gastronômico e de compras (CALVENTE, 2004).

Certamente existirão tipologias diferenciadas de turismo que não foram abordadas neste texto. E também não é objetivo deste esgotar as possibilidades para as diferenciações dos tipos de turismo, mas sim apresentar o turismo como uma atividade ampla em sua forma prática.

Exemplificar que diversos autores podem tratar a mesma forma de prática do turismo por nomenclaturas diferenciadas e demonstrar que diversas são as formas de análise da atividade turística. Poder partir do interesse do turista em relação às ofertas do local turístico e analisar os tipos de turismo praticados em Barreirinhas.

Finalmente, esta análise pretende comprovar que a atividade turística é um rico objeto de estudo para as ciências humanas por sua diversidade e amplitude e, principalmente, por refletir algumas características da sociedade em geral, daqueles que a praticam e daqueles que nela trabalham. Com isso, parte-se para a análise do turismo como atividade econômica.

2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

O turismo pode apresentar diferentes características ao se configurar espacialmente. Pode se mostrar uma atividade degradante e opressora, mas também se mostrar uma atividade geradora de renda e emprego para municípios pobres. Esta duplicidade é característica do sistema capitalista, e pode ser encontrada em qualquer outra atividade econômica neste contexto.

O que se apresenta a seguir são possibilidades para o desenvolvimento local a partir do caráter econômico da atividade turística, e prováveis mudanças acarretadas pela prática do turismo em cidades receptoras, principalmente em infra-estrutura e prestação de serviços.

Apresentam-se reflexões acerca da má distribuição de renda no país, e os reflexos na produção do espaço, considerando as verticalidades e as horizontalidades, e discussões sobre os questionamentos necessários para que o desenvolvimento socioespacial seja uma realidade.

E ainda são apresentadas reflexões sobre o lugar e suas relações de horizontalidade, necessárias para a compreensão do desenvolvimento em escala local e de suas possibilidades, levando-se em conta a atividade turística e o município de Barreirinhas.

2.1 REFLEXÕES ACERCA DO TURISMO, UMA ATIVIDADE SÓCIO-ECONÔMICA

A atividade turística, por envolver deslocamento e relações entre as pessoas do local e os visitantes, é uma atividade social. Contudo, seu caráter econômico também deve ser considerado, pois estas relações de pessoas, na quase totalidade das vezes, envolvem a troca de dinheiro por mercadorias.

Isso acontece tanto na compra de produtos, quanto na compra de atividades, como passeios. Numa viagem turística, estão envolvidas despesas com hospedagem, alimentação e aquisição de lembranças e produtos que tragam recordações do local visitado.

O visitante também pode adquirir passeios oferecidos pela comunidade em lugares onde a natureza permite diferentes elementos de observação e utilização. Portanto, este caráter econômico da atividade turística pode ser aproveitado como alternativa de renda para pessoas da localidade que se envolvam, por exemplo, com a produção de artesanato ou com o deslocamento dos visitantes.

A atividade turística pode proporcionar geração de renda e inserção de populações carentes na economia local, e ainda uma série de outros benefícios às populações locais. Por exemplo, “[...] em algumas situações concretas, o turismo pode permitir a manutenção do território de uma determinada cultura popular” (CALVENTE, 2004, p. 11).

É o caso de associações que existem para proporcionar reuniões nas quais danças e costumes populares são incentivados como características das festas populares dos locais. As diferentes culturas populares mantêm uma relação de poder e predominância, uma relação de territorialidade.

Disso pode-se depreender que o território do frevo no Brasil é o estado de Pernambuco, assim como os territórios do bumba-meu-boi são os estados do Maranhão e do Pará; e o território dos costumes gaúchos são os pampas do Rio Grande do Sul. Enfim, as características culturais de cada cidade ou região também são lembradas como atrativo para a atividade turística, e podem ser mantidas e incentivadas através desta mesma atividade.

Este é um assunto muito discutido: a conservação ou não da cultura local de destinos turísticos. A cultura não é algo estático. Ela é dinâmica e por isso pode passar por mudanças. Alguns hábitos das culturas locais podem ser substituídos por costumes externos, e essa característica pode ser vista até mesmo nos hábitos alimentares do brasileiro, que sofrem uma invasão do modelo ‘fast-food’ – característico dos Estados Unidos.

O que se pretende mostrar aqui é que existe uma linha muito tênue entre a conservação da cultura local e a destruição dela por causa da presença da atividade turística. Não é normal que se estagne a cultura para que ela vire uma atratividade para o turismo, mas também a adoção de culturas externas pode não ser a melhor opção. É preciso atentar para as necessidades naturais de algo dinâmico por si só, como a cultura.

Na cidade de Barreirinhas o costume popular de fiação das palhas da palmeira do buriti é incentivado com o comércio do artesanato, bem como com a festa da vaquejada, que ocorre no mês de julho, atraindo visitantes de toda a região. É preciso atentar para que esses hábitos culturais não desapareçam, e para a possibilidade de absorção natural de outros hábitos pela sociedade.

Outra forma de transmissão de valores culturais que também pode ser incentivada pela atividade turística são alguns valores educacionais. Afinal, uma população “bem educada” tem melhor capacidade de “tratar” com os visitantes. Ou seja, o nível de instrução da população local pode facilitar o contato com visitantes, e favorecer o retorno destes, pois como se ensina nos cursos de turismo, “é preciso tratar bem seu cliente para que ele faça boa propaganda do produto”.

Essa frase é comercial e pobre de solidariedade social. Trata o turismo como algo estritamente mercadológico e torna as pessoas meros compradores em potencial. Mas pode vir dela o estímulo necessário às políticas locais para investimento na educação da população – não apenas na educação básica, mas também em cursos profissionalizantes.

Seria a qualificação da mão-de-obra, que pode ser feita através de parcerias com o SEBRAE, uma instituição que atua local e regionalmente para “[...] atender ao segmento privado, embora desempenhe função pública e tenha sempre em consideração as necessidades do desenvolvimento econômico e social do País” (SEBRAE, 2008, s/p.).

Muitas vezes o município só tem sua infra-estrutura básica melhorada ou implantada quando a demanda turística aumenta, exigindo que obras sejam realizadas para a melhor recepção de visitantes. A população também extrai benefícios desta infra-estrutura.

Ruas asfaltadas, saneamento, iluminação pública, calçadas, abastecimento de água, revitalização de praças e áreas de lazer são exemplos a serem citados. Também pode ser viabilizada a instalação de um posto de saúde para o atendimento de visitantes, mas que provavelmente esteve desativado para o atendimento da população local.

Infelizmente, muitas vezes os poderes públicos só observam as reais necessidades da população quando esta se encontra em condições precárias, ou somente quando tais condições se tornam motivo para o afastamento da renda gerada pela queda de demanda turística para o local.

Contudo, a mesma população sofre com problemas cotidianos acarretados pelo aumento do fluxo turístico. Como é costume no comércio, quando a mercadoria é vendida para turistas, o preço é sempre maior do que o seu verdadeiro valor.

Essa regra, que muitas vezes é camuflada, passa a aplicar-se a todos os compradores em uma cidade pequena que se torna turística. Assim, comprar mantimentos e, roupas e divertir-se ficam mais caros também para a população local que, na maioria das vezes, não faz parte dos grupos com alto poder aquisitivo.

A população local muitas vezes perde os seus locais de lazer como praças e restaurantes, que passam a ser ocupados pelos turistas, causando uma periferização da própria população central. As pessoas passam a procurar locais para aproveitamento do tempo de lazer que sejam mais reservados, longe dos turistas.

Outros problemas são os acarretados especificamente pelo grande número de visitantes. Falha no sistema de abastecimento de água e esgoto, falta de mantimentos e água potável nos mercados, e interrupção do abastecimento energético. Problemas como estes são enfrentados por moradores de cidades turísticas que, na maioria das vezes, em períodos de férias, têm de suprir a necessidade de uma população flutuante muitas vezes maior.

Esses exemplos são muito comuns no litoral paulista nos meses de dezembro e janeiro. Em Barreirinhas, nos meses de alta concentração de turistas, quando vários equipamentos elétricos são ligados ao mesmo tempo a cidade fica no escuro durante algumas horas por sobrecarga do sistema elétrico.

Por isso, não se tem a ilusão de que a atividade turística é uma prática que só trará benefícios, como melhores condições de saúde e educação, saneamento e habitação, geração de renda e emprego, e incentivos culturais.

Na verdade, em alguns casos, o turismo pode trazer mudanças desastrosas, capazes de gerarem problemas sócio-econômicos, ambientais e culturais. Como exemplos têm-se a poluição das águas; a intensificação de tráfico de drogas e prostituição; e a perda da identidade territorial cultural do destino turístico.

Da mesma forma, o comércio de produtos e serviços pode servir de agravante para situações ruins. As relações comerciais podem fazer com que as

rendas e/ou os lucros sejam revertidos apenas ao comerciante final, os empresários locais ou empreendedores externos.

Neste caso, muitas vezes estes lucros e rendas não permanecem no município. Servem para aumentar as contas bancárias de grandes empresas ou empreendedores nacionais e internacionais, enquanto o produtor recebe uma parcela ínfima como recompensa por seu trabalho.

Estes conflitos podem ser minimizados quando a gestão da atividade conta com a participação de diferentes agentes internos e externos, a comunidade representada por líderes comunitários ou associações, e o poder público, cujo papel:

[...] não pode resumir-se a uma simples função reguladora da atividade econômica. Apesar da progressiva implantação, nas últimas décadas, de uma filosofia econômica mais liberal, em que o setor privado é o grande protagonista da atividade no mercado, cabe ao setor público estabelecer as condições adequadas para que as médias e pequenas empresas turísticas possam desenvolver com eficácia suas atividades econômicas (MASINA, 2002, p. 79).

A orientação sobre esta relação comercial deve ser feita de modo a beneficiar todos os que trabalham para a oferta do produto ou serviço final. Além de políticas públicas que ofereçam esta orientação, é importante o devido interesse da sociedade, pois parte-se do princípio de que a sociedade organizada é capaz de agir em prol da coletividade com mais eficácia do que o indivíduo. Portanto,

Não resta dúvida de que a participação do setor público no turismo é importante na medida em que, reduzindo o seu controle direto para a função mais reguladora, poderá fixar uma política de desenvolvimento do setor, induzindo um impulso gerador de renda e empregos (MASINA, 2002, p. 81).

Assim, buscam-se as possibilidades sociais nesta relação comercial do turismo. A partir do caráter econômico, pode-se ter uma consequência social. É o que Milton Santos chama *contrafinalidades* (CALVENTE, 2004; RODRIGUES, 2002). A utilização do caráter econômico para se chegar a um resultado social.

2.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O TURISMO

As relações econômicas possuem características que mostram que a concentração de renda não é feita apenas por mãos maiores (empresariais), mas também por um número maior de mãos (população de rendas médias). O gráfico 01 compara os anos de 1987 e 1996 para representar o aumento dos grupos de médias rendas no Brasil.

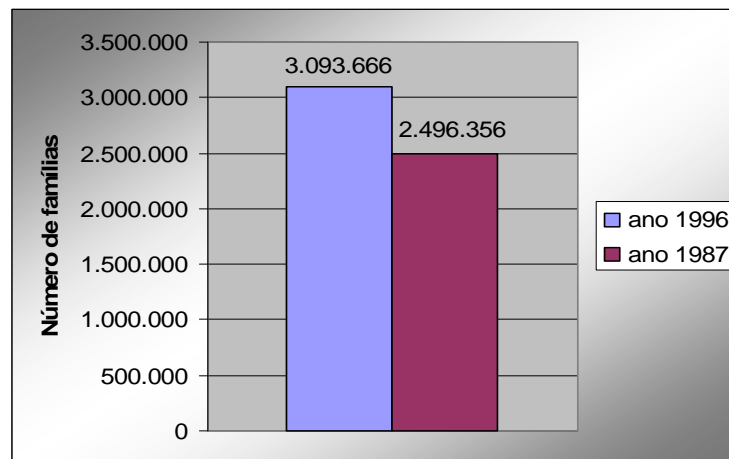


Gráfico 1 – Famílias brasileiras com renda média mensal entre 5 e 10 salários mínimos.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2008.

Ao mesmo tempo em que algumas empresas multinacionais favorecem a concentração de renda verifica-se a importância dos grupos de rendas médias. Um grupo cujo poder aquisitivo é intermediário, representado por um número significativo de indivíduos.

O aumento deste novo grupo social é fruto da capacidade que o sistema capitalista possui de se transformar para permanecer no controle econômico da sociedade. A transformação ocorre no momento em que uma parcela da sociedade é capaz de aferir rendas intermediárias entre pobres e ricos, não se extinguindo, portanto, o abismo existente entre essas duas últimas parcelas da população. A Tabela 01 e o gráfico 02 apresentam dados sobre esta má distribuição de renda no Brasil.

Tabela 1 – Distribuição de renda no Brasil – 1999.

Famílias por classes de rendimento médio mensal familiar – 1999*						
Brasil e Grandes Regiões	Até 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20	Sem** Rendimento
Brasil	27,6***	32,2	18,6	9,9	5,9	3,5
Norte	29,2	34,9	17	8,6	4,3	5,4
Nordeste	47,5	29,7	9,2	4,4	2,7	4,2
Sudeste	17,7	32,2	23,5	13	7,8	3,1
Sul	22,2	34,5	21,7	11,3	6,4	2,6
Centro-Oeste	26,7	35	17,9	9,2	6,5	3,4

Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999. IBGE, 2008.

*Em classes de salário mínimo. Salário Mínimo em Setembro de 1999: R\$ 136,00.

** Exclusive os sem declaração de renda. *** Valor percentual.

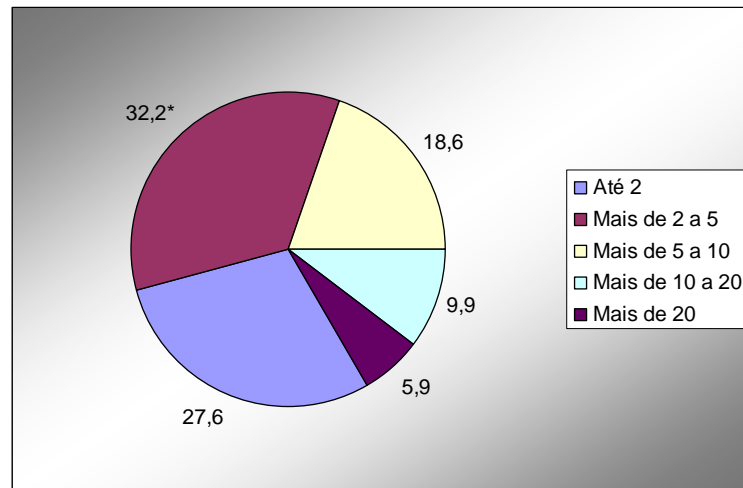


Gráfico 2 –Rendimento médio mensal familiar em classes de salário mínimo no Brasil em 1999.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2008.

* Valor percentual.

Este grupo representa uma parcela da população para a qual produtos e serviços são oferecidos com grande interesse em seu médio poder de compra. Estas características econômicas brasileiras são, na visão de Celso Furtado, um dos fatores para sua teoria do subdesenvolvimento que explica a quase estagnação da América Latina na últimas décadas (BRESSER-PEREIRA, 2002).

Portanto, o que se busca é a não-estagnação e a melhor distribuição da renda para se atingir maior grau de desenvolvimento em municípios como

Barreirinhas. Formas de desafiar as verticalidades, os pontos que asseguram o funcionamento global. Para isso são feitas análises a partir das relações de verticalidades e horizontalidades de Milton Santos.

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente. [...] As verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacências e da revolta (SANTOS, 2008, p. 284 – 286).

As verticalidade e horizontalidades se intersectam na produção do arranjo territorial das cidades. Na atualidade aumentam os fatores de coesão entre cidade e campo na formação de um todo de essências e existências; da totalidade (SANTOS, 2008). Essa coesão favorece o desafio à verticalidade. As cidades podem, então, se tornarem:

[...] o 'locus' de um novo tipo de planejamento, que desafie as verticalidades que as sociedades locais não podem comandar e imponham contrafinalidades, isto é, 'irracionalidades' do ponto de vista da racionalidade que lhes é sobreposta (SANTOS, 1997, p. 94).

Mesmo com a tendência de união vertical, o lugar se fortalece a partir das horizontalidades, “[...] a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2008, p. 288).

Assim, se as horizontalidades são o lugar das contrafinalidades, é nesta relação que se pretende fazer do caráter econômico do turismo um elemento a serviço do interesse coletivo, contrariando as lógicas produtivas hegemônicas, “[...] gerando benefícios que são apropriados localmente de forma mais equânime” (RODRIGUES, 2007, p. 16).

Verificam-se possibilidades para a ruptura com cenários pré-estabelecidos de condições sociais e econômicas a partir do estabelecimento de novas relações espaciais. E partindo do caráter econômico, fazer com que pessoas e famílias tenham oportunidades diante da atividade turística, esperando que o Estado assuma o papel regulador que evita a concentração de renda.

Sem este papel regulador do Estado, a renda vertida através do turismo pode concentrar-se nas mãos dos grupos mais ricos, voltando ao reforço das racionalidades verticais e ainda aumentando o abismo existente entre a pobreza e a riqueza; perdurando a desigualdade social por falta de organização tanto da sociedade quanto dos poderes públicos.

A contrariedade das lógicas produtivas hegemônicas leva a análises sobre a ruptura com cenários de desigualdade social e ao estabelecimento de novas relações espaciais nas quais as populações pobres possam experimentar o desenvolvimento. O desafio é analisar estas novas relações em municípios inseridos no contexto da atividade turística.

2.3 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento tratado aqui não é considerado sinônimo de crescimento econômico nem como aquisição de bens materiais, pois fazer isso é algo simplista, ilusório e arriscado, já que isso acontece a partir da concentração de renda, e tem como consequência a exclusão social (DOMINGOS, 2006).

O desenvolvimento tratado aqui é aquele que pode proporcionar uma sociedade menos desigual em sua economia e, conseqüentemente, que possa melhorar a qualidade de vida de populações pobres. Tratar este desenvolvimento somente como “econômico” é equivocado, pois a busca destes benefícios para a sociedade depende de um conjunto de outros fatores (sociais e humanos), e não somente do crescimento econômico.

Além disso, não se deve pensar o desenvolvimento em termos de solução de problemas isolados, sendo que há uma dependência relacional e complexa entre as diferentes dimensões sociais e econômicas da sociedade (KLIKSBURG, 1998).

O crescimento econômico é dado pelo aumento do PIB nacional, e não verifica a distribuição da renda entre os diferentes atores sociais, portanto, se apenas o crescimento econômico for analisado, é possível cometer o erro de “festejar” a concentração de renda, cujas conseqüências são desastrosas.

Por isso, “[...] é altamente significativo – e lamentável – que uma *noção* tão fundamental quanto a de desenvolvimento tenha sido reduzida [...] em uma idéia tão distante das necessidades mais elementares e do cotidiano dos homens e mulheres comuns” (SOUZA, 1995, p. 101, grifo do autor).

Entre alguns autores e pensadores das ciências humanas é quase consensual a idéia de que o crescimento econômico e o progresso não devem ser os únicos elementos responsáveis por um desenvolvimento significativo, idéia que vem contrapor a conotação simplista à qual o desenvolvimento foi levado.

Com efeito, para quem de fato quiser levar a sério a convicção de que o termo “desenvolvimento”, no essencial, e devidamente despido de carga ideológica conservadora (etnocêntrica e capitalistófila), deve designar um *processo de superação de problemas sociais, em cujo âmbito uma sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima*, o reducionismo embutido na idéia de “desenvolvimento econômico” precisa ser energicamente recusado (SOUZA, 2002, p. 18, grifo do autor).

É necessário pensar o desenvolvimento enquanto meio para alcançar a melhoria da qualidade de vida e a diminuição do abismo social existente em decorrência da concentração de renda ocorrida no Brasil, discutir o desenvolvimento buscando o fortalecimento das horizontalidades e o rompimento com as racionalidades econômicas dominantes (SANTOS, 2008).

Trata-se de uma atividade econômica cujas características mercadológicas são completamente inseridas na lógica capitalista de produção, e com a qual podem ser encontradas possibilidades para a superação de problemas sociais.

Barreirinhas é usada como exemplo para as discussões apresentadas neste trabalho, e para isso são feitas análises em escala local. Uma atividade que se concretiza em um pequeno município da região nordeste do país, e que compartilha dos mesmos problemas sociais característicos desta que é a região com maior índice de populações com baixa renda no Brasil (ver gráfico 03).

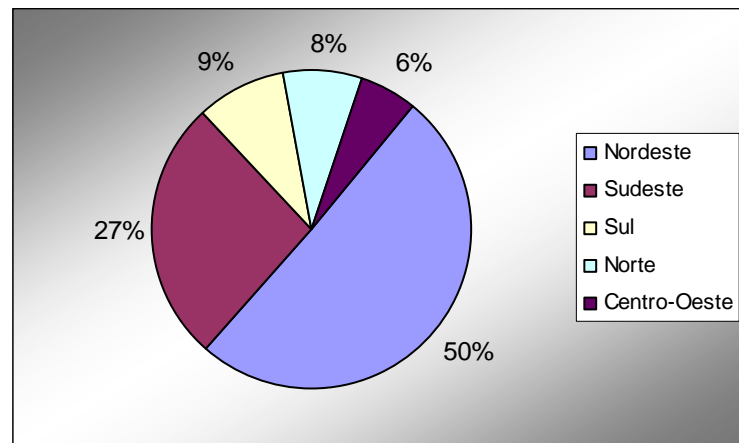


Gráfico 3 – Distribuição dos domicílios com renda mensal domiciliar de até um salário mínimo por macro região geográfica do Brasil.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2008.

Para se analisar o desenvolvimento local é preciso esclarecer que aqui o significado da palavra “desenvolvimento” coincide com o conceito de *desenvolvimento socioespacial*, “[...] um processo de superação de problemas e conquista de condições (culturais, técnico-tecnológicas, político-institucionais, espaço-territoriais) proporcionadoras de maior felicidade individual e coletiva [...]” (SOUZA, 2002, p. 18-19).

Assim, o desenvolvimento, do qual se trata aqui, não pode ser visto como um fim em si próprio. Os problemas a serem superados estão sempre sendo renovados dentro de uma sociedade caracterizada fatalmente pelas desigualdades sociais, afinal trata-se de uma sociedade inserida no sistema capitalista. Por isso o desenvolvimento deve ser um processo permanente.

Este processo permanente de desenvolvimento deve considerar simultaneamente “[...] diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia, política) e, também, do espaço natural e social” (SOUZA, 2002, p. 19).

Para que o desenvolvimento socioespacial se torne algo concreto é preciso inicialmente que questões políticas sejam consideradas, e posteriormente as questões relacionadas aos conceitos de autonomia, liberdade e território. Para Souza (1995) o desenvolvimento é gerado a partir da autonomia que a noção de liberdade dá às ações coletivas pela luta por manutenção de seu território.

Em suma, a conotação que se dá à palavra desenvolvimento é a de um processo que, considerando os elementos que constituem as relações sociais (inclusive o econômico), busque, se não solucionar, pelo menos minimizar os problemas decorrentes desta relação, e proporcionar melhores condições de vida às populações com pouco poder aquisitivo.

Pensar em como se dá a contribuição do turismo para o desenvolvimento socioespacial antecede uma série de reflexões que levam à conclusão de não haver uma única resposta. Mesmo assim se apresentam elementos metodológico para tais reflexões que giram, principalmente, em torno do seguinte questionamento: “*Quem ganha (ou pode ganhar) e quem perde (ou pode perder) com essa atividade?*” (SOUZA, 2002, p. 19, grifo do autor).

Com isso, não existem etapas possíveis de serem enumeradas para que ocorra o desenvolvimento. O que se tem são reflexões e considerações necessárias sobre elementos que participam da produção do espaço, e sobre conceitos abordados pela ciência geográfica que não serão esgotados neste trabalho.

2.4 DESENVOLVIMENTO LOCAL

O mundo chamado “globalizado”, no qual as lógicas produtivas se baseiam na concorrência e na busca da produtividade, gera um processo autodestrutivo de formação de uma “imensa sociedade de excluídos” (RODRIGUES, 2002, p. 55).

A economia globalizada é competitiva e desproporcional, afinal quanto maior a tecnologia de produção utilizada, menor é a necessidade de mão de obra trabalhadora, o resultado é o desemprego assombroso e o aumento da concentração de renda. Porém:

Na contracorrente da globalização (perversa ou não), de repente, o lugar aparece com toda força, porque é nos fragmentos que se assenta o global. Global não significa homogêneo, nem uniforme, muito pelo contrário, o global se alimenta das diferenças. [...] Deter-se no *lugar* significa abandonar a crença dominante nas soluções

pretensamente universais e opor-se a fórmulas externas (RODRIGUES, 2002, p. 58, grifo da autora).

Por isso, reflexões acerca do desenvolvimento como *local* são levadas pela força do lugar. Afinal, “Cada lugar é, a sua maneira, o mundo. [...] Mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2008, p. 314).

A problemática é pensar soluções de problemas sociais e gerar condições de melhor qualidade de vida para populações reais, residentes de um *lugar* com características próprias, únicas dali. E para isso considerar a combinação entre concorrência e cooperação; conflito e participação e; conhecimento prático e conhecimento científico (RODRIGUES, 2007).

Em 1978 a UNESCO já falava em *desenvolvimento endógeno*, uma proposta que sugeria a fuga de imitações mecânicas de sociedades industrializadas, e que “[...] as soluções seriam locais e não globais. As iniciativas deveriam originar-se nas culturas locais e com os potenciais de cada localidade [...]” (CORIOLANO, 2003a, p. 18).

É necessário compreender que se desenvolver socioespacialmente não significar alcançar os patamares de consumo dos países industrializados. Fica claro que não há um modelo de desenvolvimento eficaz para todo o globo. Não se pode querer importar modelos de soluções, tentar inserir no local soluções que funcionaram externamente, pois estas só se fizeram verdadeiras em um *outro lugar* que também possui suas características únicas.

É importante ater-se aos problemas e necessidades característicos de cada lugar, identificar os interesses de cada população e lembrar que, mesmo tratando-se de escala local, essa população não é homogênea, e sua complexa heterogeneidade pode levar a contrastes como o de:

[...] certos grupos ou segmentos [que] podem lucrar até mesmo com o turismo mais predatório (ou às vezes, justamente graças a ele: é o caso, não raro, do capital imobiliário, assim como de agenciadores e cafetinizadores de menores prostituídas), enquanto outros grupos podem ver-se seriamente prejudicados e ter suas estratégias de sobrevivência ou seu acesso a recursos vitais seriamente ameaçados (SOUZA, 2002, p. 20).

Ou seja, para identificar os problemas locais é necessário também conhecer cada grupo de atores sociais e verificar suas reais necessidades (a sociedade de consumo cria necessidades supérfluas), para não cair novamente no ciclo excludente do crescimento econômico.

O desenvolvimento local contraria a racionalidade hegemônica da economia globalizada, favorecendo a participação da sociedade e não apenas de empresas multinacionais e/ou transnacionais. E ao se sanarem os problemas locais, identificados com a participação da população, é possível caminhar rumo ao desenvolvimento, que se completa:

Quando todas as pessoas têm assegurados uma existência digna, um padrão de vida capaz de garantir a si e a sua família saúde, bem-estar, alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos, segurança, repouso e lazer, o desenvolvimento está atingindo a escala humana. E se esta realidade é experimentada em um lugar, ele estaria se desenvolvendo (CORIOLANO, 2003a, p. 26-27).

Mesmo que esta idéia de satisfação coletiva pareça uma utopia, ela “[...] é importante para ser colocada como meta, mesmo que não seja realizada completamente” (CALVENTE, 2000, p. 35). Com esta meta se faz necessário a identificação do turismo realizado nos Lençóis Maranhenses, e como este pode contribuir para o desenvolvimento socioespacial de Barreirinhas.

Por possuir em seu território uma unidade de conservação de paisagens indiscutivelmente atrativas para a atividade turística, Barreirinhas adotou o turismo como atividade complementar à sua economia. Afinal, em “[...] regiões carentes ou estagnadas são acatadas as atividades turísticas, com vistas à correção dos desníveis de desenvolvimento, na expectativa de que elas possam proporcionar um aumento na geração de renda e empregos [...]” (XAVIER, 2002, p. 61).

O caso de Barreirinhas apresenta desafios por se tratar de uma atividade já instalada, diferente de outros municípios potencialmente turísticos, onde a atividade ainda não se faz intensa e pode ainda se dar de maneira planejada quanto ao desenvolvimento socioespacial.

Um dos desafios é o de mudar as concepções da sociedade sobre uma atividade econômica, que se mostra opressora, excludente e que favorece os

grandes empresários, e apresentá-la com capacidade de beneficiar também os excluídos.

Em Barreirinhas o que se tem atualmente é a presença de um turismo “[...] global muitas vezes vinculado às redes internacionais de hotéis, resorts, sexo, drogas, lavagem de dinheiro, com fuga de divisas e sonegação fiscal” (CORIOLANO, 2003a, p. 25).

Ou seja, um turismo que se mostra predatório à sociedade e ao ambiente, uma atividade econômica como qualquer outra, imbuída de toda selvageria do sistema capitalista, e que pode se mostrar como uma aliada das desigualdades sociais.

Contudo, existem possibilidades de mudanças para esta visão da realidade. Existem formas de prática da atividade que podem não só favorecer os desfavorecidos economicamente, mas também construir uma identidade social mais sólida e autônoma para decidir suas próprias estratégias de interesses.

Como exemplo é possível citar “[...] o turismo interno, o doméstico que valoriza o lugar, que gera renda, que dinamiza a economia local, que protege o patrimônio natural, que recupera e preserva o patrimônio histórico cultural” (CORIOLANO, 2003a, p. 25).

Em Barreirinhas, assim como em outras áreas carentes do país, a população se preocupa com a sobrevivência e com a atenção de suas necessidades mais básicas, como saneamento, atendimento médico, e abastecimento de água e eletricidade.

Esses problemas primordiais podem ser sanados principalmente pelas ações do Estado (por se tratarem de necessidades básicas). Contudo, o turismo pode ser mais um vetor para adicionar ao processo de desenvolvimento sócio-espacial.

O interessante é ir além do estritamente básico. Favorecer melhor qualidade de vida, estimular a coletividade e participação popular na gestão dos recursos naturais e econômicos daquela região. Assim os atores sociais dali podem agir e interagir ativamente numa atividade que deve ser de seu próprio interesse. Afinal:

Se a maioria da população não puder participar livremente da gestão dos recursos socioespaciais de seu município, o turismo (e outras atividades) dificilmente corresponderão às suas expectativas e

casarão com seus interesses; dificilmente, portanto, o turismo tenderá a trazer desenvolvimento socioespacial duradouro (SOUZA, 2002, p. 20).

Como fazer do turismo um fator de desenvolvimento para os povoados em meio à “morraria”? Ou mesmo para outras populações distantes dessa realidade? Antes o turismo deve deixar de moldar-se às desigualdades, e contribuir com a minimização deste problema ao invés de agravá-lo. Só assim, “[...] ele estará, sem ressalvas, sendo um fator de desenvolvimento socioespacial” (SOUZA, 2002, p. 21).

Se o desenvolvimento vai além do âmbito econômico e é capaz de prover justiça social, é preciso pensar os meios pelos quais isto se torna possível. Claro que o desenvolvimento é provido a partir de ações governamentais, mas não só isso. A população organizada, ou seja, a sociedade, se utilizando de ferramentas, tanto da iniciativa privada quanto da provisão pública, tem também papel fundamental para que o processo de desenvolvimento ocorra.

Na busca pelo desenvolvimento local a partir do turismo tem-se como recorte de análise os “[...] territórios zonais de resistência [...] prenes de simbologia, onde predominam as relações de poder local, ancoradas nos princípios de liberdade e autonomia” (RODRIGUES, 2007, p. 19), e a partir deles estabelecer marcos valóricos, materiais, sinérgicos e endógenos. A autora explica que:

Como marco valórico objetiva-se a prática da democracia, a justiça, a ética e a solidariedade [...]. Como marco material [...] as condições de pleno emprego com dignidade, a distribuição eqüitativa dos benefícios e o uso de tecnologias de baixo impacto [...]. Como marco sinérgico a assumpção de um pacto coletivo que desenhe cenários tendenciais prováveis e desejáveis [...] onde os sujeitos locais engajados numa rede de relações estabelecem vínculos de cooperação, de solidariedade, de ajuda mutua. Como marco endógeno há que se valorizar o capital cognitivo, cultural, simbólico, priorizando a memória coletiva [...] (RODRIGUES, 2007, p. 22).

Coriolano (2003b) tem exemplos bem sucedidos de comunidades que formaram cooperativas no litoral cearense para superar a crise e combater o desemprego a partir da atividade turística já existente ali.

Outro exemplo, que não deixa de estar ligado ao anterior, são associações formadas para organização da produção de artesanato e outros

produtos que atendam diretamente ao turista. Essas associações e cooperativas são geralmente formadas a partir de ações de atores sociais que se destacam por exercerem liderança junto às comunidades das quais fazem parte.

Interessante é que “Se os caminhos são novos, o processo decisório exige um outro norte, demanda a mobilização das lideranças locais, em todas as fases do processo, ou seja, na concepção, implantação, gestão e monitoramento dos projetos” (RODRIGUES, 2002, p. 61). Por isso não se trata de uma população apática, que espera ser redimida pelo turismo, mas que deve ter um papel fundamentalmente ativo neste processo.

Esses agentes locais são mobilizados tanto através de programas de parcerias com universidades pública e com o SEBRAE, quanto por ONGs (organizações não governamentais). Se feitas a partir de ações governamentais merecem ressalvas, pois pode parecer “[...] uma nova estratégia de manipulação da opinião pública, travestida de processo de descentralização, passando a idéia de gestão territorial local, com base participativa, durante todo o processo” (RODRIGUES, 2002, p. 62).

Isto posto, pode-se partir para o estudo de Barreirinhas e para análises acerca das possibilidades para o desenvolvimento socioespacial local a partir do turismo como atividade econômica.

3 BARREIRINHAS – PORTAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES

Os Lençóis são uma manifestação geomorfológica de 155 mil hectares da “[...] Planície Costeira do Estado do Maranhão [que] possui o maior registro de sedimentação eólica do Quaternário da América do Sul, correspondendo a campos de dunas livres e fixas que juntos alcançam larguras de até 50 km [...]” (GONÇALVES et.al., 2003, p. 99).

Esta formação foi intitulada Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses por meio do Decreto Lei Federal 86.060, de 1981. Trata-se de uma unidade de conservação que integra os municípios de “[...] Barreirinhas, no qual estão dois terços de sua área, Santo Amaro, consistindo de quase um terço, e Primeira Cruz com o restante” (TSUJI, 2002, p. 26).

O IBAMA é o órgão responsável por sua administração. O Parque foi criado para a preservação de ecossistemas, educação ambiental e visitação pública, e se justifica porque “A preservação de um ecossistema único de dunas, mangues e restingas é muito importante. A área apresenta potencial para serem desenvolvidas atividades científicas, educativas, de recreação e de turismo” (IBAMA, 2008, s/p.).

O Plano Integrado para o Desenvolvimento do Turismo do Estado do Maranhão designou o município de Barreirinhas para portal dos Lençóis Maranhenses como uma estratégia para o desenvolvimento deste pólo turístico. Por isso, algumas vezes os outros municípios que integram a unidade não são lembrados.

Assim, este trabalho aborda o turismo praticado nos Lençóis Maranhenses, e tem como escala de análise o município de Barreirinhas. Para esclarecer: trata-se um município que serve de ponto de apoio aos turistas que procuram os Lençóis, e por isso sofre as influências diretas da prática da atividade.

Os passeios aos Lençóis são, em maioria, organizados de forma que o turista permaneça apenas uma noite na cidade, ou não realize a pernoite, caracterizando o excursionismo. Por isso o contato entre os visitantes e a população local é pequeno, mas as transformações espaciais não.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHAS

A maioria das populações residentes junto às unidades de conservação acabam por deter o controle das atividades recreativas e passam a fazê-lo por seus próprios critérios (D'ANTONA, 2003). É o que ocorre em Barreirinhas a respeito do turismo realizado no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, e o que norteia este trabalho.

Barreirinhas está localizada a 272 quilômetros a leste da capital maranhense, e a aproximadamente 30 quilômetros da costa, sob as seguintes coordenadas geográficas: latitude $2^{\circ}45'12''\text{S}$ e longitude $42^{\circ}49'33''\text{O}$ (Figura 08).

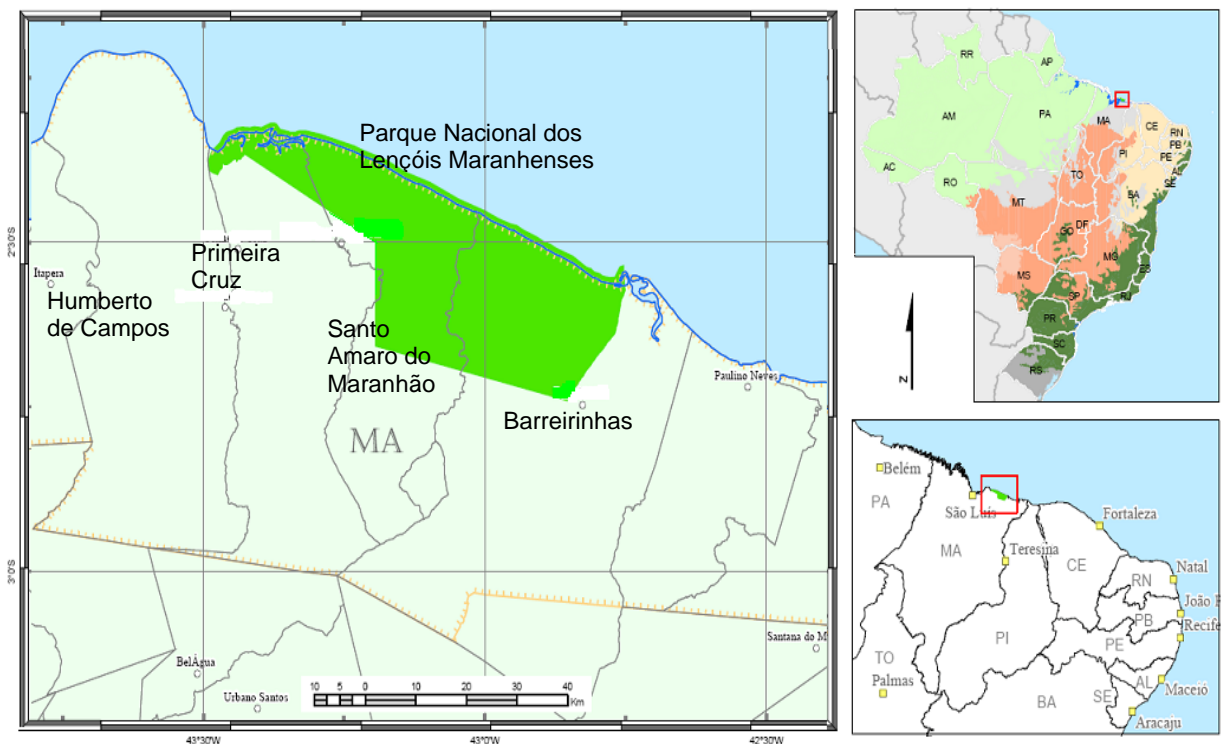


Figura 8 – Localização da área estudada.

Fonte: IBAMA, 2005.

O município limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; a leste com os municípios de Paulino Neves e Tutóia; ao sul com Urbano Santos e Santa Quitéria do Maranhão; e a oeste com os municípios de Santo Amaro do Maranhão e

Primeira Cruz. Situa-se na Mesorregião do Norte do Maranhão, e na Microrregião da Baixada Oriental Maranhense ou Microrregião dos Lençóis Maranhenses (IBGE, 2007).

O acesso à Barreirinhas se dá pela Rodovia Estadual MA 402, e por estradas vicinais internas, usadas por moradores dos povoados rurais. Partindo da capital é possível o acesso terrestre, marítimo/fluvial e aéreo (em aviões de pequeno porte).

Sua povoação data de 1850, e provavelmente o ponto escolhido à beira do rio Preguiças foi “[...] em virtude da fertilidade de suas áreas circunvizinhas e devido à abundância de peixes. Essa denominação de Barreirinhas se deve às barreiras ou ladeiras, isto é, elevações de areia misturadas com material argiloso que ladeia o rio” (TSUJI, 2002, p. 26).

Até fins da década de 1990, a região era considerada, por seus moradores, apenas como um deserto, cujas areias eram motivo de pesar, pois não colaboravam com a economia local, que é pautada, em sua maioria, na subsistência, com o cultivo de mandioca, arroz, algodão, pesca e criação de animais de pequeno porte (TSUJI, 2002); além do caju, do qual é extraída a castanha comercializada.

Barreirinhas teve seu nome oficializado em 10 de outubro de 1835 e, tornou-se distrito em 1871, pertencente ao município de Tutóia, com sede na Vila de Barreirinhas. A emancipação da cidade data de 29 de março de 1938. Seus povoados mais antigos são banhados pelo rio Preguiças, entre eles destacam-se: Santo Antônio, Barreira Velha, Alto Bonito e Morro Alto (INAGRO, 2008).

3.1.1 Configuração Territorial da Região

As atratividades turísticas dos Lençóis estão no fato de estes serem um conjunto de dunas repletas de lagoas pluviais, ou seja, é na configuração territorial dos Lençóis Maranhenses que se podem encontrar os elementos que constituem o turismo ali praticado.

A região apresenta temperaturas elevadas durante todo o ano, com máximas de 32°C e mínimas de 22°C. Essas temperaturas elevadas favorecem o

turismo do tipo sol e praia, muito praticado na região nordeste do Brasil. Em Barreirinhas este turismo se manifesta sobre as dunas e lagoas do Parque Nacional.

O clima úmido favorece os altos índices pluviométricos, que variam entre 1.600 e 1.800mm ao ano, caracterizando duas estações bem definidas: o período de secas e o período de chuvas (INAGRO, 2008). A estação chuvosa perdura entre os meses de janeiro e julho, e concentra 88% das precipitações anuais. Esse período serve de reabastecimento para as lagoas pluviais dos Lençóis, levando a entender o mês de julho como período de alta temporada para a visitação, em decorrência da cheia e do período de férias escolares.

A vegetação é característica de regiões litorâneas com dunas, restingas e manguezais. Verificam-se florestas herbáceo-arbustivas, esclerofilas e psamófilas das dunas anteriores. (INAGRO, 2008, s/p.). Ao sul encontra-se vegetação de transição entre o cerrado e a caatinga. Os solos predominantes são de origem marinha pouco desenvolvidos, formados pela ação dos ventos e com baixa fertilidade natural. (INAGRO, 2008, s/p.).

Trata-se de uma baixada litorânea, com linhas de praias e restingas, dunas móveis e fixas, tabuleiros e planícies flúvio-marinhas. Por isso a influência das marés se manifesta quilômetros adentro, e pode ser percebida pela água salobra do rio Preguiças.

Nas margens deste rio, ao longo de seus 20 quilômetros de extensão, fixam-se temporariamente famílias inteiras, nômades, que vêm em busca de fartura em forma de peixes. O Rio Preguiças corta o Parque Nacional, dividindo-o em Grandes e Pequenos Lençóis (Figura 09), e é muito utilizado para navegação de pequenas e médias embarcações.

Nesse ambiente está toda uma riqueza de vegetação onde se destacam buritizais, cajueirais e coqueirais, juntamente com os encantos do Rio Preguiças que corta a cidade com a complementação dos manguezais e a beleza de praias e dunas intercaladas por lagoas, formadas pela água da chuva. O Rio é fonte de economia e diversão, Dele saem os peixes para o alimento e o comércio da população ribeirinha (INAGRO, 2008, s/p.).



Figura 9 – Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Fonte: BARRATUR, 199–.

Portanto, o rio Preguiças, muito utilizado para a prática da atividade turística, é o principal rio da região dos Lençóis Maranhenses, e a origem de seu nome é atribuída ao fato de suas águas correrem preguiçosamente até a foz.

A região apresenta a combinação de elementos característicos de áreas litorâneas, com praias, dunas, mangues e sol a maior parte do ano. Essas características são muito propícias para a prática da atividade turística, pois se tornam atrativas principalmente pela diversidade e naturalidade da paisagem (PIRES, 2002).

Ou seja, a configuração física da região proporciona elementos diversificados e essencialmente naturais (como florestas ladeadas por praias e rios), que formam paisagens únicas e, que se tornam atrativas, ao turismo, exatamente por sua singularidade.

3.1.2 Aspectos Sócio-econômicos do Município

Barreirinhas tem população total de 39.669 habitantes distribuídos em 3.111 km² de área (IBGE, 2007). Apesar de possuir o núcleo urbano organizado (Figura 10), o município possui 227 povoados rurais distribuídos em ilhas sobre o rio Preguiças e até mesmo espalhados dentro do Parque Nacional (Figura 11).

Esses povoados são formados por famílias inteiras que têm na sua relação com o lugar a fonte dos meios de sobrevivência. Por se tratar de uma unidade de proteção integral, de acordo com a legislação ambiental (Lei n. 9.985 de 18 de junho de 2000) essas pessoas devem ser indenizadas e realocadas mas, enquanto isso não acontece, podem permanecer na área, desde que não agridam o ambiente e vivam tradicionalmente (FIORILLO, 2008).

Homens e mulheres representam números muito próximos nos dois últimos censos realizados. A população, que é jovem, está distribuída entre 13.209 habitantes na zona urbana e 26.460 na zona rural segundo o Censo de 2000 (IBGE, 2007), mas a diferença do contingente populacional entre áreas urbana e rural já foi muito maior.



Figura 10 – Vista aérea da sede do município de Barreirinhas.
Fonte: BARRATUR, (199-).



Figura 11 – Moradores do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.
Fonte: El Diário, 2008.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Urbano no Brasil (PNUD, 2008), o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de Barreirinhas no ano 2000 foi de 0,543, um índice baixo se comparado com os índices estadual e nacional (gráfico 04). Verifica-se que entre os anos de 1991 e 2000 este índice aumentou 0,079 pontos, enquanto o índice nacional aumentou apenas 0,072. Mesmo com esse crescimento, o IDH de Barreirinhas deixa muito a desejar em relação à capital do estado, cujo IDH é de 0,778.

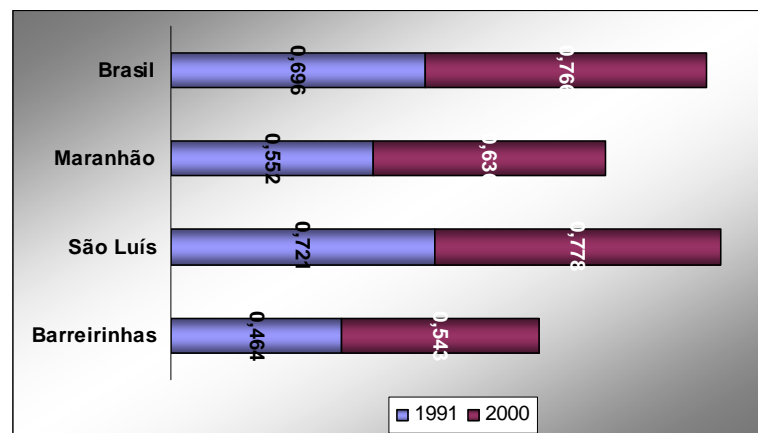


Gráfico 4 – Comparativo entre os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) em escala municipal, estadual e nacional nos anos de 1991 e 2000.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: PNUD, 2008.

De acordo com o censo de 1991, a cidade era essencialmente rural, com um número de habitantes nesta área de 22.192 enquanto na zona urbana encontravam-se apenas 7.442 habitantes, totalizando uma população consideravelmente menor com 29.640 habitantes. Os gráficos 05, 06 e 07 sintetizam esses números e mostra o crescimento populacional no município.

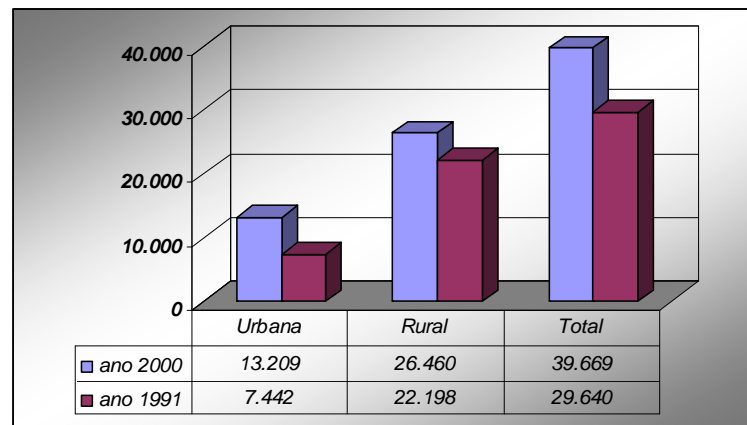


Gráfico 5 – Crescimento da população de Barreirinhas entre os anos 1991 e 2000 em relação ao local de residência.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2007.

Esta mudança de característica pode ser explicada por diversos fatores. A população total teve seu aumento causado por migrações. O aumento expressivo da população urbana causou a descaracterização rural do município. Este aumento se deu pela incapacidade produtiva do espaço agrícola, e pela intensificação da atividade turística, que proporcionou mais ofertas de empregos na cidade.

A população urbana também aumentou em decorrência da chegada de barcos pesqueiros do nordeste, que foram expulsos do local de origem pela mecanização da pesca costeira, levando pescadores artesanais a procurarem outras águas.

As principais atividades geradoras de renda das comunidades circunvizinhas aos Lençóis até há pouco eram a pesca artesanal e a fiação de palhas de buriti. Em Barreirinhas destaca-se também o cultivo de cana de açúcar,

milho, banana, laranja, feijão e melancia como atividades secundárias, de menor importância econômica. O cultivo de mandioca, principal produto agrícola, possibilita a produção da farinha de tapioca.

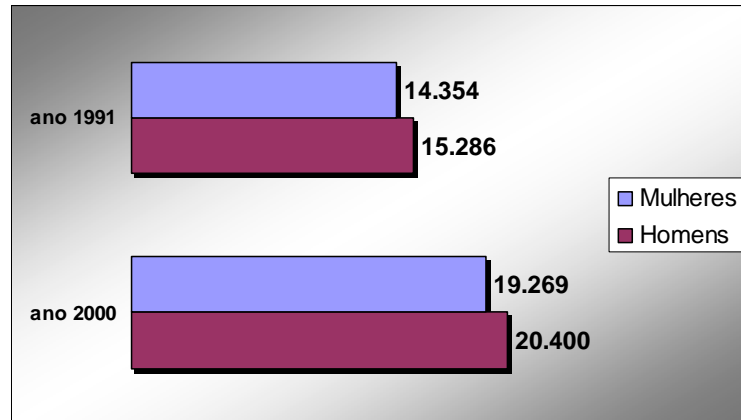


Gráfico 6 – Distribuição da população de Barreirinhas em 1991 e 2000 de acordo com o sexo.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2007.

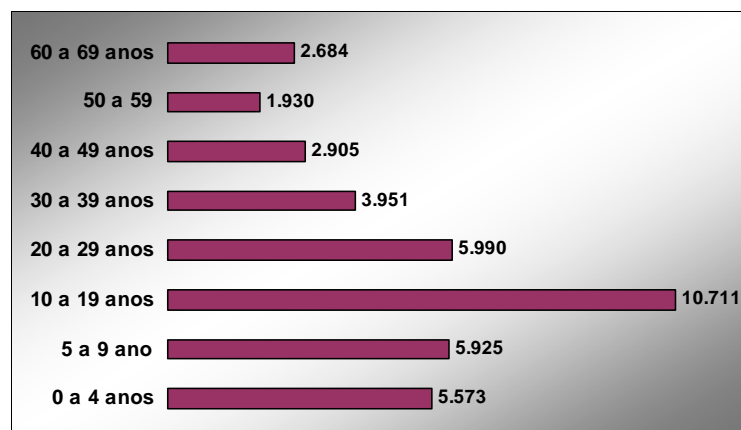


Gráfico 7 – Pirâmide etária da população de Barreirinhas no ano 2000

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: IBGE, 2007.

A produção de castanha de caju, uma cultura permanente, chega a números elevados e por isso é o único produto agrícola a ser comercializado externamente, vendido principalmente para o estado do Ceará. A seguir a Tabela 02 demonstra a produção agrícola de Barreirinhas.

Tabela 2 – Produção Agrícola de Barreirinhas no ano de 2004.

PRODUTO	ÁREA PLANTADA (ha.)	PRODUÇÃO (t)
Mandioca	6.123	21.535
Castanha de caju	2.928	1.348
Laranja	45	780
Melancia	280	668
Arroz	920	551
Cana de açúcar	8	318
Coco da bahia	94	263
Milho	1.450	223
Feijão	845	134
Banana	116	87
TOTAL	12.859	26.725

Fonte: IBGE, 2007.

A pecuária do município apresenta pouca representatividade econômica, e se desenvolve nas áreas de várzea que surgem próximo às dunas. O gado é criado solto, e junto com ele existem também criações de suínos e caprinos (CORRÊA, 2004; IBGE, 2007) que também integram os costumes da variada culinária típica local e regional, apreciada por moradores, migrantes e visitantes.

Assim como a pecuária, a extração vegetal e a silvicultura estão presentes no município, mas representam parcelas ínfimas na economia local. Têm-se ainda a extração da cera de carnaúba e do fruto do açaí, além da madeira para carvão vegetal (IBGE, 2007).

O buriti integra o rol da economia municipal por ser muito apreciado por turistas, tanto no artesanato como na culinária. Com o fruto do buriti a população local produz doces secos e compotas, e com a palha das folhas é produzida uma infinidade de produtos artesanais que vão de roupas e bonés a toalhas e bolsas. O estímulo à produção artesanal está previsto no 4º parágrafo do art. 96 da Lei Orgânica do Município:

Art. 96 – o município, observados os preceitos constantes da Constituição Federal e da Constituição Estadual, atuará nos limites da sua competência no sentido da realização e do desenvolvimento econômico e da Justiça social, com a finalidade de assegurar a elevação dos níveis de vida e o bem estar de sua população.

§ 2º - o município adotará programas especiais destinados à erradicação das causas da pobreza, dos fatores de marginalização, das discriminações, com vistas à emancipação social dos carentes de sua comunidade.

§ 3º - o município promoverá o incentivo ao turismo como atividade econômica, reconhecendo-o como forma de promoção social e

cultural.

§ 4º - a lei disciplinará a atuação do Poder Público Municipal e segmentos envolvidos no setor, com vistas ao estímulo da produção artesanal típica do Município (BARREIRINHAS, 1990, p. 41).

O artigo acima demonstra a preocupação com a inclusão social. A educação tem um papel fundamental para esta inclusão, e se torna importante ressaltar alguns dados obtidos junto à Secretaria Municipal de Educação. A cidade conta com 700 professores que atuam em seus 182 estabelecimentos de ensino municipais. Existem ainda duas escolas estaduais, e dois estabelecimentos particulares.

Essas escolas estão distribuídas por todo o território municipal, o que significa que mesmo alguns povoados distantes, na zona rural, são assistidos. Contudo, verifica-se que esse total de escolas ainda é insuficiente para atender a todos os 227 povoados. A Tabela 03 apresenta a distribuição dos estabelecimentos de ensino do município.

Tabela 3– Demonstrativo da distribuição dos estabelecimentos de ensino do município de Barreirinhas de acordo com a competência administrativa.

Relação Nº. de estabelecimentos/Tipo de ensino	Escolas Municipais	Escolas Estaduais	Escolas Particulares
Número de estabelecimentos que oferecem apenas educação infantil	5	-	-
Número de estabelecimentos que oferecem desde a educação infantil até a 9ª série do Ensino Fundamental	18	-	-
Número de estabelecimentos que oferecem ensino somente de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental	159	-	1
Numero de estabelecimentos que oferecem Educação para Jovens e Adultos – EJA até a 9ª série do Ensino Fundamental	-	1*	-
Número de estabelecimentos que oferecem ensino desde a 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio	-	1	1
Número de estabelecimentos que oferecem apenas as séries do Ensino Médio	-	-	-
Total de estabelecimentos por competência administrativa	182	2	2
Número total de estabelecimentos de ensino no município	186		

Organização: MARTINS, 2007.

Fonte: Barreirinhas, Secretaria Municipal de Educação, 2007.

*Neste caso, o prédio é do governo estadual, mas as aulas ali ministradas são de responsabilidade do município.

Observa-se que o número de estabelecimentos que oferecem apenas os primeiros anos do Ensino Fundamental (de 1º a 4º série) é quase nove vezes maior que o número de estabelecimentos que oferecem o ensino das séries finais (de 5º a 8º série).

Isso se explica pela grande quantidade de salas de ensino (consideradas como estabelecimentos de ensino) na zona rural, que muitas vezes acolhem alunos de diferentes faixas-etárias e de diferentes séries sob os cuidados do mesmo professor. Uma prática arriscada no sentido educacional, mas muito utilizada em municípios que não dispõem de verbas para transportar os alunos até as escolas localizadas na sede administrativa.

Observando a Tabela 04 é possível averiguar que o total de alunos matriculados nas primeiras séries do Ensino Fundamental é 1,4 vezes maior que o total de alunos matriculados nas últimas séries. Um número ainda não satisfatório, considerando-se que todas as crianças deveriam dar continuidade ao ensino, porém mais coerente com a realidade municipal.

Tabela 4 – Distribuição dos alunos do município de acordo com as séries e a competência administrativa das escolas do município.

Relação Nº. de alunos/Séries de matrícula	Escolas Municipais	Escolas Estaduais	Escolas Particulares
Número de alunos matriculados no ensino infantil	2.964	-	-
Número de alunos matriculados entre a 1ª e a 4ª série do Ensino Fundamental – regular	8.493	-	Dados não fornecidos
Número de alunos matriculados entre a 5ª e a 8ª série do Ensino Fundamental – regular	5.693	593	Dados não fornecidos
Numero de alunos matriculados no Ensino de Jovens e Adultos – EJA	1.256*	-	-
Número de alunos matriculados nas séries do Ensino Médio – regular	-	2.085**	Dados não fornecidos
Numero total de alunos matriculados por competência administrativa	18.406	2.678	Dados não fornecidos
Número total de alunos matriculados no município	21.084		

Organização: MARTINS, 2007.

Fonte: Barreirinhas, Secretaria Municipal de Educação, 2007.

*Alunos de competência municipal que utilizam o prédio estadual.

**Deste total, 1185, ou seja, mais da metade, representa os alunos matriculados na 1ª série do Ensino Médio, que pela primeira vez está atendendo também a zona rural. A tendência é de que nos anos subseqüentes o número de alunos das séries posteriores aumente na mesma proporção.

Assim, mesmo existindo um número exageradamente grande de estabelecimentos de ensino, isso não significa um exagero no número de alunos matriculados. Então, o que se tem é que muitas dessas escolas possuem números muito pequenos de alunos.

Preocupante é saber que em todo o município existem apenas duas escolas de Ensino Médio, uma estadual e uma particular. No ano de 2007, foram 882 alunos concluindo a 8ª série do Ensino Fundamental, e apenas 393 concluindo a 3ª série do Ensino Médio.

Significa que somente 44,56% dos alunos que concluem o ensino fundamental terão oportunidade de continuar seus estudos gratuitamente. Contudo, este índice pode aumentar, pois em 2007 iniciou-se um programa de parceria entre os governos municipal e estadual para que os moradores da zona rural também tenham possibilidade de cursar as séries do Ensino Médio sem necessidade de deslocamento.

Como o município não possui nenhuma instituição de ensino superior, as oportunidades para alunos em idade universitária são mínimas, e, caso algum habitante deseje cursar uma universidade ou curso superior terá que deslocar-se até a capital.

Ainda para a análise da elevação dos níveis de vida é necessário observar as condições de saneamento, abastecimento de água e energia, e atendimento à saúde, oferecidos pelo município. A água encanada chega a todos os estabelecimentos da zona urbana, assim como a energia elétrica, que são de responsabilidade, respectivamente, da CAEMA (Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão) e da CEMAR (Companhia Energética do Maranhão).

O saneamento está em fase de implantação, e por isso são utilizadas fossas sépticas. Em bairros recentes ainda usa-se fossa rudimentar para a deposição de esgoto. O município possui coleta de lixo em toda área urbana, apesar de se encontrarem poucas lixeiras nas ruas, e ainda não ter sido implantada a coleta seletiva na cidade.

A Secretaria de Saúde do Município possui apenas um hospital na zona urbana, no qual três médicos, que residem em São Luís, alternam-se a cada quinze dias para atenderem a todas as necessidades da instituição. Os casos de saúde mais graves são encaminhados para a capital, distante 272 km dali. Existem

ainda 19 postos de saúde distribuídos pelos povoados da zona rural que são mantidos com auxílio da Igreja Católica.

Com isso, Barreirinhas apresenta características próprias de cidades pobres do nordeste. Como exemplos têm-se a pirâmide etária com grande número de jovens e topo estreito, representando a baixa expectativa de vida; a existência de agricultura e pesca de subsistência e; o grande número de salas onde um professor ministra aulas simultâneas à diferentes séries.

Esse cenário pode ser mudado ao se somar políticas públicas, ações coletivas da sociedade e atividades econômicas como o turismo, pois “[...] reconhecendo-o como forma de promoção social [...]” (BARREIRINHAS, 1990, p. 41), é possível considerar sua contribuição para o desenvolvimento do local.

3.2 ASPECTOS DO TURISMO NA CIDADE

Nem sempre o amontoado de dunas do litoral maranhense foi considerado área de recepção da atividade turística. Até o final da década de 1990, para se chegar ali, saindo da capital, eram necessárias de dez a doze horas de viagem, sobre estradas de terra (chamadas na região de estradas de piçarra), e enfrentando calor e poeira no caminho.

Qualquer tipo de visitação ao Estado, em especial, aos Lençóis Maranhenses, anterior ao encetamento do Plano Maior, foi realizado alheio a um planejamento turístico e intenso conteúdo de divulgação, portanto, incipiente, dado o desconhecimento e distanciamento desse destino em relação aos grandes centros emissores brasileiros e internacionais (SILVA, 2008, s/p.).

Trata-se de um momento em que os Lençóis eram procurados por aventureiros ou pequenos grupos familiares. Período em que se permitia a entrada de carros particulares sobre as dunas do Parque, período de pouca ou nenhuma fiscalização do IBAMA. Fase em que os turistas permaneciam por mais tempo na cidade, e podiam até mesmo conhecer outros atrativos do município.

A pergunta que se faz é: porque uma família enfrentaria tantos dissabores no deslocamento em busca de diversão? Na verdade não apenas a diversão atraía, mas principalmente a paisagem (Figuras 12 e 13).



Figura 12 – Entrada da cidade – duna de areia localizada na região central. A placa ao fundo traz a frase: “Bem vindos à Barreirinhas”.
Fonte: Arquivo pessoal, 1990.

Atualmente, a grande maioria dos turistas visita Barreirinhas através de pacotes que duram no máximo dois dias. Os roteiros são montados da seguinte forma: no primeiro dia o turista chega à cidade, dá entrada no local de hospedagem, segue de carro (com tração nas quatro rodas) para os Grandes Lençóis e retorna ao final da tarde para a pernoite; no segundo dia segue de lancha pelo rio Preguiças para os Pequenos Lençóis e retorna ao final da tarde para seguirem viagem.

As agências também organizam roteiros de excursionismo, no qual só é feito o passeio terrestre. Com isso, por servir de portal de acesso ao Parque Nacional tem-se a falsa impressão de que todo o município é tomado de areia, e os visitantes seguem viagem sem ter conhecimento das outras opções de passeio.



Figura 13 – Centro comercial de Barreirinhas. Ao fundo a praça principal reformada recentemente, cercada por estabelecimentos comerciais. Diversão em uma cidade pacata.

Fonte: Arquivo Pessoal, 1990.

A parte norte do município é tomada pelas dunas e lagoas, no entanto, as características físicas do município indicam a existência de outras atratividades naturais. Outros locais a serem visitados no município estão relacionados no Quadro 02.

Nome	Localização	Principais Atrativos
Lagoa Azul e Lagoa dos Peixes*	Grandes Lençóis	Naturais (lagoas pluviais, banho)
Lagoa Bonita	Grandes Lençóis	Naturais (lagoa pluvial, banho)
Lago Santo Amaro, Lago Guapiriba e Lago Travosa	Grandes Lençóis / Povoado de Bebedouro, Ponta Verde Boa Vista	Naturais (flora e fauna aquática, banho)
Circuito das Aves – Lagoa das Cabras	Grandes Lençóis / Povoado de Murici	Naturais (maior lagoa do Parque, ninhal de aves)
Queimada dos Britos e Queimada dos Paulos**	Grandes Lençóis	Naturais (maiores dunas do Parque)
Curso do rio Alegre	Grandes Lençóis / Povoado de Espigão	Naturais e culturais (comunidades ribeirinhas, banho em igarapés)
Povoado de Atins	Pequenos Lençóis	Naturais (dunas, matas, banho de rio e mar)
Praia do Caburé	Pequenos Lençóis / Margem do rio Preguiças	Naturais e gastronômicos (alimentação, banho de rio e mar)
Vila de Mandacaru / Farol de Mandacaru	Pequenos Lençóis / Margem do rio Preguiças	Naturais e culturais (contemplação da paisagem)
Povoado de Vassouras	Pequenos Lençóis / Margem do rio Preguiças	Naturais e de comércio (dunas, artesanato, banho de rio)
Prainha	Centro urbano / Margem do rio Preguiças	Naturais e culturais (banho de rio, dunas, vida noturna)
Avenida Beira Rio	Centro urbano	Gastronômicos e culturais (alimentação, vida noturna)
Parque da Vaquejada	Centro Urbano	Culturais (festa da vaquejada - mês de julho)

Quadro 2 – Atrativos Turísticos do Município de Barreirinhas

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Maranhão, 2005.

*Essas são as lagoas visitadas na maioria dos passeios terrestres adquiridos por turistas.

**"O IBAMA considera esta uma "zona primitiva". Acredita-se terem sido os primeiros moradores do Parque" (Maranhão, 2005, s/p.).

O Aeroporto Cunha Machado, localizado em São Luís, desde 2004 passou a receber vôos internacionais, e também contribuiu para este processo de transformação espacial sobre o qual Yázigi (2003) se refere, pois facilitou o acesso de turistas estrangeiros ao município. Por sua paisagem singular, formada pela combinação de dunas e florestas, Barreirinhas tornou-se um foco de atração, e assim:

[...] surge uma pequena pousada, um restaurante, um posto de gasolina, os prestadores de serviços turísticos, a estradinha de terra ganha asfalto, chegam os carros, os loteamentos... Aí aparece também a pressa de ganhar dinheiro, de modo fácil, aliada à displicência administrativa que interpreta todo início de empreendimento como um fator de progresso (YÁZIGI, 2003, p. 127).

No caso de Barreirinhas a estrada foi substituída por outra de menor distância: a rodovia “Translitorânea” (MA-402) construída em 2000. E o turismo dali também foi incentivado por esforços estatais de divulgação da região e pela exibição de duas novelas da Rede Globo (“O Clone” em 2000 e “Da Cor do Pecado” em 2003) e de um filme (“Casa de Areia” lançado em 2005) que foram gravados sobre as dunas.

Segundo a Controladoria Geral da União, entre os anos de 2004 e 2006 o Ministério do Turismo destinou um milhão e setecentos mil reais para apoio à projetos de infra-estrutura turística a serem aplicados no município de Barreirinhas (BRASIL, 2008).

De acordo com a ABBTUR (Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo), no ano de 2004 mais de 70% dos passageiros internacionais que desembarcaram no Aeroporto Internacional Cunha Machado tinham como destino a estadia em pousadas e hotéis sediados em Barreirinhas.²

Os atrativos turísticos do Parque dos Lençóis Maranhenses atraem turistas da Europa Ocidental, em quantidade expressiva de franceses, espanhóis e portugueses.³ As fotos a seguir (Figuras 14 e 15) mostram a diversidade da combinação de dunas e matas que constituem a singularidade cênica dos Lençóis.

Segundo o *site* de divulgação dos Lençóis Maranhenses, Barreirinhas possui 27 locais para alimentação, sendo dois em Atins, cinco em Caburé e 20 no centro (MARANHÃO, 2007). A cidade não possui área própria para camping, mesmo assim é possível encontrar esporadicamente alguns aventureiros nas praias e povoados ao longo do rio ou até mesmo no Parque dos Lençóis.

² De acordo com informação dada em entrevista de Ana Kate Linhares, representante da ABBTUR – São Luís, concedida em julho de 2005.

³ Idem.



Figura 14 – Fotos de divulgação da paisagem dos Lençóis Maranhenses.

Montagem: MARTINS, 2008.

Fontes: CVC, 2005; EMBRATUR, 2005; Maranhão, 2005.



Figura 15 – Caburé, Mandacaru e Lençóis.

Montagem: MARTINS, 2008.

Fontes: CVC, 2005; Maranhão, 2005; El Diário, 2008.

Segundo dados oficiais são 43 estabelecimentos para hospedagens de turistas, entre pousadas e hotéis (MARANHÃO, 2007). Na sede do município

situam-se 35 deles, sendo que um é *resort* e outro um *flat*. Duas pousadas localizam-se no povoado de Atins, na foz do Rio Preguiças, e cinco na praia do Caburé (Figura 16), para onde se direcionam os turistas que utilizam a rota fluvial dos passeios (Figura 17).



Figura 16 – Localização dos povoados de Mandacaru e Caburé, na foz do rio Preguiças.
Fonte: Google, 2008 – modificado

De acordo com esses números, e considerando os dados apresentados pelo IBGE (2007), este setor apresentou um considerável crescimento. O total de empresas ligadas à alojamento e alimentação passou de 33 em 2005 para 70 em 2008. No entanto essa mensuração pode ser questionada ao se considerar que números oficiais muitas vezes não são reais.

O secretário de turismo também é proprietário de uma pousada à beira do rio, na sede do município. Para ele, o turismo é a atividade econômica mais importante do município, seguida do comércio, da lavoura de buriti e castanha de caju, e da pesca.

O comércio e a extração da palha do buriti também estão ancorados na atividade turística, já que cada turista adquire pelo menos três peças de

artesanato produzido com o artefato de buriti, e ainda freqüentam os mercadinhos e quitandas a fim de adquirir mantimentos a serem consumidos durante os passeios.⁴



Figura 17 – Imagem das rotas de turismo nos Lençóis Maranhenses.
Fonte: Google, 2008, modificado.

Segundo o secretário de turismo, o crescimento da atividade turística é proporcional ao aumento de estabelecimentos de alojamento e alimentação, de carros com tração nas quatro rodas que circulam pela cidade e, de lanchas à beira do rio.

Os pilotos dos carros são chamados de “toyoteiros”, e servem aos turistas que desejam alcançar o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, chamado Grandes Lençóis. As lanchas são pilotadas por “barqueiros” e levam os turistas aos povoados mais famosos da cidade, Atins, Mandacaru e Caburé, os Pequenos Lençóis (Figuras 18 e 19).

Se o lugar é formado por horizontalidades e verticalidades, e assume características globais (RODRIGUES, 2007), então, a atividade turística não

⁴ De acordo com informação dada em entrevista de Gilson Oliveira, secretário municipal de turismo, concedida em julho de 2006.

beneficia a população como um todo. Pode se ter que a maioria da população que se emprega nos bares, restaurantes, hotéis e pousadas seja de fora da cidade, formada por migrantes que chegaram aos lugares atraídos pela oferta de emprego para profissionais qualificados e experientes.



Figura 18 – Fotos de meios de transporte utilizados por turistas para alcançar diferentes localidades no interior do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.
Fonte: BARRATUR, (199-).



Figura 19 – Local de parada dos carros diante do Parque Nacional.
Fonte: Kátia Mantovani, 2008.

A maior parcela dos lucros trazidos pelo turismo pode nem mesmo ficar na cidade, pois os proprietários dos maiores empreendimentos são de fora. Haja vista que o proprietário do Porto Preguiças Resort⁵ (Figuras 20 e 21) reside em São Paulo; e o proprietário do Flat Residence mora na capital.



Figura 20 – Vista aérea do impacto à paisagem proporcionado pela instalação do resort.

Fonte: Resort, 2005.



Figura 21 – Vista da área construída para atender à demanda turística.

Fonte: Resort, 2005.

⁵ As informações sobre estes empreendimentos foram obtidas junto ao secretário municipal de administração. As várias tentativas de entrevistas com os proprietários foram frustradas porque estes não se encontravam no local. Em ambos os casos os gerentes se recusaram a fornecer informações, alegando não estarem autorizados.

Numa parceria com o governo da Espanha, o governo federal irá construir uma fábrica de gelo na cidade para atender às necessidades dos pescadores em armazenar o material pescado. Essa iniciativa irá promover uma otimização da pesca no município, possibilitando a concorrência com o pescado de Tutóia, um município vizinho.⁶

Sobre a pesca como atividade econômica, vale ressaltar que não apenas os peixes, mas também, e principalmente, o camarão é movimentado. A região compreendida pelos municípios que integram o Parque Nacional e o município de Tutóia é a maior produtora de camarão do estado.

Com isso, tem-se que o turismo não é a única atividade econômica do município, e que, embora ela seja uma atividade expressiva, existem outras formas de renda para a população de Barreirinhas. Portanto, a cidade não deve se voltar exclusivamente para o turismo, esperando que esta seja a única solução para todos os problemas sócio-econômicos da população. O turismo deve se somar às outras atividades, corroborando para o desenvolvimento socioespacial de Barreirinhas.

⁶ De acordo com informação dada em entrevista de Benedito Aroucha, secretário municipal administração, concedida em julho de 2006.

4 O TURISMO EM BARREIRINHAS – RESULTADOS OBTIDOS

Os aspectos que serão apresentados e discutidos a seguir foram obtidos através de pesquisas realizadas *in loco*. Foram entrevistados alguns proprietários e gerentes de bares e restaurantes, e moradores que retrataram sua percepção em relação ao turismo praticado nos Lençóis.

O contato entre o turista e a população local é pequeno. Os turistas ausentam-se do local de hospedagem, na maioria das vezes, para realizarem passeios noturnos à beira do rio e para alimentação. Nestes momentos essas pessoas não se sentiam a vontade para responder aos questionários, por isso não foi possível entrevista-los.

As entrevistas com proprietários e gerentes de equipamentos turísticos objetivaram a coleta de dados sobre o significado da atividade turística para o setor hoteleiro e de alimentação do município, e também de obter dados para a caracterização desses proprietários, com o intuito de averiguar a hipótese de que empreendedores externos investem no município em decorrência do turismo.

Os questionários aplicados à população local tinham o objetivo de verificar o significado e as influências da atividade turística em relação ao cotidiano dos moradores, e também obter dados sobre a representação desta atividade econômica no que tange à geração de emprego e renda ao município.

Entrevistas feitas de acordo com a metodologia de Memória Viva buscaram obter informações sobre os modos de vida anteriores à intensificação do turismo na cidade e, sobre a percepção de moradores tradicionais acerca das alterações espaciais e cotidianas proporcionadas pela atividade turística.

4.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA SOB A ÓTICA DOS PROPRIETÁRIOS DE EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS

As entrevistas realizadas revelaram algumas características do turista que visita os Lençóis Maranhenses, as mudanças ocorridas no setor hoteleiro,

e confirmou a premissa de que os proprietários, em sua maioria, são migrantes atraídos pela atividade turística dali.

Apesar de não existirem dados quantitativos sobre a demanda turística anterior ao ano 2000 no município, verificou-se, com esta pesquisa, que esta demanda apresentou um crescente aumento que se reflete no aumento de estabelecimentos para hospedagem e alimentação.

Foram feitas visitas a oito bares e restaurantes do centro urbano, mas somente em quatro deles foi possível realizar entrevistas. Não foi possível colher respostas nos estabelecimentos localizados em Atins e Caburé. Alguns proprietários não se sentiram a vontade em responder às perguntas, portanto a pesquisa foi feita de acordo com a disponibilidade dos mesmos e da acessibilidade aos estabelecimentos.

As mesmas dificuldades foram encontradas em relação ao setor hoteleiro, portanto a pesquisa também considerou os mesmo critérios para a realização de entrevistas. Foram doze entrevistas concedidas por proprietários e gerentes de hotéis e posadas na sede urbana do município (Apêndice A).

4.1.1 Restaurantes, Bares e Lanchonetes

Foram entrevistados três proprietários e um gerente. Os quatro estabelecimentos visitados representam 14% do número total de restaurante e bares existentes na cidade. Suas características são apresentadas no Quadro 03.

As entrevistas possibilitaram averiguar que não existem incentivos fiscais em escala municipal ou estadual para empresas ligadas à atividade turística instaladas em Barreirinhas. Portanto o aumento desse setor se dá por questões econômicas de mercado, e não por incentivos públicos.

Um dos estabelecimentos inaugurou em 2004, por isso, seu gerente não pôde analisar as transformações ocorridas desde 2000. Apenas um dos proprietários afirmou que os lucros aumentaram com o aumento da atividade turística. Outro reclamou da diminuição do número de turistas em seu estabelecimento. E outro afirmou que nada mudou desde então.

	Localização	Acesso	Cardápio	Atrativos	Funcionamento	Público
Restaurante "A"	Margem do rio Preguiças	Avenida Beira rio	Comida típica e porções	Decoração rústica e música ao vivo	11:00 – 01:00	Principalmente turistas
Restaurante "B"	Margem do rio Preguiças	Avenida Beira rio	Comida típica e porções	Mesas ficam num pier sobre o rio	11:00 – 01:00	Principalmente turistas
Restaurante "C"	Margem do rio Preguiças	Rua Anacleto de Carvalho	Comida típica e porções	Pier sobre o rio e música ao vivo	11:00 – 00:00	Principalmente turistas
Bar e lanchonete	Margem do rio Preguiças	Avenida Beira rio	Porções e lanches	Ampla vista do rio	14:00 – 00:00	Turistas e população local

Quadro 3 – Síntese sobre os locais de alimentação entrevistados.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa *in loco*.

Abre-se um parêntese para esclarecer que em comércio existem estabelecimentos que prosperam mais que outros, e que isso ocorre por inúmeros fatores ligados à lógica de mercado. O fato de um dos estabelecimentos ter sua clientela diminuída está ligado à questão da concorrência, e não à diminuição do número de turistas.

Dois dos entrevistados são barreirinhenses, mas moraram fora da cidade por muitos anos e retornaram atraídos pelos lucros que a atividade turística poderia oferecer. O mesmo motivo atraiu um piauiense e um goiano para a cidade, ambos os proprietários.

O gerente e um proprietário afirmaram que a atividade turística proporciona maior oportunidade de emprego e renda à população. Outros dois disseram não conseguir avaliar os benefícios trazidos pela atividade ao município por estarem diretamente ligados a ela.

Foram indicados como prejuízos proporcionados pelo turismo: o aumento do número de usuários de drogas e da prostituição; e também danos ambientais, como a poluição das águas do rio Preguiças. Contudo, como esses problemas podem ocorrer independentemente da atividade turística, e decorrer de qualquer outra atividade econômica, considera-se que eles sejam controláveis na medida em que haja a regulação da atividade por parte das políticas públicas.

Três entrevistados analisaram que os proprietários de restaurantes ou hotéis são a parcela da população mais beneficiada pela ocorrência de turismo

em Barreirinhas. O quarto entrevistado alegou que a população como um todo vem sendo favorecida, e exemplificou com sua própria experiência, pois foi contratado como gerente do restaurante.

4.1.2 Hotéis e Pousadas

O mesmo questionário foi aplicado a sete proprietários e cinco gerentes de hotéis e pousadas do centro urbano da cidade, num total de doze entrevistas. Os estabelecimentos variam de categoria que vão desde hotéis quatro estrelas às pousadas mais simples com características familiares.

Segundo os entrevistados os hóspedes são em maioria ricos ou de renda média, entre brasileiros e estrangeiros de todas as idades. Entre os turistas estrangeiros, o europeu se destaca, sendo principalmente franceses e italianos. Mas os Lençóis também recebem a visita de japoneses e estadunidenses.

Entre os brasileiros o paulista é mais citado. Porém esse dado não é totalmente concreto. Isso porque o biotipo e o sotaque característicos das regiões sul e sudeste favorecem o estereótipo paulista. Assim, aparentemente, os goianos, paranaenses, mineiros, enfim, populações em maioria de brancos e com a pronúncia diferenciada são todas chamadas de paulistas.

Os entrevistados não sabiam nem mesmo afirmar se os hóspedes oriundos de São Paulo eram da capital ou do interior do estado. Mesmo assim, é possível concluir que turistas das regiões sul e sudeste são os brasileiros que mais procuram as atividades oferecidas no Parque Estadual dos Lençóis Maranhenses.

Todos os estabelecimentos funcionam vinte e quatro horas diárias, e também não recebem incentivos fiscais estaduais ou municipais. O que também significa que é o mercado que favorece o estabelecimento desses empreendimentos, ou seja, a grande quantidade de turistas, e não a regulação pública preocupada em promover o turismo dos Lençóis através de incentivos fiscais.

Os entrevistados foram questionados sobre as mudanças econômicas ocorridas no setor hoteleiro desde o ano de 2000, e as respostas variaram. Três pessoas citaram a queda nos lucros a partir de 2004 devido ao

aumento de concorrência (um grande número de novos hotéis e pousadas se instalou ali desde então).

Nove dos entrevistados disseram que os lucros cresceram pelo aumento de turistas causado tanto pela divulgação como pela construção da rodovia MA 402. Para que esta análise fique mais abrangente é importante ressaltar que exatamente nove estabelecimentos funcionam no município há menos de oito anos.

Dois dos doze entrevistados são paulistanos e quatro são ludovicenses, o restante nasceu em Barreirinhas. Eles afirmam que a atividade turística traz emprego e renda à população, além de educação e cultura. Apenas um dos entrevistados não vê nenhum benefício que possa ser trazido pelo turismo à sociedade.

Ao se analisar todos os questionários aplicados ao setor alimentício e hoteleiro verifica-se que em 50% dos questionários aplicados o entrevistado não é barreirinhense e, em mais dois deles o entrevistado retornou à cidade por conta da atividade turística. Significa que 62,5% dos empreendimentos pertence ou está sob gerência de pessoas que vieram de fora em busca da oferta de renda e emprego proporcionada pelo turismo.

Quanto aos problemas, novamente a poluição das águas do rio, a prostituição e o uso de drogas são citados, acrescidos de menções como a falta de apoio público e o alto custo de vida. Quatro pessoas não conseguem averiguar problemas acarretados pelo turismo.

Como lembrou um dos entrevistados, é interessante apontar que tanto os benefícios quanto os problemas proporcionados pela atividade turística são os mesmos causados por qualquer outra atividade econômica como a industrialização e o comércio.

A maioria dos entrevistados afirma que os empresários do ramo hoteleiro e alimentício são os maiores beneficiados com a intensificação da atividade turística. Cinco deles mencionaram a população local, o comércio ligado ao turismo, e o turista, como maior beneficiário desta atividade.

Para concluir esta fase da pesquisa, quatro das nove agências de turismo da cidade também foram procuradas, e o resultado das entrevistas é muito semelhante aos apresentados, não aparecendo nenhum fato ou menção nova, por isso considerou-se não comentá-los individualmente.

4.2 A ATIVIDADE TURÍSTICA E A POPULAÇÃO LOCAL

Foram aplicados cinquenta questionários à população em geral. Os questionários visaram conhecer o significado que o turismo na cidade denota aos moradores e verificar as conseqüências e influências dessa atividade para o cotidiano da população (Apêndice B).

Os entrevistados foram abordados de maneira a considerar critérios adotados pelo pesquisador, portanto, para esta pesquisa adotou-se a amostragem por julgamento, tratando-se de um estudo não-probabilístico (GUEDES et al., 2008).

O primeiro critério de abordagem foi a aparente disponibilidade do entrevistado. Um critério importante, pois, apesar de não ser um questionário extenso, era necessário que o entrevistado se sentisse à vontade, com tempo disponível, sem compromissos imediatos.

Em seguida foram considerados aspectos como o local de residência e a atividade de trabalho, para que os resultados não fossem falseados caso aplicados somente a pessoas ligadas ao turismo, ou aos que morassem somente no centro, onde a presença dos turistas é mais aparente. As pessoas foram abordadas nas ruas e apenas a primeira menção espontânea dada para cada pergunta foi considerada, posto entender que na espontaneidade estaria a melhor resposta.

O que pôde ser percebido imediatamente foi que as pessoas moradoras do centro da cidade, ou que de alguma forma estavam relacionadas ao turismo, portanto, freqüentemente favorecidas pela atividade, naturalmente não conseguiam emitir respostas visando à totalidade da população e sim observando sua própria experiência.

A primeira pergunta visou compreender se a população teria dimensão da importância da construção de uma rodovia para a intensificação da atividade turística, e qual a influencia desta intensificação para o cotidiano dos moradores. A Tabela 05 sintetiza as respostas obtidas.

Tabela 5 – Mudanças ocorridas na cidade desde 2000.

1. O que você acha que mudou na cidade desde o ano 2000?		
Aumento da demanda turística	16	32%
Melhorias na infra-estrutura municipal	7	14%
O que mudou é insignificante para a população	6	12%
Piora nas condições de vida dos moradores locais pela falta de estrutura para a recepção de turistas	4	8%
Aumento da população	2	4%
Outras respostas	4	8%
Nada	11	22%
Total	50	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Percebe-se que uma parcela considerável de moradores reconhece o aumento da atividade turística, enquanto outra parcela não consegue observar mudança alguma. Porém, seja questionando a importância do turismo, ou reivindicando infra-estrutura municipal, alguns moradores também reconhecem que sua qualidade de vida ainda não foi beneficiada pelo turismo, ou até mesmo foi prejudicada por obras que perturbassem a ordem e a tranquilidade.

A segunda pergunta, representada na Tabela 06, visou abordar a conotação atribuída ao turismo pelos moradores, ou seja, qual a importância dada a essa atividade. Observa-se que mesmo não sendo suficiente para suprir as necessidades da população local, a atividade turística tem uma importância muito grande até mesmo para pessoas que não estão diretamente ligadas a ela.

Tabela 6 – Apreciação sobre a atividade turística no município.

2. O que você acha da atividade turística nos Lençóis?		
É boa	35	70%
Razoável	9	18%
Não é boa	6	12%
Total	50	100%
Porque é boa?		
Os Lençóis atraem turistas que gastam dinheiro na cidade	13	37%
Movimenta o comércio	12	34%
Gera emprego	6	17%
Trouxe atendimento às necessidades da população	2	6%
Outras respostas	2	6%
Total	35	100%
Porque não é boa?		
Traz degradação ambiental	3	50%
Não respondeu	3	50%
Total	6	100%
Porque é razoável?		
A população local não está preparada para lidar com os turistas	4	44.5%
Não traz nenhum benefício	4	44.5%
Outras respostas	1	11%
Total	9	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Os entrevistados afirmam que o turismo traz movimentação de dinheiro na cidade, o que conseqüentemente movimenta o comércio, e afirmam também que o turismo gera emprego à população. Os problemas apontados foram a degradação ambiental no Parque, e a desqualificação dos profissionais que lidam diretamente com os turistas.

A terceira pergunta objetivou conhecer se os moradores observam alguma influência da atividade turística em seu cotidiano individual, se a população considera que o turismo pode trazer benefícios pessoais ou não. A Tabela 07 trata sobre esta pergunta, e apresenta respostas equilibradamente divididas.

Muitos não se consideram atingidos de forma alguma pelos benefícios da atividade, e duas pessoas também mencionaram que os lucros oferecidos pelo turismo estão concentrados nas mãos de pessoas de fora da cidade, o que pode ser confirmado ao considerar a origem dos proprietários do ramo hoteleiro e alimentício.

Tabela 7 – Benefícios individuais proporcionados pela atividade turística.

3. Você acha que está sendo beneficiado pessoalmente com esta atividade?		
Não	26	52%
Sim	24	48%
Total	50	100%
Porque sim?		
Trabalhos relacionados a esta atividade	13	54
Traz benefícios de forma indireta para todos	11	46%
Total	24	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Novamente aparecem pessoas que se consideram beneficiadas pelo turismo, mesmo não trabalhando diretamente com ele. Obviamente as pessoas diretamente relacionadas ao turismo são maioria ao afirmarem que são beneficiadas pela atividade.

A quarta pergunta objetivou apreender dados sobre a geração de empregos relacionados ao turismo no município. A Tabela 08 apresenta a mesma característica de equilíbrio entre respostas negativas e positivas, ao relacionar a inclusão da população no mercado de trabalho do turismo.

Tabela 8 – Inserção da população local no mercado de trabalho do turismo.

4. Você acha que a população de Barreirinhas está sendo inserida no mercado de trabalho da atividade turística?		
Sim	25	50%
Não	25	50%
Total	50	100%
Porque sim?		
Porque as pessoas trabalham no comércio direcionado ao turista	15	60%
Porque as pessoas trabalham de guias nas dunas ou com passeios	7	28%
Outras respostas	1	4%
Não respondeu	2	8%
Total	25	100%
Porque não?		
Nem todos vivem do turismo pela falta de mercado de trabalho	9	36%
Porque as pessoas trabalham mais na roça que na cidade	4	16%
Porque os empregos com carteira assinada são preenchidos por pessoas de fora da cidade	2	8%
Não respondeu	10	40%
Total	25	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

As justificativas estão relacionadas ou ao fato do entrevistado estar diretamente ligado ao turismo, ou, o contrário, ao fato de a maioria dos trabalhadores locais trabalharem em outros setores da economia deixando a atividade turística para os migrantes.

A quinta pergunta foi feita para averiguar a ocorrência de segregação da população em relação a seus locais de lazer. Por mais que os Lençóis e as praias do município sejam uma alternativa de lazer para todos, o gráfico 08 mostra que a maioria da população não freqüenta lugares de lazer em comum com turistas.

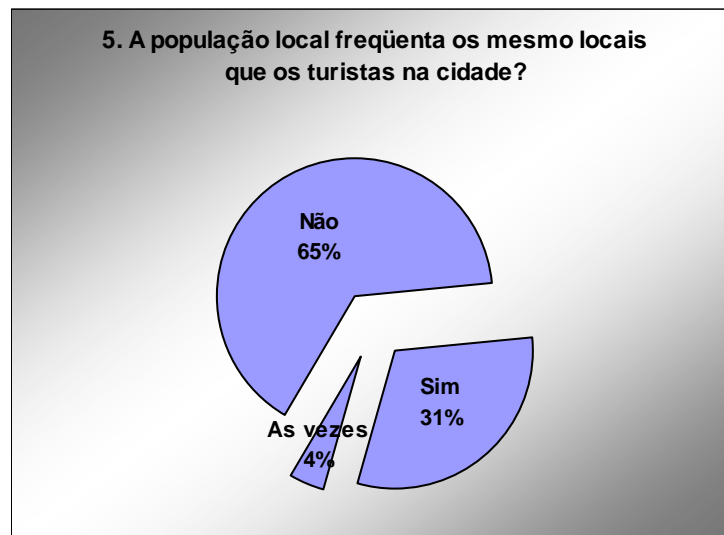


Gráfico 8 – Locais de lazer diferenciados.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Isso se explica pelo alto custo dos passeios e alimentação, dificilmente dentro do poder aquisitivo da maioria da população. As pessoas que afirmaram não freqüentar tais locais disseram que existem outras opções de lazer para a população local, como a Prainha, a Praça do Trabalhador ou a Avenida Beira Rio, recentemente reformadas (Figuras 22, 23 e 24). Lugares mais acessíveis financeiramente, que são freqüentados geralmente aos domingos, após as celebrações religiosas.



Figura 22 – Vista da Prainha - duna localizada no centro da cidade.
Fonte: Bruno Martins, 2008.



Figura 23 – Praça do Trabalhador – praça principal, reformada em 2007, cercada por estabelecimentos comerciais.
Foto: Bruno Martins, 2008.



Figura 24 – Aspectos da Avenida Beira Rio - reforma concluída em 2007.
Foto: Bruno Martins, 2008.

A Tabela 09 representa as respostas à sexta pergunta feita com a intenção de averiguar a percepção que as pessoas da cidade têm a respeito da conservação das áreas naturais. Quase setenta por cento dos entrevistados reconhecem que o ambiente natural vem sendo muito prejudicado tanto pela atividade turística como com a construção de equipamentos para atender a esta atividade.

Tabela 9 – A ação do turismo no ambiente.

6. Você acha que o meio ambiente está sendo atingido de alguma forma pela atividade turística nos lençóis?		
Sim	34	68%
Não	16	32%
Total	50	100%
Como?		
Com a deposição de lixo nas encostas e no leito do rio	24	71%
Com o desmatamento que é feito para se construir hotéis e restaurantes	8	23%
Não respondeu	2	6%
Total	34	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Os maiores problemas apontados são o desmatamento das áreas de matas ciliares para a construção de pousadas e restaurantes à beira do Rio Preguiças, dos quais muitos possuem píer e trapiche dentro da água, e a poluição das águas do mesmo rio.

A sétima pergunta objetivou averiguar o local de origem dos entrevistados, no intuito de comprovar, ou não, a hipótese de que a atividade turística estaria atraindo mão de obra externa para o município. No entanto, o que se verificou foi que a maioria dos entrevistados é barreirinhense. O gráfico 09 representa as respostas obtidas.

Existem casos de pessoas nascidas na cidade, que estudaram na capital e retornaram ao município para trabalhar no setor turístico, e também de um pequeno número de migrantes mineiros que não aparecem no gráfico. Percebe-se ainda que a presença de cearenses tem representatividade no gráfico.

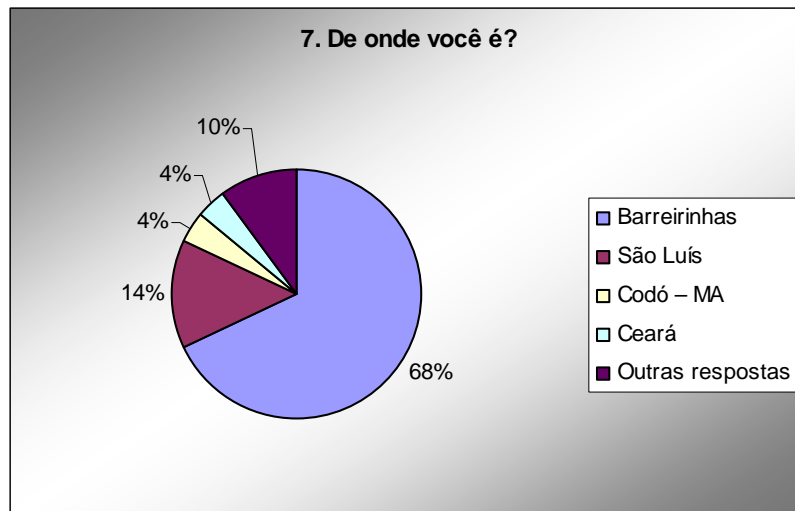


Gráfico 9 – Local de origem dos entrevistados.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

A questão apresentada na Tabela 10 fez-se necessária para o controle da diversidade e imparcialidade dos resultados desta pesquisa, que contou com setenta e seis por cento de pessoas que trabalham em áreas que não estão diretamente relacionadas ao turismo.

Tabela 10 – Ocupação dos entrevistados.

8. Você trabalha? Em que?		
Atividades diretamente relacionadas à atividade turística	12	24%
Comércio em geral	12	24%
Trabalhadores da zona rural	8	16%
Aposentados, estudante e desempregados	6	12%
Outras atividades autônomas	6	12%
Guardas municipais e vigias noturnos	4	8%
Profissionais da área de saúde	2	4%
Total	50	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

A nona pergunta teve o objetivo de averiguar qual parcela da população estaria sendo favorecida pelo turismo na visão dos moradores. Interessante ressaltar que, na Tabela 11, apenas dois entrevistados citaram a população local como maior beneficiária do turismo na cidade, enquanto a maioria afirmou que os proprietários de bares, restaurantes e hotéis são os detentores das maiores parcelas dos benefícios.

Tabela 11 – Beneficiários do turismo na cidade.

9. Em sua opinião, quem são os maiores beneficiados com a atividade turística realizada em Barreirinhas?		
Pequenos empresários proprietários de equipamentos turísticos (hotéis, pousadas, restaurantes, bares)	33	66%
Agências de turismo	6	12%
Proprietários de lanchas e toyotas que vendem os passeios	2	4%
Os comerciantes de artesanatos	2	4%
A administração pública que recolhe impostos de todos	2	4%
O próprio turista	2	4%
A população local	2	4%
Outras respostas	1	2%
Total	50	100%

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

A questão de número dez teve por objetivo confirmar, ou não, a hipótese de que os Lençóis não são um atrativo em potencial para os próprios moradores da cidade. Ou seja, de que alguns moradores não fariam questão de conhecer o Parque Estadual por se tratar de uma paisagem intrínseca ao seu cotidiano. O gráfico 10 apresenta a porcentagem de entrevistados que já visitaram os Lençóis, confirmando tal hipótese.

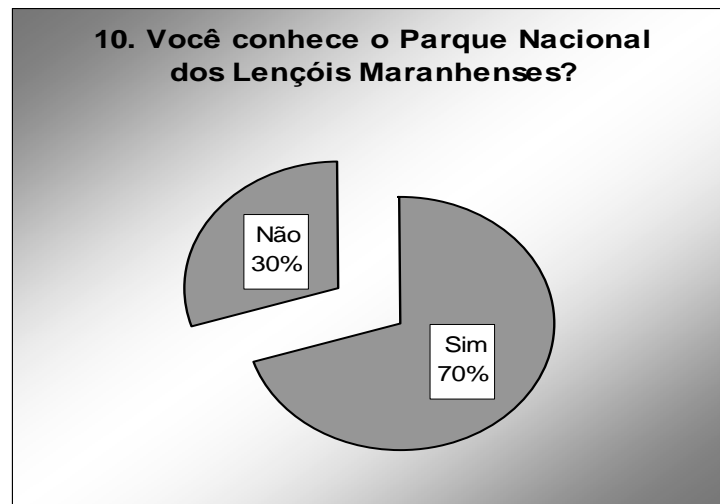


Gráfico 10 – Entrevistados que já visitaram os Lençóis Maranhenses.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Por fim, a pergunta de número onze foi feita para que fosse possível estabelecer um comparativo entre as idades dos entrevistados e a pirâmide etária da população de Barreirinhas, e assim verificar a abrangência desta pesquisa. O gráfico 11 apresenta as médias de idade dos entrevistados, e o gráfico 12 mostra a representatividade percentual das faixas etárias dos entrevistados em relação à população.

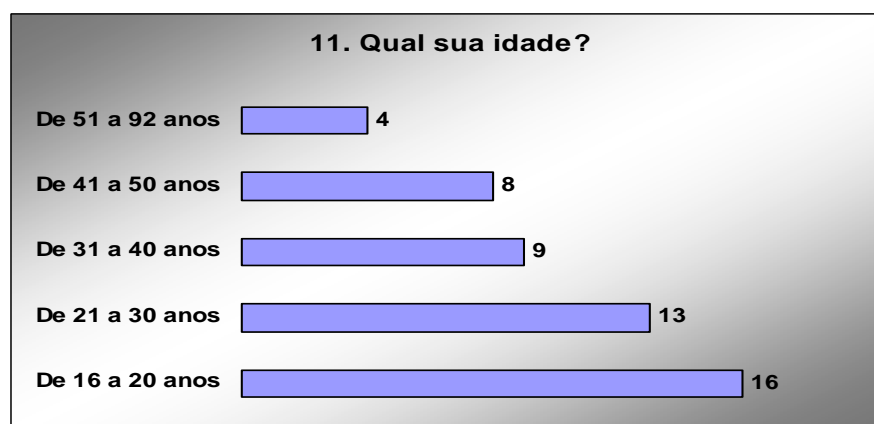


Gráfico 11 – Idade dos entrevistados.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

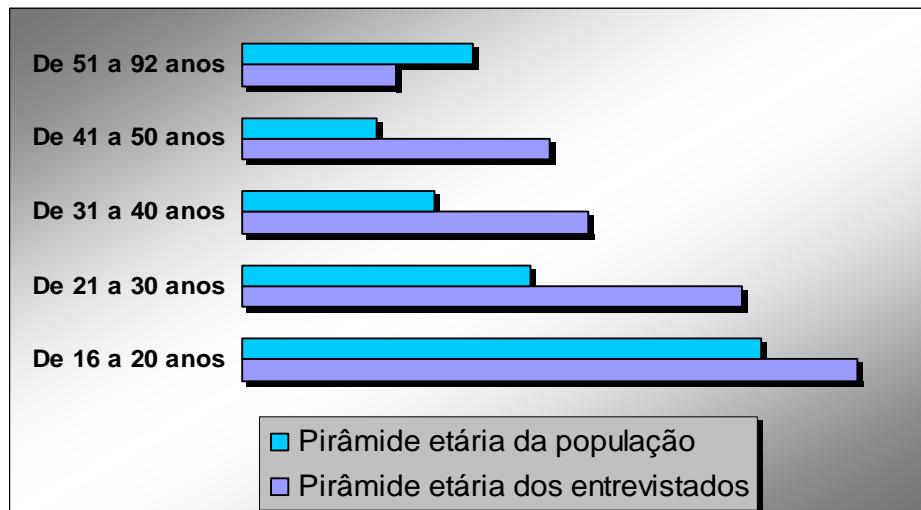


Gráfico 12 – Representatividade percentual das faixas etárias dos entrevistados em relação às faixas etárias da população.

Organização: MARTINS, 2008.

Fonte: Pesquisa de campo realizada entre os dias 05 e 15 de julho de 2006.

Ao fim desta etapa de pesquisa, o que ficou evidente foi a visão da população de que o turismo não beneficia a todos. Uma constatação interessante, que mostra o grau de envolvimento da população local com seus próprios problemas e possibilidades a respeito desta atividade. Algo essencial para o processo de desenvolvimento socioespacial do local.

Evidenciou-se também o fato de que a atividade precisa de investimentos em infra-estrutura e qualificação profissional do pessoal local para alcançar patamares maiores de abrangência, beneficiando com renda e consequentemente melhorando a qualidade de vida de uma parcela maior da população barreirinhense.

4.3 MUDANÇAS OCACIONADAS PELO TURISMO – MEMÓRIA VIVA

A pesquisa de Memória Viva é um método no qual o pesquisador, munido de um gravador e de informações prévias sobre onde encontrar pessoas que residam na cidade há vários anos, aborda tais cidadãos informalmente, numa

conversa descontraída, que permita a obtenção de histórias e memórias sobre a cidade e a produção do espaço comparando com o presente.

Requer a escolha de informantes qualificados, tendo em mente que não apenas as pessoas mais importantes da cidade podem colaborar, mas principalmente personalidades anônimas, desvinculadas das posições políticas do presente, podem ser de importância fundamental para a percepção da história da apropriação do espaço na cidade e dos costumes antigos.

Ao abordar o possível entrevistado, o pesquisador deve estar ciente de que resgatar o passado pode não ser agradável para algumas pessoas. Histórias de vida remetem, muitas vezes, a lutas pessoais, memórias sofridas. E por este motivo, o entrevistado pode se recusar a participar da pesquisa.

Para tanto é necessário, no primeiro encontro, que haja empatia, troca de impressões de ambas as partes para que o entrevistado se sinta à vontade no diálogo e para que o pesquisador mostre seus interesses e avalie se o qualitativo do entrevistado será útil em sua pesquisa (ZANGIROLI; MAGON, 2004).

A entrevista de Memória Viva deve ser orientada por um roteiro de perguntas previamente elaborado pelo pesquisador (Apêndice C). A elaboração deste roteiro deve ser cuidadosa para que não limite a entrevista apenas aos interesses do pesquisador.

Deve permitir que o entrevistado tenha liberdade para resgatar suas lembranças e ir além do que lhe foi perguntado. O objetivo do roteiro de perguntas é permitir, ao pesquisador, pequenas interferências na fala do entrevistado, transformando o monólogo num diálogo, o qual lhe possibilita direcionar para as informações que lhe são necessárias. Para isso, é importante:

[...] não elaborar perguntas diretivas, que levem o entrevistado a ser influenciado a pensar do modo do pesquisador e não de seu próprio modo. É importante, também, não elaborar perguntas cujas respostas se restrinjam a um sim ou não (ZANGIROLI; MAGON 2004, p. 30).

Este método permite que o pesquisador obtenha informações valiosas que dificilmente constam em livros e documentos oficiais, pois histórias de vida são percepções sobre a realidade. As entrevistas permitem uma riqueza que detalhes e sentimentos presentes na população que é intimamente ligada ao lugar do qual estão falando.

A partir desta pesquisa é possível observar mudanças percebidas pela população tradicional, e não pelos números da economia, o que permite traçar um paralelo entre a qualidade de vida no período anterior ao grande movimento turístico e o período atual, no qual o turismo é visto por muitos como principal atividade econômica do município de Barreirinhas.

Seguindo a metodologia de Memória Viva, foi possível realizar esta pesquisa com três antigos moradores de Barreirinhas. Uma experiência que emocionou e também remeteu ao passado. Trechos das falas dos entrevistados serão transcritos a seguir. As palavras serão fiéis às pronúncias para demonstrar a riqueza sonora da linguagem popular.

Os moradores entrevistados falam sobre o tempo em que era possível admirar o rio de longe, quando as casas ainda não tomavam conta da margem. Contam como se deram o desmatamento da mata ciliar e a apropriação da margem direita do rio Preguiças chegando à configuração atual.

Eu moro nessa casa desde que eu cheguei, e lá do centro até aqui quase não tinha casa, hoje tá cheio, cheio de rua, agora tá crescendo, antes era só areia. Daqui onde nós estamos dava pra vê o rio, agora tem essa casa aí na frente, não dá pra vê mais (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

Ah. Barreirinhas antigamente era coisa muito boa. Esse rio aqui só tinha os matos na beirada né. Aí cada um que tinha família fazia sua casinha na beira do rio. Um morava aqui, outro vinha fazia outra lá acolá defronte. Assim foi indo, até que um dia fechou, não tem vaga na beira do rio. E uns querem fazer a casa dele in riba do muro do vizinho. Meu pai era morador daqui, dali naquele muro ali, acho que tá com uns cento e poucos anos. Eu sou nascido nessa casa aí, e hoje tô esperando o mês de novembro, no dia vinte e quatro, ou é dia vinte e nove?, tô esquecido agora, mas tô esperando noventa e três anos (Saturnino, 92 anos, aposentado).

Contam como era o cotidiano do trabalho no campo, as rotinas escolares (muitas vezes em segundo plano) e lembram das atividades de subsistência como a pesca. Os entrevistados apresentam amplo conhecimento sobre o meio que os cercam e se preocupam com sua conservação, pois se questionam sobre a existência de peixe em abundância nas águas do Preguiças.

Meu pai não me botou na aula porque eu não podia ir só pra lá. Nós éramos cinco filhos, mas eu ele tiro pra viver só junto com ele. Nós íamos pra roça de manhã com um gole de café, quando eram onze horas nós vínhamos aqui, fazia um lanchezinho, voltava pra lá, quando o sol esfriava, ele me chamava, “vamos fazer aqui um serviço?” eu dizia “vamos”. Amarrava a canoa, ia pro rio, voltava seis horas. Chegavam seis horas em casa ele dizia, “Ói, vamos jantar aqui uma coisinha, e depois não saia pra fora, não saia pra fora que nós vamos fazer aqui uma pescariazinha pra amanhã nós não ter que comprar o que comer”. Aí era tomar um café, uma janta, aí ele pegava o remo, a tarrafa, e pegava o rio. Ele dizia pra minha mãe, “nós não vamos demorar não”, e nessa demorada tinha dia da gente chegar seis horas da manhã (risos). Minha mãe já sabia, ele dizia que era pra eu não ir zangado né. Mas eu já sabia como ele era! Daí tinha o que comer nuns seis dias. Nós não comprava. E era um peixe delicioso, daqui mesmo do rio, de água doce. Era tarira, que nós chamamos taririnha, o piau, o pacu, o cará bicudo, o cará redondo, o bagre preto, ainda tem hoje bagre preto? Não sei. Acho que tem. Não deve ter muito porque agora tem mais gente de que peixe. Mas assim mesmo tem. As vezes eu vejo gente botando rede, que a senhora fica admirada. Eu deixei de pescar agora depois que eu perdi a vista (Saturnino, 92 anos, aposentado).

Para esses moradores o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses não passa de uma morraria. O significado dessa área de preservação, para eles é outra. O que para muitos é motivo de diversão e apreciação da paisagem, para outros é sinônimo de aventuras e batalhas, como mostra o depoimento do senhor Saturnino; ou ainda, não são relevantes nas lembranças, como contou dona Maria de Jesus.

Conheço só mesmo Mandacaru e Atins. Pra cá eu nunca fui (falando do Parque Nacional). Mandacaru naquela época era bem pequenininha. Mas já tinha o farol, só que não era daquele jeito, era de ferro, uma torre de ferro, depois que fizeram o revestimento e pintaram, ficou bonito (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

Andei muito em cima! Quando eu vinha de São Luís, que não tinha embarcação nesse tempo, o navio tinha lá no porto e ia saltar na Parnaíba. Pra vim de Parnaíba pra cá era outra viagem, era melhor vir por terra. Então eu vinha pra Ribamar, a senhora conhece Ribamar? De Ribamar eu pegava aquelas canoa boca aberta que eles chamam garité, nós vinha de três ou quatro, cinco, seis oito, dez companheiro. Tudo cada qual pra sua casa pro lado daqui. Hoje, desses companheiros que eu to lhe contando não tem nenhum. Pois bem, chegava no Ribamar o povo perguntava: vai pra onde? Um dizia pra Primeira Cruz, eu vou pra Ilha Grande, outro dizia eu vou pra Areinha, pro Mirim. A gente já sabia, quando perguntava pra gente, nós dizia, “nós vamos tudo pra um só, nós vamos junto,

chegar lá na morraria, a morraria que nós chama é as dunas, chegar na morraria nós vamos pra casa. Nós vinha naquele garité tomando água. Com a boca aberta. Pegando mar... e tudo... onde nós encostava comia aquele camarão seco com farinha... era uma beleza... tinha fresquinho na hora também. Quando era fresquinho nós comprava um cruzado, naquela época um cruzado que se comprava de camarão, nós era oito pessoas não comia tudo, porque era tudo aí, peixe, camarão, era tudo muita coisa, dava de muito.

Pra atravessar de Primeira Cruz até aqui eram três dias de viagem. Vinha que chagava aqui vivo, mas batendo o coração. Agora se viesse correndo chegava em dois e meio, ou dois, mas chegava doente. Daqui pra lá incha as pernas viu! Porque é muito longe! A gente entra numa morraria daquela toda hora sobe e desce acolá, torna a subir quando vê desce acolá... aquela areia atola até aqui (mostra o joelho).

A gente fazia a viagem só com quem sabia o caminho. Que se largar um do outro morre de fome lá no meio, não sai mais nunca! A gente olha pr'acolá é morraria, olha pr'aqui é morraria, a gente fica bestinha... só acha água.. outra coisa não tem. Enlouquece viu! E daqui pra lá, os antigos faziam viagem com animal. Os guias faziam viagem com animal. Pegava a morraria aqui, e o animal ia deixando o estrumo pelo caminho. Vê-se que o vento tira a areia, mas o estrumo não tira. Então o caminho era esse. Hoje eles fazem, diz que meia hora ta nas dunas. Agora pega as dunas aí e atravessa... quero vê que horas você chega na costa! (risos). É longe sô! (Saturnino, 92 anos, aposentado).

O fato de a morraria ser vista como um atrativo para visitação, não influencia a vida cotidiana dos visitantes, mas para os moradores locais, as mudanças são gritantes, e muitas vezes ocorreram de forma abrupta, levando estas pessoas a ignorarem os possíveis benefícios trazidos pela atividade turística.

Trata-se de uma nova atividade econômica, que está nascendo ali e precisa consolidar-se muitas vezes transformando configurações territoriais e alterando o ritmo de vida da população local. Portanto, a relação desta população com a nova atividade pode se dar de maneiras diferenciadas.

Quando o primeiro contato causar transtornos ou aflições, o sentimento da população para com o turismo pode ser o de repulsa, ou no mínimo de indiferença; ou o contrário, quando logo no primeiro momento o turismo traz benefícios e melhoria da qualidade de vida, facilmente a população desenvolve um sentimento de aceitação.

Os depoimentos a seguir mostram que, preocupados com a melhoria da cidade para a recepção de turistas, os investimentos acabaram por alterar de

maneira desastrosa a vida dos moradores locais, causando transtornos à ordem antes estabelecida e aumentando o custo de vida para esta população.

O que mudou aqui foi só a “caristia”. Porque o que nós comprava um pão por um vintém, hoje se não for vinte centavos você não come. Ficou tudo caro. Tudo muito caro. Uma galinha, você comprava era dois vintém, três vintém, hoje quem não tiver dinheiro não compra, é quinze reais o frango.

Antes dez me-réis comprava muita coisa. Mas também era difícil juntar esses dez. Você tinha que ter uma grande produção de qualquer coisa. O sítio não rendia porque o que tinha no sítio todo mundo tinha. Melancia, você não vendia dez melancias por um vintém, que não achava que comprava. Todo mundo tinha (Saturnino, 92 anos, aposentado).

Mudou um pouco. Pra mim tanto faz como tanto fez (risos). Piorou porque ficou tudo caro. Mas acho que melhorou uma parte porque pelo menos a cidade aumentou muito do que era né. Mas também as ruas continuam piores do que era. Quebraram tudo as ruas, dizem que pra fazer um esgoto aí, mas deixaram tudo quebrado, não arrumaram nada. Quebraram as ruas do centro, dos bairros, só que nos bairro tinha rua de calçada e rua de areia, as de areia arrumaram, mas em todo canto que era calçado deixaram tudo assim revirado como a senhora vê aí (José Luís, 70 anos, aposentado).

Aqui não era cidade de turista, depois que passou a ser... acho que tá com uns oito anos que aumentou demais.

Não melhorou foi nada. O prefeito não fez nada. É dinheiro entrando e ficando por lá mesmo. Ou então tá na mão dos comerciantes porque as coisas aumentaram foi tudo. Até as coisas de comer que era barato que nem galinha, legumes, tudo, tudo aumentou (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

Serviços de responsabilidade do poder público, que deveriam ser prioritários em qualquer município brasileiro, passaram a ser prioritários em Barreirinhas a partir do momento em que a atividade turística exigiu. Tornou-se interessante, para a manutenção da demanda, que a população fosse capacitada, que os serviços de água, luz e esgoto fossem de qualidade e que o atendimento à saúde existisse.

Isso significa que a população local foi ignorada quanto a esses direitos, ou pelo menos esteve abandonada até aquele momento, quando as verbas estaduais e municipais começaram a serem direcionadas para a melhoria da infra-

estrutura municipal. Mesmo assim, os moradores locais ainda enfrentam grandes problemas que aparecem nos depoimentos a seguir.

Água tem, mas esgoto ainda não tem não porque eles fizeram um trabalho mal feito aí na rua que quase derrubam minha casa. Eles furaram a rua e era tanta água pra todo lado, não parava de sair água, afundou aqui um pedaço da sala, as paredes racharam tudo, a calçada desmoronou toda, que eu tive que reformar a casa todinha. Disseram que vinham ajeitar e nunca que vieram. Eu fui à prefeitura reclamar, mas disseram que não era com a prefeitura isso. Eu digo “então eu não sei com quem é porque quem manda aqui é o prefeito!”. Então não ajeitaram nada. E aí eu fiquei com o prejuízo todinho e ainda não tem esgoto, só mesmo a fossa (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

A luz foi ontem, bem dizer (risos) (Saturnino, 92 anos, aposentado).

Minha vida é viajando porque eu fiz cateterismo, então eu tenho que ir muito pra São Luís ou pra Teresina pra me tratar porque aqui não tem tratamento direito. Eles (médicos) vêm só de vez em quando. E quando a gente precisa eles nunca estão, então tem que ir né, senão morre. E eu preciso sempre ir ver se está tudo bem porque, você sabe, velho tem que tá a vida toda no médico. (risos) (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

Contudo, por mais que a atividade turística seja praticada no município, e que os moradores tenham seu cotidiano alterado por ela, tanto em melhorias na infra-estrutura da cidade, quanto em aumentos no custo de vida, a presença dos turistas pelas ruas da cidade não é algo que incomode.

No caso de Barreirinhas o turista ausenta-se pouco do local onde está hospedado. O contato com a população acontece, na maioria das vezes, após o pôr-do-sol, quando saem em busca de vida noturna à beira do rio. Por isso muitas vezes essa população flutuante não é nem percebida pelos mais velhos.

Minha filha, pra mim tanto faz como tanto fez. Eu não saio, nem reparo neles (Maria de Jesus, 63 anos, aposentada).

Ah é uma tolice. Uma tolice e uma “belice” também pra eles. Porque eles nunca tinham visto. Eu acho que eles nunca tinham visto umas dunas dessas limpinha, que a senhora pode ir com uma roupa limpa, de linho, bonita, chega meia noite em cima da murraria, deu sono, você se deita ali, esconde só o rosto por causa do vento. De

manhã você se levanta é só bater a roupa, não pega uma noda. É limpo, limpo, limpo. Tem lagoa que você chega é azul, outra que você chega é natural, outra é outra cor, aí vai indo é outra cor, tudo muda aí dentro. Eu vou lá desde novo. De vez em quando chega uns aqui e perguntam, “senhor, o senhor foi lá?” eu digo “ô rapaz, ta querendo ensinar missa pra padre!” (Saturnino, 92 anos, aposentado).

Obviamente que a percepção da população sobre o turismo não se esgota com as três entrevistas realizadas nessa fase. No entanto, a pesquisa de Memória Viva atingiu seu objetivo de permitir observações sobre as transformações na produção espacial de Barreirinhas que não poderiam ser percebidas em livros e documentos.

Esta metodologia foi essencial para a obtenção de informações sobre o cotidiano dos moradores tradicionais, e mostrou que a infra-estrutura da cidade está sendo alterada, numa ação que pode fazer parte do processo de desenvolvimento ou de um processo de globalização, no qual:

A ordem trazida pelos vetores da hegemonia cria, localmente, desordem, não apenas porque conduz a mudanças funcionais e estruturais, mas, sobretudo, porque a ordem não é portadora de um sentido, já que seu objetivo – o mercado global – é uma auto-referência, sua finalidade sendo o próprio mercado global (SANTOS, 2008, p. 334).

Essa desordem estrutural configura transformações num espaço contínuo, lugar, formado pelo trabalho solidário e conflitivo da coletividade (SANTOS, 2008). É nesse espaço contínuo, no qual as redes locais podem contrapor as finalidades hegemônicas, onde forças horizontais podem favorecer as contrafinalidades.

Através desta pesquisa foi possível verificar as transformações na configuração territorial e nas relações sociais do município, e conseqüentemente diagnosticar as transformações espaciais ocasionadas pela atividade turística realizada em Barreirinhas, objetivo principal desta pesquisa.

Portanto, é nessas transformações espaciais, nessa provável tentativa de sobreposição de forças hegemônicas verticais, que Barreirinhas pode encontrar vetores endógenos para atribuir contrafinalidades ao turismo. Ou seja, a partir da interdependência de elementos locais e da comunicação entre os atores

locais, pode-se buscar o desenvolvimento social a partir de uma atividade econômica, o desenvolvimento socioespacial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se caracterizar o turismo, passou-se por um breve histórico desta atividade que fez perceber que sua lógica atual só se apresentou a partir do final do séc. XIX. Isso porque anteriormente os deslocamentos humanos sobre o globo terrestre tinham maior relação com a sobrevivência do que com o lazer.

Ao final da Revolução Industrial o homem pôde usufruir seu direito de ir e vir rompendo com a servidão. A partir da valorização da paisagem o turismo passa a tê-la como principal objeto, e os deslocamentos passam a ter como primeiro objetivo o lazer.

No Brasil, percebe-se que a atividade turística passou por vários momentos de declínio e ascendência em função das mudanças políticas e econômicas dos sucessivos governos. A atividade viveu seus momentos mais expressivos durante a década de 1990, com a valorização do real e a facilidade de aquisição de pacotes internacionais de viagem; e no início dos anos 2000, quando novas companhias aéreas surgiram no mercado.

Fez-se necessária a análise das redes de funcionamento da atividade turística, que são principalmente as redes de transporte e comunicação. Verificou-se que a partir de redes eficientes de rodovias e aeroportos e da organização dos meios de transporte os territórios se integram cada vez mais rápido, possibilitando fluidez também para a atividade turística.

A informação também chega rapidamente aos lares brasileiros, seja pela televisão (hoje presente em grande parte das residências brasileiras), seja pelo meio virtual da internet, ainda distante de populações pobres, mas que alcança grande parte da população potencialmente turística.

Essas informações levam consigo propagandas capazes de determinar o destino e o modo como serão aproveitadas as férias das famílias brasileiras com rendas médias. O espaço tornou-se fluido, com finanças e informações se movimentando em tempos rápidos, homogeneizando o território e possibilitando deslocamentos para os mais diversos fins, entre eles o turismo.

Essa fluidez espacial permite também a ocorrência das diversas formas de turismo que foram apresentadas e analisadas neste trabalho, fazendo

com que a confluência entre elas seja freqüente, o que dificulta a identificação de uma viagem em um único tipo de turismo.

O caráter econômico da atividade turística pode ser revertido em benefício de populações mais pobres. Artesãos e rendeiras podem vender seus produtos aos visitantes e muitas outras formas podem ser pensadas e postas em prática para que todos usufruam do turismo, atentado sempre a regulação da atividade. Além de alternativas econômicas, o turismo pode proporcionar a conservação de alguns elementos culturais das diferentes regiões do país.

Ver o turismo como uma fonte de renda significa, antes de tudo, vê-lo como uma alternativa para a diminuição das desigualdades sociais existentes no país, numa tentativa de dar início ao processo de desenvolvimento socioespacial. As ações da sociedade somadas á regulação de políticas públicas podem impedir que municípios pobres fiquem ainda mais carentes economicamente, e vice-versa.

Daí a importância de se pensar o desenvolvimento socioespacial como um processo que deve partir de elementos e ações endógenas, pois cada lugar tem características únicas que determinam sua lógica produtiva e favorecem a solidariedade materializada no espaço contínuo da horizontalidade.

A partir daí pensou-se no turismo como um elemento endógeno de Barreirinhas a ser tomado como vetor para o processo de desenvolvimento do local. Uma alternativa para o município que recebe turistas em busca dos Lençóis Maranhenses, que tem nesta atividade uma das principais fontes de renda municipal, e que ainda apresenta problemas graves de saneamento, saúde e educação, além da pobreza.

O turismo em Barreirinhas apresenta características interessantes ao se considerar que há poucos anos atrás para se chegar ali eram necessárias doze horas de viagem sobre uma estrada de terra, e que atualmente o trajeto é percorrido em menos de três horas.

Uma nova estrada foi construída para diminuir a distância entre a capital e os Lençóis Maranhenses, a mídia televisionada investiu em propagandas, e a Rede Globo gravou um filme e duas novelas sobre as dunas do Parque. Esses fatores proporcionaram visibilidade às atratividades da região.

Com isso o turismo tomou o papel de principal atividade econômica de Barreirinhas, e passou a ser objeto de desejo de investidores externos. Verificou-se que pousadas e restaurantes pertencem a pessoas que moram na capital, ou são

oriundas de outros estados. Trabalhadores também foram atraídos pela oferta de empregos relacionados ao turismo.

Com a aplicação dos questionários foi possível averiguar que a população percebe problemas acarretados pela atividade turística, como o aumento do custo de vida, a poluição ao ambiente e, o preenchimento do mercado de trabalho por pessoas de fora da cidade.

Também se verificou que a população reconhece que o turismo não beneficia a todos e que este carece de incentivos estruturais e de qualificação humana para que possa atingir as pessoas excluídas economicamente e, então, melhorar a qualidade de vida da população mais pobre.

Outra forma de apreender a percepção dos moradores foi a pesquisa de Memória Viva, que mostrou o cotidiano da população no campo, e mostrou que, para os moradores da região, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses não tem o mesmo significado que para os turistas. Para o turista os lençóis significam fuga do cotidiano, e representam momentos de lazer; para os moradores locais eles fazem parte do cotidiano e também significam trabalho.

Também foi possível notar que, embora o aumento da demanda turística tenha ocasionado transtornos como o aumento do custo de vida, a população a considera como algo capaz de gerar empregos, movimentar o comércio, e trazer atendimento às necessidades básicas dos moradores. Ou seja, a população local percebe o turismo também como algo capaz de oferecer danos, mas não o repudia como atividade econômica.

Portanto, pode-se considerar que com comunicação e organização, a população local pode participar de forma ativa da gestão desta atividade econômica, e assim dar uma continuidade sólida ao processo de desenvolvimento socioespacial de Barreirinhas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Desenvolvimento e instituições: a importância da explicação histórica. In: ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M.; ABRAMOVAY, R. **Razões e ficções do desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos_cientificos/2001/Desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2007.

BAHL, M. Viagens e turismo. In: BAH, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Pretexto, 2004. p. 31 – 43.

BARRATUR: **A sua melhor companhia de viagem**. Barreirinhas: SerGraf, (199-). 1 Folder.

BARREIRINHAS. Secretaria Municipal de Educação. **Censo Escolar 2007**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Matricula/censoescolar_2007.asp?metodo=1&ano=2007&UF=MARANH%C3O&MUNICIPIO=barreirinhas&Submit=Consultar>. Acesso em: 27 nov. 2007.

_____. **Lei Orgânica do Município de Barreirinhas Estado do Maranhão**. Barreirinhas, 1990.

BRANDÃO, C. F. **Estrutura e funcionamento do ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Controladoria Geral da União**. Disponível em: <<http://www.cgu.gov.br/convenios/consultam.asp?fcod=733&fnome=BARREIRINHAS&festado=MA&forgao=00>>. Acesso em: 07 jun. 2008.

_____. Presidência da República. **Lei n. 9.985/00**. Brasília: Diário oficial da União, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 07 jun. 2008.

_____. **Consolidação das leis do trabalho**. Organização dos textos de E. G. SAAD. Comentada. São Paulo: LTr, 2007.

_____. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Diário Oficial da União, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 27 nov. 2007.

BRAZ, F.; CALVENTE, M. del C. M. H. Sociedade e ambiente: um diálogo crítico sobre a sustentabilidade e o turismo. In: CARVALHO, M. S. de. **Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Londrina: a Autora, 2003. p. 163 – 178.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Resenhas. **Revista de Economia Política**, v. 22, n. 3 (87), jul/set, 2002. p. 157 – 159. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/resenhas/resenhas-88.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2007.

CALVENTE, M. del C. M. H. **Turismo e excursionismo rural**: potencialidades, regulação e impactos. Londrina: Humanidades, 2004.

_____. Turismo rural e modernização – sua forma e função. **Geografia** – Revista do Departamento de Geociências, v. 09, n. 01, p. 25 – 39, jan. – jul. 2000.

CALVENTE, M. del C. M. H.; MOURA, J. D. P.; ANTONELLO, I. T. Memória Viva como instrumento para o ensino de Geografia. **Geografia** – Revista do Departamento de Geociências, v. 11, n. 01, p. 391 – 402, jan. – jul. 2003.

CARMO, S. I. S.; COUTO, E. F. B. **A expansão imperialista e o Brasil República**. São Paulo: Atual, 1997.

CARNEIRO, H. S. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. **História: questões e debates**. Curitiba, n. 35, p. 227 – 247, 2001.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: CORIOLOANO, L. N. M. (org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FENECE, 2003a. p. 13 – 28.

_____. O turismo e o movimento cooperativista. In: CORIOLOANO, L. N. M. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FENECE, 2003b. p. 29 – 40.

CORRÊA, G. H. R. C. **Impactos sócio-ambientais causados pelo turismo na cidade de Barreirinhas nos últimos dez anos (1994 – 2004)**. 2004. Monografia (licenciatura) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

CVC. **Operadora de viagens CVC**. Disponível em <<http://www.cvc.com.br>>. Acesso em: 16 out. 2005.

D'ANTONA, A. O. Turismo em parques nacionais. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Org.) **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81 – 94.

DE MASI, D. Turismo e tempo livre: uma alternativa para o terceiro milênio. In: FARIA, I. F. de (Coord.). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001. p. 01 – 11.

DESENVOLVIMENTO. In: FERREIRA, A. B. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 650.

DOMINGOS, T. A. **Participação popular na política municipal brasileira: plano diretor participativo e orçamento participativo**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

EL DIÁRIO. Acercando el mundo. **O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Disponível em: <<http://www.acercandoelmundo.com/elViaje/elDiario.asp>>. Acesso em: 28 maio 2008.

ENVOLVER. In: FERREIRA, A. B. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 775.

EMBRATUR. **Empresa Brasileira de Turismo**. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em: 14 out. 2005.

FIGUEIREDO, L. A. V. Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: HUCITEC, 2002. p. 55 – 67.

FIORILLO, C. A. P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.

FRANÇA, P. H. Entre 124 países, Brasil é o 59º mais atraente. **Folha de Londrina**, Londrina, 07 de mar. de 2007. Caderno turismo, p. 4.

FRANCO, A. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável?** Disponível em: <http://www.aed.org.br/arquivos/porque_precisamos_alis.doc>. Acesso em: 04 mar. 2006.

GONÇALVES, R. A. et al. Classificação eólica dos Lençóis Maranhenses – Maranhão – Brasil. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 02, n. 03, p. 99 – 112, 2003.

GOOGLE. **Google Earth**. Disponível em: <<http://www.google.com>>. Acesso em: 07 fev. 2008.

GUEDES, T. A. et al. **Estatística descritiva**. Disponível em: <http://www.des.uem.br/downloads/arquivos/Estatistica_Descritiva.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2008.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165 – 205.

IBAMA. **Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUc.php?seqUc=11>>. Acesso em: 08 jun. 2008.

_____. **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/listaUcCategoria.php?abrev=PARNA>>. Acesso em: 29 out. 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **SIDRA** Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/procurar/default.asp?z=t&o=3&i=P>>. Acesso em: 20 abri. 2008.

_____. **Cidades**: Barreirinhas. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

INAGRO, Instituto de Agronegócios do Maranhão. **Plano de Desenvolvimento do Assentamento Lagoas – Barreirinhas/MA**. Disponível em: <http://www.inagro.org.br/cotacoes_lagoas.php>. Acesso em: 30 mar. 2008.

KLIKSBEIG, B. **Repensando o Estado para o desenvolvimento social**: dogmas e convencionalismos. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

LIMA, R. N. de. “Globalizaram” o bumba-meu-boi. **ARTEunesp**, São Paulo, v. 13, p. 211 – 220, 1997.

MAGALHÃES, C. F. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MARANHÃO. Governo do Estado do Maranhão. Secretaria de Estado da Indústria e Comércio do Maranhão. **Plano Maior do Turismo**. Disponível em: <http://www.sinc.ma.gov.br/areas_programas/prodetur/plano_maior.php>. Acesso em: 13 maio 2008.

_____. Governo do Estado do Maranhão. **Parque dos Lençóis** – o único deserto do mundo com milhares de lagoas. Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br/pt/polos/lencois/index.html>>. Acesso em: 27 nov. 2007.

_____. Governo do Estado do Maranhão. **Maranhão, uma grande descoberta**. Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br>>. Acesso em: 16 out. 2005.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. de O. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. Disponível em: <<http://www.ibict.br/ciencidainformacao/printarticle.php?id=563&layout=html>>. Acesso em: 11 de junho de 2007.

MASINA, R. **Introdução ao estudo do turismo: Conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MELLO, L. A. A interface existente entre turismo, meio ambiente e território. In: I SIMPGEO - Simpósio Paranaense de Pós-Graduação em Geografia, 2006, Maringá. **Artigos...** Maringá, UEM, CD-ROM.

MILANI, C. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). **Projeto Capital Social, Participação política e Desenvolvimento Local**. Salvador. Disponível em: <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 6. ed. Londrina: EDUEL, 2007.

OLIVEIRA, C. R. Produzindo o espaço do ócio. In: DAMIANI, A.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. L. (Org.) **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 190 – 198.

OMT. **Organização Mundial do Turismo**. Disponível em: <http://www.unwto.org/index_es.htm>. Acesso em: 17 abr. 2007.

PIRES, P. S. A Paisagem Litorânea de Santa Catarina como Recurso Turístico. In: YAZIGI, E., CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 2002, p. 161-177.

_____. Uma trajetória para o ecoturismo no Brasil. In: _____. **Ecoturismo no Brasil: uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista**. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: FFLCH/USP, 1998. p. 85 – 141.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Software. Disponível em: < <http://www.pnud.org.br/atlas/instalacao/index.php>>. Acesso em: 10 maio 2008.

QUEIROZ, L. M. A. de. Turismo e território: da reflexão teórica à análise de modelos de gestão turística em cidades selecionadas. In: _____. **A gestão pública e a competitividade de cidades turísticas: a experiência da cidade de Salvador**. Tese (Doutorado em Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional). Barcelona: Universidade de Barcelona, 2005. p. 157 – 240.

RESORT. **Porto Preguiças**. Disponível em: <<http://portopreguiças.com.br>>. Acesso em: 29 out. 2005.

RIPOLL, G. **Turismo Popular: Investimentos rentáveis**. São Paulo: Roca, 2003.

RODRIGUES, A. B. Território, patrimônio e turismo com base local – uma relação inequívoca. In: SEABRA, G. (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. p. 15 – 29.

_____. Turismo e territorialidades plurais – lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, 2006. p. 297 – 315.

_____. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 55 – 64.

_____. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: HUCITEC, 2001.

ROSE, A. T. de. **Turismo: Planejamento e Marketing**. Barueri: Manole, 2002.

SAAB, W. G. L. Considerações sobre o desenvolvimento do setor de turismo no Brasil. **Banco de desenvolvimento de todos os brasileiros**. Estudos e publicações. Brasília, out/1999. Disponível em: <<http://www.ebndes.com/conhecimento/bnset/set1008.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2007.

SANTANA, P. V. A mercadoria verde: a natureza. In: DAMIANI, A.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. L. (Org.) **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 177 – 189.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 4. reimp. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado – fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. Do meio natural ao meio técnico – científico – informacional. In: _____. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, Record, 2002. p. 23 – 53.

_____. (Re)Distribuição da população, economia e geografia do consumo e dos níveis de vida. In: _____. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, Record, 2002. p. 199 – 243.

SEABRA, O. C. L. Pensando o Processo de Valorização e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, n. 66, 1988. p. 97 – 103.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **O Sebrae**. Disponível em: <<http://www.ms.sebrae.com.br/Sebrae/sebrae2/>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

SILVA, A. C. et al. Desenvolvimento do turismo brasileiro na década de 1980. **Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica**, São Paulo, set/2003. Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/set03_artigos/decada%20de%201980.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2007.

SILVA, D. L. B. O Início do Turismo no Maranhão. **Revista Zegs**, São Luís, fev/2008. Disponível em: <<http://www.zegs.com.br/2008/2/27/Pagina1517.htm>>. Acesso em:

13 maio 2008.

SOUZA, E. B. C. Natureza e consumo – a contraditória relação de sustentabilidade na atividade turística. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 09, n. 3, p. 253 – 258, set./dez. 2003.

SOUZA, C.; BLUMM, M. Autonomia política local: uma revisão da literatura. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 51 – 67, jul./dez. 1999

SOUZA, M. J. L. de. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. A. B. (Org.) **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 17 – 22.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.77 – 116.

TSUJI, T. **Região dos Lençóis Maranhenses**: cenários futuros de ecoturismo e desenvolvimento sustentável. Curitiba: Juruá, 2002.

VARGAS, G. M. Território e natureza. **Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/papers/GT/GT01/gloria_vargas.pdf> Acesso em: 25 out. 2007.

VOLVER. In: CUNHA, A. G. **Dicionário etmológico da língua portuguesa**. 2. ed. 17ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 827.

XAVIER, H. A incorporação da dimensão do turismo no ensino da geografia. In: PONTUSCHKA, N. M.; OLIVEIRA, A. U de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 59 – 68.

YÁZIGI, E. O litoral como patrimônio natural e cultural. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (orgs.) **Turismo e patrimônio cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 123 – 130.

ZANGIROLI, C. M.; MAGON, S. A memória viva como método de pesquisa. In: CALVENTE, M. del C. M. H.; GONÇALVES, M. (Org.). **Turismo em pequenos municípios: Jataizinho – Paraná (uma pesquisa do projeto Ternopar)**. Londrina: Humanidades, 2004. p. 27 – 32.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de questionários aplicados à proprietários de equipamentos turísticos durante a pesquisa de campo.

Bares (), Restaurantes (), Pousadas () ou Hotéis ()

Qual o tipo de público que frequenta seu estabelecimento?

Qual seu horário de funcionamento?

Este estabelecimento recebe algum tipo de benefício do governo Estadual ou municipal?

Como empresário, você sentiu alguma diferença nos negócios desde 2000? Para melhor () ou não (). Por quê?

Este estabelecimento foi inaugurado em que ano?

De onde você é? De Barreirinhas mesmo?

Você é o proprietário? () Sim () Não.

Se “não”, qual seu cargo? _____

APÊNDICE B – Modelo de questionários aplicados à população local durante a pesquisa de campo.

População Local	
1) O que você acha que mudou na cidade desde 2000?	
2) O que você acha da atividade turística nos Lençóis? É boa (), Razoável (), ou Não é boa () Porque? _____	
3) Você acha que está sendo beneficiado pessoalmente com esta atividade? Sim (), Não () Se “sim”, de que forma é isso acontece?	
4) Você acha que a população de Barreirinhas está sendo inserida no mercado de trabalho da atividade turística? Sim () Não () Porque?	
5) A população local frequenta os mesmos lugares dos turistas na cidade? Quais?	
6) Você acha que o meio ambiente pode ser ou está sendo atingido de alguma forma com a atividade turística nos Lençóis? Como?	
7) De onde você é? De Barreirinhas mesmo? _____	
8) Você trabalha? Em que? _____	
9) Em sua opinião quem são os maiores beneficiados com a atividade turística realizada em barreirinhas? Enumere: () o próprio turista () a população local () proprietários de lanchas e toyotas () agências de turismo () pequenos empresários, proprietários de equipamentos turísticos (como hotéis e restaurantes) () outro _____	
10) Você conhece o parque? Sim () Não ()	11) Qual sua idade? _____

APÊNDICE C – Roteiro de perguntas para a pesquisa de Memória Viva.

Obter informações como:

- Há quanto tempo o entrevistado mora na cidade;
- Qual era a principal atividade econômica anteriormente;
- Quais as características da cidade anteriormente;
- Há quanto tempo a cidade recebe abastecimento energético e de água e luz;
- A cidade e a vida cotidiana sofreram alterações com a chegada da demanda turística;
- As alterações sofridas pela cidade melhoraram ou não a qualidade de vida da população;
- O que mudou especificamente no cotidiano do entrevistado com a interferência da movimentação turística na cidade;
- Qual a opinião do entrevistado sobre a presença constante de turista;
- Qual o sentimento do entrevistado em relação ao Parque Nacional do Lençóis Maranhenses e se ele já esteve pessoalmente no local.

ANEXOS

ANEXO A – Reportagem de jornal sobre transporte aéreo no Brasil.

FOLHA DE LONDRINA, quarta-feira, 27 de junho de 2007 **Economia** 3

Valter Campanato/ABR

Pessoas de renda menor viajam mais de avião

Alessandra Saraiva
Agência Estado

Rio de Janeiro - Com as frequentes crises, atrasos e "apagões aéreos" registrados este ano, houve uma mudança em junho no perfil de passageiros que passaram pelos aeroportos. Pessoas com renda menor estão viajando mais de avião e pessoas com renda mais elevada estão usando outras opções de transporte. A informação consta de corte especial da pesquisa "Sondagem das Expectativas do Consumidor", cujas respostas são usadas para cálculo do Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Segundo o coordenador de sondagens conjunturais do Instituto Brasileiro de Fomento Social (IBRAF), foi o maior percentual de entrevistados, para esse tipo de pergunta, nessa faixa de renda desde a criação do ICC, em setembro de 2005. "Ou seja: quase um quarto dessas famílias, nessa faixa de renda, está viajando de avião", afirmou Campelo. Ele comentou



que, para esse tipo de pergunta, é mais correto comparar com igual mês do ano anterior, devido à sazonalidade do período - costumeiro para viagem de férias. O economista considerou que, com as crises enfrentadas pelo setor aéreo, as empresas do setor realizaram muitas promoções nos preços de passagens, que em alguns casos se equivalem ao preço de uma passagem de ônibus. Na avaliação do economista, isso estimulou as famílias nes-

sa faixa de renda, que não viajam frequentemente de avião, a optar por esse tipo de transporte. "Para eles, é praticamente uma novidade", considerou.

Em contrapartida, entre as famílias de renda acima de R\$ 9.600, a parcela dos entrevistados que revelaram intenção de viajar de avião caiu de 56,6% para 54%, de junho de 2006 para junho deste ano. O economista considerou que essa faixa de renda tem poder aquisitivo suficiente para optar por

outros tipos de transporte, mais caros.

Esse comportamento dos consumidores inseridos em faixa de renda menos elevada diminuiu a participação desse tipo de passageiro em viagens de ônibus, no mesmo período. De acordo com Campelo, entre os entrevistados com renda familiar até R\$ 2.100, a parcela dos que pretendem viajar de ônibus caiu de 22,2% para 16,2%, de junho do ano passado para junho deste ano.

O volume de pessoas com renda de até R\$ 2,1 mil que vão viajar nos próximos seis meses passou de 18,4% em junho do ano passado para 23,6% em junho deste ano

ANEXO B – Reportagem de jornal sobre o turismo nacional.

4 Turismo

FOLHA DE LONDRINA, quarta-feira, 7 de março de 2007

DESTINO TURÍSTICO

Entre 124 países, Brasil é o 59º mais atraente

Pesquisa divulgada pelo Fórum Econômico Mundial revela que País poderia estar numa posição melhor se transporte fosse mais seguro e houvesse menos entraves para vistos

Pedro Henrique França
Agência Estado

São Paulo - O turismo brasileiro poderia ser mais atraente se o transporte terrestre – portos, ferrovias e estradas – oferecessem um ambiente mais seguro aos turistas e menos entraves para as concessões de visto. É o que avalia a pesquisa divulgada pelo Fórum Econômico Mundial, que coloca o Brasil na 59ª colocação, entre 124 países pesquisados, no que se refere a ambiente de turismo.

De acordo com a pesquisa, apesar de o Brasil se beneficiar "de excelentes recursos naturais e culturais", os pontos mencionados devem ser melhorados se quiser se tornar um destino mais atraente para os turistas. Em todas essas categorias, o Brasil ficou abaixo da 80ª posição. A segurança, bastante repercutida na imprensa nacional e internacional, ocupa o 90º lugar.

O estudo "Relatório de Competitividade de Viagens e Turismo 2007" do Fórum Econômico Mundial, no entanto, põe o País em boa colocação nas categorias "rede de transporte aéreo" e "infra-estrutura dedicada ao turismo", em que obteve o 28º lugar em ambos.

A indústria de viagem e turismo no ano passado, de acordo com estimativa do levantamento, representou 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB) do País e 2,7% dos empregos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) divulgados em janeiro deste ano, entretanto, afirmam que o setor responde por 2,23% do PIB nacional. O estudo do IBGE foi subsidiado por dados de 2003.

O Brasil aparece atrás de países como Costa Rica (41ª), Chile (45ª), México (49ª), República Dominicana (50ª) e Uruguai (56ª). Se serve de consolo, aparece, contudo, na frente do país vizinho, a Argentina, que ficou com a 64ª colocação. Está também mais bem colocado que os emergentes Índia (65ª) e China (71ª).

Segundo Geoffrey Lipman, secretário-assistente geral da Organização Mundial do Turismo, o estudo mostra que, embora os países industrializados sejam dominantes no ranking de competitividade, "os países mais pobres apresentam um potencial imenso para tornar a liderança no turismo internacional".

Suíça, Áustria e Alemanha obtiveram as primeiras posições. A pesquisa, que reitera não ser um "concurso de beleza", apontou os países Islândia, Estados Unidos, Hong Kong, Canadá, Cingapura, Luxemburgo e Reino Unido como os outros sete destinos mais atraentes, entre os dez primeiros colocados.

Para o Fórum, estas nações que ficaram no topo do ranking mostram a importância de uma arquitetura regulatória e empresarial que gera apoio, em conjunto com uma infra-estrutura de classe para transportes e turismo. "Além de um foco no fomento de recursos humanos e naturais e apoio na criação de um ambiente atraente para o crescimento do setor de viagens", afirmou Jennifer Blanke, economista sênior da Rede de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial.



Praias brasileiras, como as do Ceará, são um dos principais atrativos para turistas estrangeiros



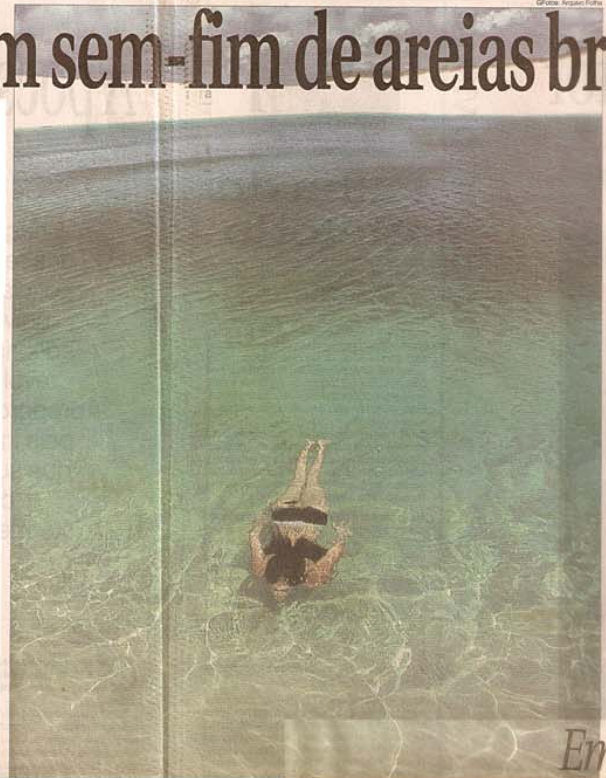
Rio de Janeiro foi o representante brasileiro na conquista do prêmio de uma conceituada revista norte-americana

ANEXO C – Reportagens de jornais sobre o turismo nos Lençóis.

FOLHA DE LONDRINA, quarta-feira, 22 de março de 2006

Turismo 5

Um sem-fim de areias brancas no Maranhão



Praias de mar e de rio em ambientes ainda pouco tocados pelos turistas permitem uma infinidade de passeios

Patrícia Villalba Agência Estado

São Luís - Dos azulejos portugueses da capital São Luís as areias brancas e sem-fim do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, o Estado do Maranhão impressiona tanto pela quantidade de passeios possíveis quanto pela variedade e beleza de suas paisagens. Praias de mar e de rios, aulas de história à céu aberto, gastronomia da melhor qualidade e um ambiente que ainda parece pouco tocado pelo turismo de massa fazem os passeios das operadoras - de geralmente sete dias - parecerem curtos para o tanto que há por conhecer.

Mas as terras onde canta o sabá, como escreveu o ilustre poeta maranhense Gonçalves Dias, exigem bastante do turista. Não é o tipo de lugar de perfil contemplativo, como as praias balneares, por exemplo. É passeio para bater perna mesmo, seja nas dunas dos Lençóis ou no centro histórico de São Luís.

Mesmo assim, há opções para todo tipo de turista - das mais radicais aos mais sossegados. O que não há é um conforto imenso, principalmente nas cidades que servem como porta de entrada para o Parque dos Lençóis, onde as pousadas e os pequenos hotéis estão mais para charmosos do que para confortáveis - algumas localidades, aliás, não têm energia elétrica.

Nos Lençóis, não é raro dormir e acordar com a cama cheia de areia - fininha, ela voa com o vento forte da região e entra em todos os cantos. A paisagem, no entanto, compensa qualquer esforço

ou desconforto - é, com certeza, uma das mais lindas e impressionantes do País. E desafia as leis da natureza ao exibir lagoas imensas, cheias de peixes, bem no meio da areia.

Partindo de São Luís de carro pela Rodovia Translitorânea (MA-402), se chega a Barreirinhas, a maior cidade em torno do Parque. O percurso leva cerca de cinco horas. De lá, é possível alugar um barco ou uma lancha para percorrer o imponente Rio Preguiças e conhecer algumas pequenas localidades, como Vassouras e Caburé. É o melhor lugar também para se contratar um guia, já que não é possível andar pelas dunas sem a companhia de alguém que conheça bem o lugar.

Outra possibilidade, que precisa de uma organização um pouco mais detalhada, é montar um grupo e atravessar o Parque de ponta a ponta, também acompanhado de um guia. O passeio, feito a pé e preferencialmente durante a noite, leva de 5 a 8 dias, dependendo do passo. Nesse esquema, não há pousadas e é preciso ficar hospedado em casas de moradores, dormir em rede, o que foi - no melhor estilo do filme "Casa de Areia", de Andrucha Waddington, que foi rodado na região em 2004.

Nas áreas gastronômicas, tanto São Luís quanto as localidades em volta dos Lençóis oferecem boas opções - carne-de-sol e camarão, servidos quase sempre com fartura, temperados na medida certa e com preços que não pesam no bolso. Em tempo: a melhor época para visitar a região vai de junho a novembro, quando as lagoas dos Lençóis estão cheias e o mergulho de recompensa pela caminhada é garantido. Programe-se desde já. Viagem feita a convite da Venturas & Aventuras

Estado oferece opções para todo tipo de turista: radical ou sossegado

Em São Luís, o folclore é destaque

A melhor época para visitar a região vai de junho a novembro, quando as lagoas dos Lençóis estão cheias

Dunas se estendem até onde a vista alcança

Barreirinhas - O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses é daquele tipo de lugar em que a gente chega e mal acredita que é de verdade. As dunas se estendem até onde alcança a vista ou até onde o branco delas é quebrado pelo azul de suas lagoas. São 150 quilômetros de areia, que tomam 75 quilômetros do litoral do Maranhão e vão 30 quilômetros costa adentro. Uma imensidão que pode ser vista de vários ângulos - dependendo do caminho que se toma até lá, das localidades que se escolhe para ficar e do grau de aventura que se quer dar à viagem.

A maneira mais fácil de se chegar a uma daquelas dunas é partir de São Luís rumo ao município de Barreirinhas, que é o principal portão de entrada do Parque Nacional. Distante 260 quilômetros da capital, a cidade tem os melhores hotéis da região e dispõe de serviços de guias, carros e barcos alugados.

Pelo Rio Preguiças, de Barreirinhas, são mais 30 quilômetros de barco - lancha, de preferência - até o povoado de Caburé. A viagem pelo rio, com suas margens de manguezais, já é incrível e merece um mergulho. Ali perto também está o povoado de Mandacaru e seu farol. Trezentos e sessenta degraus depois, é possível ter uma bela vista da região, com o Preguiças de um lado e parte dos Lençóis do outro. Já na foz do rio, encontra-se o povoado de Atins, que fica numa das extremidades do Parque Nacional, a uma hora e meia de caminhada pelas dunas.

Há duas possibilidades para quem quiser conhecer a região. A mais fácil é "comer pelas beiradas", saindo de Barreirinhas para visitar localidades como Vassouras, Caburé e Atins, por exemplo, que ficam à beira das dunas. A outra, para os mais corajosos, é atravessar todo o Parque, de Atins até Santo Amaro. É uma aventura que pode durar sete dias, caminhando à noite para fugir do sol e dormindo em casa de moradores, na maioria das vezes.

Dessa forma, é possível alcançar lugares singulares e cheios de histórias para contar, como Queimada dos Britos. O viajante que parte de Atins, depois de passar pela foz do Rio Negro, caminha durante seis horas até o oásis onde vivem os moradores do povoado - 200 pessoas, todos parentes. (P.V./AE)

São Luís - Uma aula de história do Brasil, com um capítulo especial para o que há de mais representativo no nosso folclore, espera o turista em São Luís. Antiga lido lupanária e fundada como cidade em 1612, a capital tenta, num trabalho conjunto da prefeitura e das operadoras de turismo, não ficar nos roteiros como apenas uma escala a ser feita antes da ida para o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Para isso, oferece um agradável passeio entre os seus casarões do período colonial, projetados por arquitetos portugueses. Coloridos, muitos têm suas fachadas revestidas pelos famosos azulejos portugueses originais, que acabaram se tornando a marca da cidade.

Se o idêntico a passar por várias cidades do Estado, dois dias são suficientes para conhecer a capital. É impressionável passar pelo Teatro Arthur de Azevedo (Rua do Sol, 180), o segundo mais antigo do Brasil, fundado em 1817. No número 302 da mesma rua, visite o Museu Histórico e Artístico do Maranhão (aberto de terça a sexta-feira, das 9 às 18 horas; sábado e domingo, das 14

às 18 horas), para saber sobre as diversas mistelações do bumba-meu-boi. Outro que merece atenção é o Museu de Artes Visuais (Rua Portugal, 273; aberto de terça-feira a sábado, das 9 às 19 horas), com acervo composto por azulejos coloniais. Vá também ao Solar São Luís (esquina das Ruas Egito e Nazaré), o maior prédio em azulejos portugueses do País.

Só não se esqueça de visitar o Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão - Osprema (Rua de São Pantaleão, 1.232; aberto de segunda a sexta-feira, das 9 às 19 horas; sábado até as 20 horas, e domingo até as 13 horas), o órgão oficial de estímulo ao artesanato local, onde são encontrados todos os tipos do rico artesanato do Estado.

No Ceprama, a loja do buri, uma árvore bem comum na região, é matéria-prima para bolsos, tapetes e chinêlo, e com a renda de bilro, herança dos aporáns, faz os banhos de mesa maranhenses. Há, ainda, miniaturas dos personagens da festa de bumba-meu-boi e o Guarani Jesus, religião cor-de-rosa que faz sucesso entre maranhenses e turistas. (P.V./AE)

'Casa de Areia' deixou marcas em Santo Amaro

Santo Amaro - O elenco de "Casa de Areia", de Andrucha Waddington, deixou uma lembrança do tempo em que usou a cidade de Santo Amaro como base para as locações do filme nas paredes da pousada Solar das Gavotas. "Esta pousada foi o nosso lar durante as filmagens de 'Casa de Areia'", escreveu o ator Stênio Garcia.

Depois de estrear nos cinemas brasileiros no ano passado, o filme agora faz carreira internacional, levando as imagens incríveis dos Lençóis Maranhenses para vários países, como Estados Unidos e Alemanha. Em março, as atrizes Fernanda Montenegro e Fernanda Torres participam do Festival de

Berlim e, em abril, vão para a estreia do filme em Nova York. Elas interpretam as personagens principais, três mulheres que, ao longo de 80 anos, perambulam pelo sem-fim das dunas maranhenses.

Mas, mais do que devolver à cidade que a hospedou algo como uma propaganda, uma divulgação das paisagens, a produção de "Casa de Areia" acabou tornando a cidade mais acessível ao turista - trouxe energia elétrica ao lugar, por exemplo. "A cidade não tinha praticamente nada antes de se instalar o set de filmagens ali", conta a atriz Fernanda Montenegro. Fernanda diz que, mesmo sendo acostumada às altas temperaturas cariocas, o mais

difícil durante aquelas filmagens foi enfrentar o forte calor. "A luminosidade lá nas dunas também era terrível, o que nos impedia de gravar durante todo o dia. Até porque nossas personagens não poderiam aparecer de óculos de sol", brinca ela, que não autografou a parede da pousada. "Eu e a Fernandinha ficamos em casas alugadas".

A cem quilômetros do município de Barreirinhas, Santo Amaro está encravada nos Grandes Lençóis. Só é possível chegar lá com um veículo 4x4. A viagem, feita parte em estrada de asfalto e parte por trilha de areia, demora mais ou menos três horas, sem paradas. Daí, chega-se à Lagoa das



O lazer típico do Maranhão exige disposição do turista para longas caminhadas

Gavotas, uma das maiores e mais bonitas do parque. Outro atrativo são as delícias preparadas com o gigante e saboroso camarão de Maléias. Um prato com duas unidades de camarão, duas pessoas e custa R\$ 9. (P.V./AE)

Natureza incomum, tradição e reggae

Thaís Kuzman
Agência Estado

São Luís - Enfrentar cerca de cinco horas de viagem pode parecer um grande obstáculo para conhecer o Estado do Maranhão. Mas, no raio de alguns poucos quilômetros, a terra do bumba-meu-boi mostra que tem argumentos de sobra para convencer os turistas. Quem vai não se arrepende – e mais: quer voltar correndo. A capital, São Luís, ostenta seus casarões azulejados, belas praias e a herança do reggae. Alcântara, que parece ter sido congelada no tempo, reserva ruínas e muitas histórias interessantes. E, se isso tudo não é suficiente, o Estado nordestino lança seu golpe de misericórdia: o estonteante Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

Essencial no roteiro, o parque é a mistura perfeita de dunas brancas e macias e lagoas de águas doces e quentes, ideais para banho. O acesso é a partir da cidade de Barreirinhas, a 270 quilômetros de São Luís. Na chegada, a pobreza e a simplicidade do local podem assustar. Muitas ruas não têm calçamento e as casas, baixas e coloridas, são construções tão primárias que contrastam com o luxo dos hotéis e pousadas da região.

O caminho – Ali começa uma nova viagem, até a região protegida dos Lençóis. O passeio pode ser feito de 4x4 – que leva até o início das dunas –, de avião e de lancha "voadeira", uma ótima opção para conhecer os pequenos Lençóis.

O percurso até as dunas num 4x4 é uma das partes mais divertidas do roteiro. Enquanto o veículo sacoleja por pequenas trilhas no meio da areia e da vegetação nativa – mangues, carrapicho de roseta, buritizeiros, juçaraís –, é possível ver alguns animais. O 4x4, que roda buzinando, para afastar bichos ou carros que possam vir na direção oposta, também entra em pequenas lagoas no meio do caminho.

Quando o corpo começa a cansar da brincadeira de saltitar no "lombo" do automóvel, a paisagem verde vai areando, até dar lugar à areia branca. Nesse ponto, é hora de descer e contemplar a mistura perfeita e ainda assim tão exótica de céu azul, areias em movimento e águas muito límpidas.

Difícil e irresistível – Criado em 1981, o parque tem uma área de 155 mil hectares e 270 quilômetros de dunas moldadas pela ação dos ventos – que chegam a 70 km/h, principalmente nos meses de setembro e outubro, e ajudam a manter a perfeição do local. As lagoas, formadas com as águas da chuva, só aparecem entre julho e dezembro.

O "kit de sobrevivência" nos Lençóis inclui água (dentro do parque nada é vendido), roupa leve e de banho, além de óculos escuros, uma vez que as dunas são tão claras que forçam os olhos até a metade do dia, quando o sol é muito intenso. Apesar da beleza do ambiente, vá preparado para agüentar o calor e uma caminhada para deixar os



O estonteante Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses é o golpe de misericórdia para encantar os turistas

sedentários ou atletas de fim de semana com a língua de fora.

Muitas dunas são íngremes e podem ter vários metros de altura. Além disso, a areia é muito fofa, o que pode dificultar passeios até lagoas mais distantes. O ambiente paradisíaco é completado pelas gaivotas que enchem a área – algumas delas, tentando proteger seu território, dão rasantes nos turistas, mas não chegam a machucar ninguém.

Sofrendo ou não no caminho entre as dunas, chegar a uma das piscinas naturais, como a Lagoa Azul, é um presente de tirar o fôlego. Como o nome indica, as águas são praticamente da mesma cor do céu e sua temperatura agradável convida para um banho. O único perigo é ficar hipnotizado pela piscina e acabar não conhecendo outros pontos dos Lençóis.

Outro espetáculo que não pode ficar de fora é o pôr-do-sol. Sentado em uma duna, é possível ver os tons de laranja descendo até os espelhos d'água e criando diversos e inesquecíveis desenhos. No retorno a Barreirinhas, já de noite, o trajeto ganha novos contornos, assim como novos habitantes: sapos, raposas e outros pequenos animais são flagrados pelos faróis do automóvel.

SERVIÇO

■ Como chegar (saída de São Paulo)
O trecho SP-São Luís-SP custa a partir de R\$ 757,62 na BRA (11-3017-5454), R\$ 999 na TAM (4002-5700) e R\$ 1.038 na Gol (0300-115-2121)

■ Onde ficar
São Luís Pestana Resort Hotel
Tel.: (98) 2106-0505
Na internet: www.pestana.com
Diárias a partir de R\$ 249 para duas pessoas
Solare Bellagio Hotel
Tel.: (98) 4009-9595
Diária: R\$ 160 (duas pessoas)
Barreirinhas Encantos do Nordeste
Tel.: (98) 3349-0288
Diária: R\$ 150 (casal)
Porto Preguiças Resort
Tel.: (98) 3349-1220
Diária a partir de R\$ 295 (duas pessoas)

■ Informações úteis
- Passeios em Barreirinhas
Companhia de Turismo
Tel.: (98) 3227-2004

ANEXO D – Reportagens de revistas sobre os Lençóis Maranhenses



Nordeste | Maranhão

O Parque dos Lençóis: 155 000 hectares de dunas que atraem 21 000 visitantes por ano

ESTADOS | Maranhão

CHRISTINA KNEVEL/OTICÃO BRASIL/IMAGENS

A potência emergente do Nordeste

Com variado leque de atrações, o setor de turismo do estado é um dos que mais crescem no país

A EXUBERÂNCIA DA FLORESTA AMAZÔNICA, 640 quilômetros de praias, 155 000 hectares de dunas no Parque dos Lençóis e uma capital declarada patrimônio cultural da humanidade, onde os becos misturam a arquitetura portuguesa do século 17 e bares com os sons dos conjuntos locais de reggae. Graças a esse conjunto de atrações, o Maranhão virou uma das potências emergentes da indústria de turismo nacional. Entre 2003 e 2006, o movimento de turistas quase triplicou, chegando à média de 1,6 milhão de visitantes por ano. O governo estadual concentra agora investimentos para transformar o Maranhão numa referên-

cia nacional de ecoturismo. Há a necessidade de melhorar o acesso a algumas das principais atrações e sua infraestrutura, sobretudo no Parque dos Lençóis. Para chegar até o "Saara brasileiro", como ele é conhecido, os visitantes precisam sacolejar durante 1 hora em carros com tração 4x4, partindo do município de Barreirinhas. A fim de traçar a melhor estratégia para turbinar o desenvolvimento turístico sem prejudicar a preservação dos ecossistemas, a Secretaria de Turismo do Maranhão fechou um acordo com o Ministério do Meio Ambiente para desenvolver ações, estudos e obras de infraestrutura na região.



NATUREZA

NORDESTE

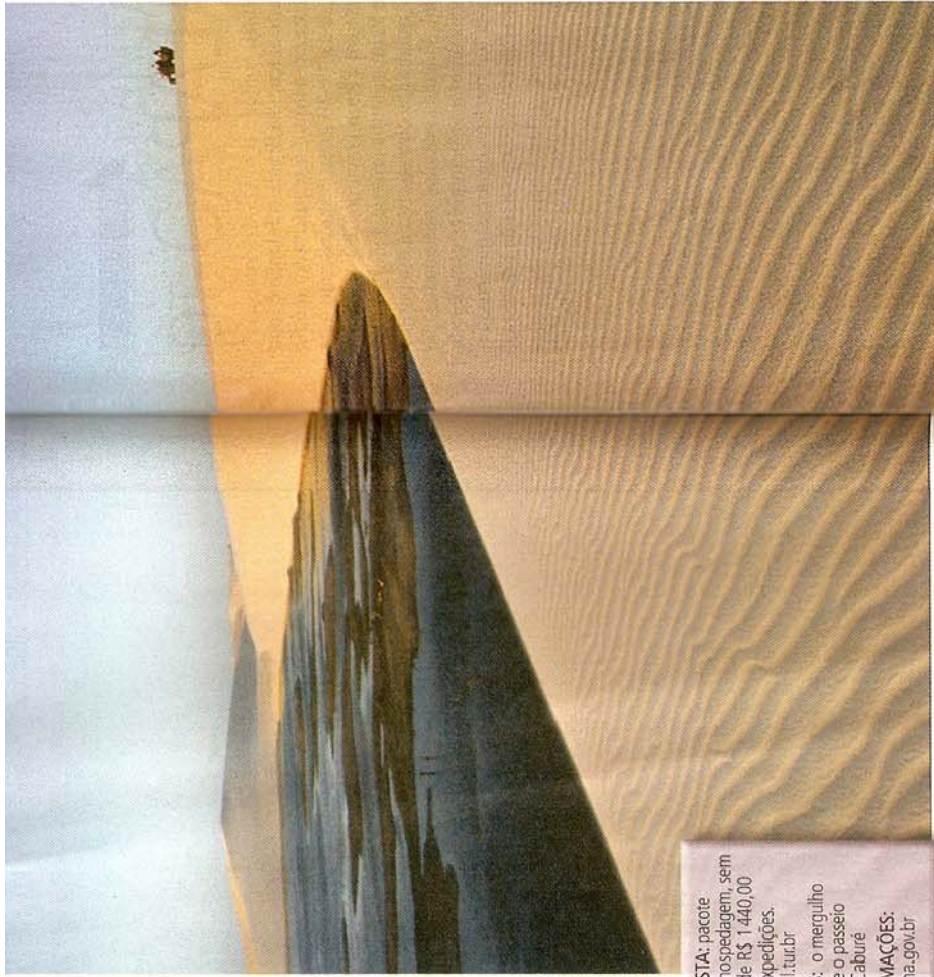


LENÇÓIS MARANHENSES - MA

Graões de areias claríssimas e dunas que chegam a atingir 40 metros de altura fazem do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses um mundo quase inóspito de 155.000 hectares. Seria um deserto, não houvesse na região belas lagoas naturais, de águas azuis e verdes, formadas pelas chuvas que caem no meio do ano. A cerca de 250 quilômetros de São Luís, o município de Barreirinhas é a principal porta de entrada para os Lençóis. Ali se concentram pousadas, bares, restaurantes e agências de turismo. De lá, partem jipes 4x4, os únicos veículos capazes de transitar pelas dunas e lagoas. Uma das mais visitadas, a Lagoa Azul

tem água doce, de coloração turquesa e cristalina e, quando cheia, profundidade que alcança 1 metro e meio. Caminhadas e mergulhos são permitidos no parque, mas a presença de um guia é essencial. Nas margens dos Lençóis são aproximadamente 70 quilômetros de praias. Uma dica é alugar um barco, lancha ou voadora em Barreirinhas para passear pelo Rio Preguiças, que chega até a Praia do Caburé. O percurso pode levar de quarenta minutos a três horas e meia, dependendo da embarcação escolhida.

- **QUANTO CUSTA:** pacote de 7 noites de hospedagem, sem aéreo, a partir de R\$ 1.440,00 na Ambiental Expedições. www.ambiental.tur.br
- **IMPERDÍVEIS:** o mergulho na Lagoa Azul e o passeio até a praia do Caburé
- **MAIS INFORMAÇÕES:** www.turismo.ma.gov.br



ED VIGGIANI/SABRA PHOTO